

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

OS DEVOTOS DO DIVINO:

- Uma Comunidade HARE KRISHNA em SP.

MARCUS ANTONIO CAVALCANTE SILVA

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia da
Universidade Federal de
Pernambuco, para obtenção do Grau
de Mestre em Antropologia, sob a
orientação do Prof. Dr. Roberto
Mauro Cortez Motta.

39
S586d
BC/PT

RECIFE, JANEIRO DE 1995

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

OS DEVOTOS DO DIVINO

MARCUS ANTONIO CAVALCANTE SILVA

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia da
Universidade Federal de
Pernambuco, para obtenção do Grau
de Mestre em Antropologia, sob a
orientação do Prof. Dr. Roberto
Mauro Cortez Motta.

RECIFE, JANEIRO DE 1995

PE-000 17213-3

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA
CEP. 50670-901 - Recife-Pernambuco-Brasil

4807/06/06/95

Acervo: 169041
IV.06

Agradecimentos,

A CAPES (*) e ao Mestrado em Antropologia da U.F.PE.,
por terem tornado possível esta pesquisa;

Ao Prof. Dr. Roberto Mauro Cortez Motta pela
indispensável orientação;

A minha mãe e aos meus irmãos Valéria e Júlio César,
pelo apoio, sobretudo nos momentos difíceis.

(*) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior,
pela concessão de bolsa de estudo.

SUMARIO

SINOPSE.....	
INTRODUÇÃO	I
I - O COTIDIANO EM NOVA GOKULA: O Processo de Adoração de Bhakti-yoga	01
II - A FORMAÇÃO DA ISKCON: Origens e Tradições.....	44
i. A ISKCON Enquanto Uma Instituição Religiosa.....	61
III - A ISKCON NO BRASIL: Surgimento, Expansão e a Construção da Comunidade de Nova Gokula.....	72
IV - O ESPAÇO SOCIAL DO MOVIMENTO HARE KRISHNA: DA Contracultura ao Orientalismo.....	94
1. Origem e Formação do Espaço do Movimento Hare Krishna.....	96
2. As Comunidades Ecológicas e a Procura do Oriente....	123
3. "Mais Realistas que o Rei" ou, ainda, mais Védicos que os Próprios Hindus.....	131
V - SER DEVOTO: A Construção de Uma Identidade	135
1. A Vida Pré-Devoção	137
2. A Conversão: A entrada no Templo.....	139
3. Iniciações: A Construção da Imagem de Um Devoto Puro	150
4. Sannyasi : O Mais Alto Posto de Um Devoto.....	160
CONCLUSÃO	164
GLOSSÁRIO.....	169
BIBLIOGRAFIA.....	174

"Não existe religião alguma que seja falsa. Todas elas respondem, de formas diferentes, a condições dadas da existência humana."

(E. Durkheim)

SINOPSE

SINOPSE

O Movimento Hare Krishna é um, dentre as inúmeras seitas orientais que surgiram no Ocidente após o movimento contestatório da contracultura dos anos sessenta. Possuindo uma população de aproximadamente oitocentos membros, atua em vinte e quatro cidades brasileiras. Esse movimento procura difundir na sociedade ocidental a milenar cultura hindu. Krishna é considerado o Deus Supremo e transmite toda sua sabedoria através das sagradas escrituras da Índia, os Vedas. Nova Gokula é a comunidade rural desse movimento no Brasil, situada na cidade de Pindamonhangaba, Estado de São Paulo. Nela, mais de uma centena de pessoas procuram viver uma vida monástica voltada à devoção a Krishna, as vinte e quatro horas do dia. O presente trabalho procura fazer uma interpretação do universo simbólico vivenciado por esse grupo de pessoas, na tentativa de entender quem são esses personagens. A utilização do universo simbólico védico é analisada não como uma busca de um "outro" distante, mas como um conjunto de símbolos ao qual são atribuídos novos significados, permitindo que a vida seja vivida de maneira singular.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma tentativa de interpretação do Movimento Hare Krishna no Brasil. Certamente não há quem não tenha visto um grupo de devotos Hare Krishna cantando e dançando em algum lugar da cidade. Com suas roupas exóticas, alaranjadas e com as cabeças raspadas, eles inegavelmente chamam a nossa atenção. Quando começamos a ouvir suas pregações, o espanto aumenta ao vermos que dedicam toda a vida à adoração de um deus em forma de menino, pastor de vacas e de cor azulada. Nossa primeira pergunta é, sem dúvida, como é possível uma religião védica, oriental, ser vivida aqui, no final do século vinte, por pessoas que não têm nenhuma tradição oriental? Por que será que essas pessoas abandonam suas origens, largam valores, famílias, empregos, e vão dedicar-se a uma religião exótica e distante? // Quais são os significados atribuídos pelos devotos dessa religião "estranha" na vivência de suas experiências cotidianas no interior deste novo universo?

O Surgimento do Movimento Hare Krishna, no Brasil, está relacionado a outros fenômenos urbanos do gênero da década de setenta e início dos anos oitenta. Trata-se de movimentos formados basicamente por jovens das camadas médias urbanas, na tentativa de buscar formas alternativas de vida. A preocupação com uma "volta" à natureza e com uma nova ordenação social são suas características marcantes. A construção de comunidades alternativas, rurais e urbanas, e o chamado "retorno" ao sagrado fazem parte dessas manifestações. Esse "retorno" ao sagrado significa, a nosso ver, uma tentativa de encontrar uma vida

plenamente significativa, contrastando com o aparente mundo sem sentido da sociedade industrial. Ele se dá, basicamente, por vias não tradicionais de relação com o sagrado, marcadamente através de seitas orientais.

No nosso entender, esses movimentos alternativos e seitas orientais atingem uma clientela não acostumada às religiões tradicionais, numa sociedade pluralista em termos de opções religiosas. Essa clientela específica, secularizada, à procura de novas maneiras de viver, de novas visões de mundo, na tentativa de fazer com que a vida tenha mais sentido, é colocada neste contexto diante de várias opções. Compõem esse universo todas as seitas orientais que surgiram após a década de sessenta, visando conquistar basicamente os jovens; as seitas esotéricas, a astrologia, os misticismos das mais variadas matrizes, o uso de drogas, as terapias de cura natural, a medicina alternativa, a macrobiótica, os vegetarianos, a valorização da vida no campo, a "volta" à natureza, etc. Apesar de muitos desses movimentos estarem afastados do mundo sagrado, a maioria acaba por desenvolver laços religiosos e místicos muito fortes.

Ao iniciarmos nosso trabalho estávamos preocupados em estudar o movimento de comunidades rurais alternativas, procurando perceber seu universo constitutivo e o significado da fuga de um grande número de pessoas para o Planalto Central brasileiro, prevendo o apocalipse iminente e procurando plantar as sementes da nova era de aquarius. Porém, no XI Encontro Nacional de Comunidade Alternativas, em 1992, um fato nos chamou atenção: das trinta comunidades presentes, dezenove possuíam algum tipo de ligação religiosa, mística ou esotérica. Dentre

estas, o Movimento Hare Krishna aparentava ser a mais estruturada, a que possuía o maior número de participantes e um universo mítico extremamente rico e desconhecido.

A partir de então, não tivemos mais dúvidas de que seria esse o nosso objeto de estudo e começamos a frequentar a fazenda Nova Gokula e o templo urbano de São Paulo. O Movimento Hare Krishna possui uma população de aproximadamente oitocentos devotos que habitam seus templos em vinte e quatro cidades do país. Nossa pesquisa teve como foco das atenções a comunidade religiosa de Nova Gokula, que significa "nova morada de Deus Krishna na Terra". Apesar do Movimento Hare Krishna não se restringir à comunidade de Nova Gokula, é nela que, diferentemente dos templos urbanos, podemos verificar uma divisão de trabalho mais pronunciada e um modo de vida voltado totalmente à devoção a Krishna, sem as conturbações dos grandes centros. Apesar disso, algumas visitas ao templo urbano de São Paulo foram necessárias para que pudéssemos tomar contato com outros devotos, principalmente os externos, ou seja, aqueles que não habitam o templo.

Sempre recebidos com muita cordialidade, íamos, primeiramente, como visitante, hospedando-nos no hotel de Nova Gokula, e procurávamos a melhor forma de aproximação. Depois desse "namoro" preliminar, partimos para uma tentativa de vivência junto aos devotos, ao menos naqueles poucos dias que duravam nossas estadias. Fizemos cerca de dez visitas curtas, de fins de semana, e três mais prolongadas, de quinze a trinta dias cada, nos meses de julho de 1992, janeiro e julho de 1993. Por

fim, vários devotos já nos confundiam com seus pares e, após desligarmos o gravador, invertiam a situação fazendo perguntas a respeito de nossas convicção religiosas e filosóficas, indagando por que não raspávamos o cabelo e íamos morar na fazenda.

Ajudar na construção das casas de abelhas, buscar leite no curral, participar dos festivais lavando o chão do templo com água carregada em baldes, aprender a comer com a mão direita (sem talheres), acordar às três e meia da manhã e praticar alguns jejuns (nem sempre cumpridos), nos fizeram perceber, de uma maneira mais próxima, o universo significativo desse grupo, seu ethos e sua visão de mundo.

Estas experiências nos levaram a perceber a extrema necessidade e validade do trabalho de campo. Porém, somente isto não bastava para a realização dos nossos objetivos, foram necessários, também, alguns pressupostos teóricos e metodológicos.

Partindo do ponto de vista de que o sagrado não é uma representação distinta das práticas sociais, mas que também fornece modelos de ação que constituem estratégias de vida, nos preocupamos em tentar perceber como a religião Hare Krishna atua para os devotos brasileiros, no sentido de provocar uma mobilização intelectual e emocional, relacionada a um modo de vida específico.

Procuraremos inicialmente neste trabalho, fazer uma análise do processo de bhakti-yoga, ou serviço devocional, como um ritual que institui, através de uma ordem simbólica, uma ordem social.

A seguir, nossa preocupação será a de compreender o

Movimento Hare Krishna enquanto uma instituição religiosa. Cremos ser importante uma breve digressão por esse universo religioso hindu para podermos entender, posteriormente, o significado que os devotos ocidentais lhe atribuem, numa vivência singular. Nesse momento, verificaremos, também, como se deu a vinda dessa religião ao Ocidente e como são suas estruturas internas. Uma análise a respeito da ISKCON (International Society for Krishna Consciousness) enquanto uma Igreja e/ou uma seita faz-se necessária para entendermos seu posicionamento no campo religioso.

No capítulo seguinte, procuraremos detalhar o surgimento, estrutura e funcionamento da ISKCON no Brasil e a construção da Comunidade de Nova Gokula. Já no próximo, analisaremos o espaço social do Movimento Hare Krishna no Brasil e suas implicações sociais e políticas. A devoção à Krishna surge como opção a um mundo aparentemente caótico e sem sentido. Entendemos essa opção enquanto uma utopia religiosa que possui suas raízes nas experiências concretas vividas no interior da sociedade mais ampla. A utilização do universo simbólico védico será também analisada não como uma busca do "outro" distante, mas como um conjunto de símbolos aos quais são atribuídos novos significados permitindo que a vida seja vivida de maneira significativa.

Por fim, no último capítulo, analisaremos a formação da identidade do devoto e a percepção de sua vivência pessoal.

Os devotos de Krishna têm, eles próprios, interpretações a respeito de si mesmos. Nosso trabalho procura

fazer uma nova interpretação, agora de segunda ou de terceira mão, mergulhando no meio das dimensões simbólicas das ações sociais em Nova Gokula. Como Geertz, procuramos entender a cultura desse grupo como um conjunto de textos, "eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem pertencem".(1)

(1) geertz, C., 1978, p. 321.

CAPITULO I - O COTIDIANO EM NOVA GOKULA:

O PROCESSO DE ADORAÇÃO DE BHAKTI-YOGA

A comunidade religiosa de Nova Gokula está situada numa área de pouco mais de quarenta alqueires(1) a aproximadamente trinta e cinco quilômetros da cidade de Pindamonhangaba, no interior do Estado de São Paulo. Aos pés da serra da Mantiqueira, apresenta uma topografia bastante irregular e um clima seco e frio, principalmente nos meses de inverno. Tal região foi escolhida para sediar a primeira comunidade rural do Movimento Hare Krishna no Brasil devido à posição intermediária dos dois principais centros urbanos do país, Rio de Janeiro e São Paulo. Mantendo raras e breves relações com a população de Pindamonhangaba, e praticamente nenhuma com o povoado vizinho de Ribeirão Grande, os contatos não poderiam deixar de ser com as grandes metrópoles, de onde vem grande parte de seus adeptos.

Ao chegar em Nova Gokula percebe-se logo o sentido desse nome - nova morada de Deus Krishna na Terra. Tudo em volta vibra com a intensidade da presença do sagrado. Os habitantes do lugar vivem como se Deus estivesse presente e é a partir de tal pressuposto que estão orientadas as vidas de todos. Cantando e dançando ao som de címbalos e de tambores, vestidos com roupas estranhas e exóticas, cor de açafrão, os devotos de Krishna aparentam, ao olhar desavisado, alguma espécie de insanidade. Tal impressão desaparece conforme se penetra em seu mundo mágico e ritualístico e se consegue perceber e compreender o que dizem e

(1) Um alqueire equivale a 24.200m².

pensam.

4 Princípios Básicos

Chegando pela primeira vez na fazenda somos logo recebidos pelo devoto encarregado dessa tarefa, que nos orienta nas regras básicas da comunidade e nos encaminha para algum setor. É muito comum a chegada de pessoas curiosas em conhecer a comunidade, sendo essa prática de orientação e encaminhamento bastante necessária. Há basicamente três tipos de visitantes a Nova Gokula. Primeiramente, aqueles que não conhecem nada, ou quase nada, do Movimento Hare Krishna e que de alguma maneira ficaram sabendo da comunidade, principalmente através dos livros, e resolveram conhecê-la. Para estas pessoas, existe um pequeno hotel e ainda uma área reservada para camping. O segundo tipo de visitante é constituído por aqueles que estão interessados em vida alternativa e comunitária. São geralmente jovens, chamados de estradeiros, que por várias razões acabam não se fixando em nenhuma comunidade. A esses dois tipos de visitantes são dadas as condições de permanência dentro da fazenda: seguir os quatro princípios básicos do Movimento ou seja, 1º) não comer nenhum tipo de carne, peixe ou ovos; 2º) não se intoxicar de maneira alguma, inclusive com chá e café; 3º) não praticar sexo ilícito (fora do casamento e sem o objetivo da procriação); e o 4º) não praticar jogos de azar. Por fim, o terceiro tipo de visitante é aquele simpatizante do próprio Movimento, que deseja conhecer a comunidade com a intenção de nela permanecer. Todos são informados que turismo não é permitido, e que se desejam ficar por mais de três dias devem participar das atividades religiosas junto aos demais devotos. Isso acaba, de certa forma, expulsando

os curiosos do segundo tipo, geralmente mais interessados em levar uma vida calma, sem austeridades.

Como um dos principais objetivos do Movimento é a pregação de suas idéias com a finalidade de transmitir a consciência de Krishna a um número maior de pessoas, todos os moradores acabam se ocupando dessa tarefa e são bastante solícitos quando questionados. Porém, a função daquele responsável pela recepção não é somente pregar para os visitantes, o que geralmente faz, acompanhando grupos de curiosos por várias horas seguidas em todos os lugares da fazenda, mas é responsável pela ocupação de cada um dentro da comunidade. É chamado de comandante. Ele procura adequar o interesse de cada um às necessidades de mão de obra dos vários departamentos. No nosso caso foi um pouco diferente, pois, enquanto pesquisador, fugíamos um pouco dos três tipos principais de visitantes. Após algumas horas de conversa com esse que foi nosso primeiro informante, começamos a andar descompromissadamente procurando captar as primeiras impressões do local.

Há um "clima védico" pairando no ar. Podemos, de repente, nos defrontar com algum grupo fazendo um kirtana (canto dos Santos Nomes do Senhor) numa alameda, crianças com as cabeças raspadas e de dhoti (roupas masculinas, de pano único) brincando, ou ainda encontrar um devoto solitário cantando japa (canto individual do mantra sagrado) em voz baixa, andando de um lado para o outro. No centro da fazenda, bem ao lado do estacionamento dos automóveis e da casa dos devotos, ergue-se imponente o novo templo, ainda inacabado, mas que já dá sinais claros de sua opulência, luxo e exotismo. A arquitetura é copiada dos grandes

palácios indianos, com amplos terraços e adornos em gesso representando os grandes símbolos sagrados védicos, pintados de branco e dourado. É no seu interior, no grande altar, que se encontram os principais personagens dessa comunidade, e para os quais estão voltadas todas as atenções de seus moradores: as Deidades. No mesmo salão, mas do lado oposto ao do altar, está situada a imagem da personalidade mais importante após o próprio Krishna: uma imagem em tamanho natural de Bhaktivedanta S. Prabhupada, fundador do Movimento Hare Krishna no Ocidente. Lá dentro há sempre uma música devocional, nem que seja tocada por meio de gravadores, muitas flores e incensos marcando, de maneira bastante característica, esse "clima védico". É comum vermos os devotos largando um pouco seus afazeres cotidianos para irem ver suas Deidades, quando o altar está aberto, mesmo que não seja hora de um ritual.

Mais do que simples imagens divinas, as Deidades são o próprio Krishna, e como tais devem ser tratadas. Quem nos explica melhor seu significado é o pujari, devoto responsável pela adoração das Deidades:

"Krishna é Deus absoluto, então Ele tem muita compaixão com a gente, mas Ele é espiritual, enquanto que nossa alma espiritual está presa num corpo material. Então, Krishna, com muita compaixão e misericórdia, se apresenta de uma forma que a gente possa vê-lo. Então não há diferença Dele com a Deidade, é a mesma coisa. E ela precisa ser tratada dessa forma, como Krishna."

De um outro devoto, um dos líderes da comunidade,

ouvimos uma explicação mais detalhada da condição limitada dos homens em suas relações com Deus:

"As Deidades seriam as formas de Krishna para as almas condicionadas, como nós, se relacionarem com Ele pessoalmente. Mas na plataforma liberada, as almas liberadas se relacionam com as formas de Krishna no mundo espiritual. E, aí, Krishna tem diversas formas: como menino, adulto, tartaruga, como rei, formas ilimitadas. A Deidade é mais para o neófito que não pode ver essas formas transcendentes. Então, Krishna aparece na forma da Deidade para desenvolver um relacionamento pessoal, a nível material (...) Krishna aceita essa forma que aparentemente é material, mas Ele está presente nelas. Elas são Krishna. Como, por exemplo, Krishna não está apenas nas Deidades, está em todos os átomos, no seu coração, no meu coração, como paramatma. E, assim, também está na forma das Deidades. (...) Sendo o Supremo, Ele é unipenetrante. Mas a Deidade tem um significado especial. A Deidade não pode ser manufaturada pela invenção de uma pessoa. Essas Deidades que nós adoramos são as formas originais de Krishna, autorizadas nas escrituras. Krishna sabe que o devoto quer se relacionar com Ele como uma pessoa, então Krishna aceita essa adoração quando Ele é chamado para dentro da Deidade. (...) Frente à Deidade, o devoto sente que é uma entidade dependente do Senhor, e à Ele deve fazer os serviços devocionais." (devoto - brâmane)

As Deidades são imagens feitas de mármore, ou até mesmo de madeira, e que para serem adoradas como o próprio Deus devem ser "instaladas". A cerimônia de instalação da Deidade é feita através de um Agni Hotra (sacrifício do fogo), quando Krishna é convidado a entrar na imagem. Uma vez estabelecida essa instalação, passa a ser uma Deidade, ou seja, o próprio Krishna. Enquanto uma simples imagem, é chamada de Murti e não requer uma adoração dentro dos padrões estabelecidos por Prabhupada. Qualquer devoto pode ter uma Murti em sua casa, em seu quarto e, se quiser, pode até fazer adorações à essa Murti. Mas quando é feita a cerimônia de instalação e passa a ser uma Deidade, não é permitida nenhuma falha no processo de adoração. Tal falha, dizem, poderia ser prejudicial e trazer malefícios.

"Se num determinado dia, por exemplo, não é possível fazer todos os rituais de adoração, a comunidade toda paga por isso, dependendo do grau de ofensa. É por isso que Prabhupada estabeleceu que a ISKCON só deveria instalar Deidades nos templos com maiores possibilidades, nos quais dificilmente poderia ocorrer tais falhas. Ele também não recomendou a instalação de Deidades em casa de devotos, mas sempre em templos".

(pujari)

Esse padrão de adoração estabelecido por Prabhupada no Ocidente já demonstra suas divergências em relação à tradição hindu. Isso se deve, sem dúvida nenhuma, ao grau de adaptação necessária que essa religião sofreu para ser introduzida em nossa

sociedade. Porém, convém ressaltar ainda, que para tornar viável a um ocidental as práticas ritualísticas hindus, foi necessária uma delimitação e definição pormenorizada de um modelo ritualístico. Na Índia há uma diversidade muito grande entre as seitas no que diz respeito à adoração, crença e rituais. Cada seita percorre, a partir de princípios comuns, o seu caminho rumo à salvação. Como cita Louis Renou em seu estudo sobre o hinduísmo, "uma ampla diversidade de modos de adorar reflete a diversidade de atitude quanto ao Divino".(2) Para um hindu, a maneira de adoração cultural tradicional. São suas raízes culturais que indicam qual é a via mais "correta" de adoração da Deidade. Para um ocidental, que não possui tais raízes, é necessária a criação de laços externos que o liguem a uma determinada via de adoração. Essa ligação é dada por Prabhupada, já que somente ele possui essa tradição védica.

Os rituais de adoração praticados pelas seitas hindus chegam a ser extremamente sofisticados e complexos.(3) Para facilitar e permitir a sua assimilação pelo devotos ocidentais, Prabhupada rompeu com as tradições e estabeleceu algumas regras básicas que devem ser seguidas por todos os templos da ISKCON no mundo inteiro. São basicamente de dois tipos: os rituais diários de adoração às Deidades, chamados de Aratik; e a cerimônia do fogo (Agni Hotra).

"Agni Hotra é o sacrifício do fogo. É nessa cerimônia que se faz oferecimento de grãos, vegetais, às vezes

(2) renou, l., 1964, p.21.

(3) Crf. Renou, L., 1964; Rochedieu, E., 1983; Eliade, M. 1993.

até de metais, de cinco metais diferentes. Alguns até mais sofisticados colocam ouro ou prata no fogo. Mas isso é muito difícil hoje em dia. Antigamente as cerimônias eram muito opulentas, se podia fazer. Hoje em dia nem manteiga se pode comprar, assim, abundantemente. Então, Prabhupada Instruiu que se fizesse uma cerimônia mais simples e padronizada, para que seja feita sempre de acordo com o gosto de Krishna (...). Essas cerimônias são feitas em diferentes situações. São feitas para a primeira iniciação, para a iniciação de brâmane (segunda iniciação), instalação de Deidade, para um casamento, para celebrar alguma festividade, alguma data importante e em outras ocasiões (...). A cerimônia em si é sempre igual, o que diferencia são pequenos detalhes em cada caso específico." (sannyasi)

Mas é para as Deidades e seus rituais diários de adoração que se voltam nossas primeiras atenções. Fazem parte do processo de **bhakti-yoga** (serviço devocional), responsável pela elevação espiritual do indivíduo. Dessa maneira, esses rituais são encarados com a maior seriedade e devoção, tal atitude chega ao ponto de, em períodos de inverno rigoroso na fazenda, o recinto das Deidades ser aquecido, enquanto que os devotos passam frio, fazendo austeridade. Em outras ocasiões, quando a situação financeira não permite muita coisa além de arroz e feijão para a refeição dos devotos, as Deidades não deixam de receber seus alimentos caros e sofisticados, com muita opulência.

"Todo esse objetivo do processo de adoração da Deidade é de despertar o amor puro por Krishna. Uma pessoa que presta tanta reverência para as Deidades, que executa grandes cerimônias ritualísticas, não deve ser considerada no mesmo nível (de uma outra que não pratica). Sem dúvida ela vai se elevar aos planos superiores do mundo espiritual. Simplesmente uma pessoa que prestou reverência para as Deidades não volta mais para esse mundo. Ela vai direto para Krishna Gokula (morada). Todo esse processo de oferecer alimento, do **aratik**, é condição especial que Krishna dá. Ele dá oportunidade para que a gente possa vê-lo. Uma pessoa que vê as Deidades, que está fazendo o **aratik**, que agrada as Deidades, se beneficia muito (...) Krishna é muito misericordioso de nos permitir adorá-lo. Assim, conforme oferecemos coisas que Ele aprecia e se satisfaz, nós nos livramos desse mundo material. Por isso é sempre bom adorar as Deidades. Krishna gosta de música, então cantamos. Krishna gosta de dança, então dançamos. Gosta de fogo, de flores e água. Gosta de **prashada**, então oferecemos **prashada**, e assim por diante. (...) Sempre que há um festival nós oferecemos às Deidades um mínimo de cento e oito pratos diferentes e saborosos. Por que cento e oito? São também cento e oito contos na japa. Tudo o que Krishna gosta tem cento e oito unidades, porque quando esteve há cinco mil anos atrás, Ele teve um passatempo com cento e oito **gopis**,

108
UNIDADES

$$\begin{array}{r} 108 \overline{) 11} \\ 18 \\ \hline 0 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 2^2 \cdot 3^3 \\ \hline 27 \\ \hline 108 \end{array}$$

as principais e preferidas de Krishna." (pujari)

Adorar Deidades faz parte da tradição védica, sendo comum cada grupo adorar uma determinada Deidade. A escolha dessa deidade, dessa forma de Deus, é condicionada pela tradição da seita seguida. dentro do hinduísmo existe uma infinidade de deuses, cada seita costuma seguir um deus apenas, adorando sua respectiva deidade. Para o Movimento Hare Krishna o deus é sempre Krishna, embora apareça de formas diferentes, relacionadas a momento diferentes da vida de Krishna ou, ainda, referente a outras encarnações de Krishna. A Deidade central do templo de Nova Gokula e que recebe seu nome é Radha Gokula Nanda, na verdade um conjunto de duas imagens que são consideradas como uma deidade apenas. São Radharani e Krishna, ou simplesmente chamada da Radha-Krishna. Ela representa Krishna na sua forma original, como um pastor de vacas, tocador de flauta e de cor azulada. Radharani é sua consorte, ou sua preferida dentre as cento e oito gopis (pastorzinhas de vacas e fontes de prazer de Krishna). Nessa forma, Krishna está com oito anos e Radharani com sete. São relatados assim nos livros sagrados quando falam dos passatempos de Krishna pelos bosques de Vrindavana (cidade em que Krishna passou sua infância).

Ainda em Nova Gokula se encontram duas outras Deidades. Uma delas, situada à esquerda de Radha-Krishna, é a Deidade de Chaitanya-Nityananda, chamada de Gouranytai. Chaitanya foi o fundador da bhakti-yoga e é tido como o precursor do Movimento Hare Krishna e da prática de cantar o mantra Hare Krishna. Viveu em Bengala há quinhentos anos atrás. Nityananda, seu irmão, foi um dos seus seguidores e responsáveis pela propagação de suas

idéias. Para os devotos de Krishna, Chaitanya foi a última encarnação do Senhor e Nityananda é tido também como uma expansão de Krishna.

"Prabhupada explica isso, quando uma pessoa importante vai viajar, ela leva uma comitiva de várias pessoas.

Quando Krishna vem à Terra, ele manda, até antes, sua comitiva especial. Todo mundo está dentro dos planos de Krishna. Todos são Krishna, são suas expansões." **sannyasi.**

A outra Deidade, situada à direita do altar é Sitarama. Esta representa uma encarnação anterior àquela considerada como forma original. Krishna veio na forma de um rei, Ramachandra, e trouxe todo seu séquito. A Deidade é composta por quatro imagens: Ramachandra, seu irmão Laksama, sua consorte Sitadeva e o servo Hanuman. Este último tem a forma de um macaco. Perguntando se ele era Krishna também, o **sannyasi** respondeu que não, que tinha vindo como um devoto de Krishna, para ajudar seus passatempos.

Cada conjunto dessa Deidades possui imagens de dois tamanhos diferentes. As de tamanho maior são as mais admiradas, vestidas com muita pompa e ostentação. Mas são com as pequenas imagens, com altura aproximada de trinta centímetros, que são feitos os banhos diários, são colocadas nas camas para dormir, etc.

A tradição de cuidar das Deidades remonta a um passado bastante remoto e, como lembra Louis Renou, tem sido prática ritualística do hinduísmo como um todo:

"Modelar o ídolo de um deus, instalá-lo no santuário,

tratá-lo como 'animado', ungi-lo, tudo isso se tornou ritos principais. A adoração, ou puja, é o ponto central da atividade religiosa e o rito consiste em receber o deus como um hóspede distinto, dar banho no deus, vesti-lo, adorná-lo e aplicar-lhes perfumes, alimentá-lo, pôr flores nele e adorá-lo com fogo imóvel acompanhado de música e canções, eis alguns dos traços essenciais do rito."(4)

O padrão de adoração estabelecido por Prabhupada começa bem cedo, pela madrugada, e deve ser seguido todos os dias, sem exceção. Os pujaris, ou sacerdotes responsáveis pela adoração, acordam às 2:30h, um pouco mais cedo que os demais devotos (3:00h) pois precisam preparar todos os elementos necessários ao ritual. Após um banho, de preferência frio (5), passam tilaka (argila sagrada), fazendo doze marcas pelo corpo. O sentido dessas marcas é de ser identificado enquanto um vaisnava e estarem ligados à Krishna. Até as crianças passam a tilaka e as mulheres, além dessas marcas, colocam um ponto vermelho na testa (geralmente só as casadas) para quando encontrarem algum homem,

(4) Renou L., op. cit., p. 21

(5) Prabhupada instruiu os devotos a fazerem várias austeridades, uma delas é acordar cedo e tomar banho frio. De uns anos para cá alguns devotos começaram a tomar banho quente e considerar que não se tratava de uma quebra no serviço devocional. No princípio foram questionados. Hoje são aceitos, mas ainda são minoria dentro da fazenda.

este não olhar diretamente em seus olhos, mas ter os olhares desviados para esta marca.

Um pouco antes das 4:00h os devotos já estão reunidos à porta do templo esperando sua abertura. Ficam cantando e dançando, geralmente recitando o Maha Mantra(6). Enquanto isso, no interior do templo, os pujaris já acordaram as Deidades com um prato de água com cravos e lavaram suas bocas. Todas essas atividades devem ser feitas ao som de mantras específicos que são restritos apenas a esses brâmanes. As Deidades são levantadas das camas, mas continuam com as roupas com que dormiram. Nesse momento são oferecidos pratos de bhoga (comida impura) que passará a ser prashada (comida purificada por Krishna que é tida como uma misericórdia do Senhor). São sempre três tipos de doces juntos a um copo de leite e outro de água. Cada Deidade tem seu prato, sua mesa (ashana), etc. Tudo isso é oferecido às Deidades e, após alguns momentos, o pujari retira os pratos e oferece para lavar a boca da Deidade, como havia sido feito antes.

Pontualmente às 4:00h as portas do templo são abertas e começa o Mangole Aratik (ritual da manhã), principal cerimônia diária dos Hare Krishnas. Ao som de uma concha tocada três vezes, os devotos entram no templo, sempre sem sapatos, ficando os homens mais à frente, perto do altar, e as mulheres mais ao fundo. A separação entre os sexos é muito forte e aparece em

(6) "Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare. Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare". Cantar o Maha Mantra Hare Krishna em conjunto é chamado de Kirtana, como é o caso aqui. Cantar isoladamente é chamado de japa.

todos os momentos e situações. Todos fazem reverências às Deidades, prostando-se no chão por alguns instantes. O ritual consiste de uma série de oferendas que são passadas primeiramente às Deidades e depois a cada um dos devotos; fogo, água, incenso e flores. O pjarí toca um pequeno sino com a mão esquerda e com a direita faz as oferendas. O fogo e as flores são posteriormente passados para um devoto que se encarrega de oferecer a todos os demais. Nessa oferenda é sempre respeitada a hierarquia interna; primeiramente são os superiores que a recebem, os sannyasis, os brâmanes, os mais idosos, e por fim os bhaktas (aqueles que não foram iniciados). Só depois que todos os homens estejam servidos é que aquele devoto passa a oferenda a uma devota e esta repete o processo com todas as mulheres.

No livro "O Néctar da Devoção", Prabhupada explica quais são as regras que os devotos devem seguir no processo de bhakti-yoga, entre elas destacamos as seguintes:

"Deve-se adorar a Deidade no templo de acordo com os princípios regulativos (oferecer **prashada**, decorar a Deidade etc.); prestar serviço pessoal às Deidades; Cantar para as Deidades; Deve-se cheirar o incenso e as flores que são oferecidos à Deidade; Deve-se ver a Deidade com grande devoção." (7)

Esse livro é como um manual de obediência dos devotos. Diz ainda sobre as trinta e duas ofensas que devem ser evitadas nesse processo de adoração às Deidades, entre elas estão:

(7) Prabhupada, B., 1979, pp 35/36.

"Não se deve entrar no templo da Deidade num carro ou com os sapatos nos pés; Não se deve evitar de prostar-se perante a Deidade; após comer não se deve entrar no templo para adorar o Senhor sem ter lavado as mãos e os pés; não se deve prestar reverências com uma só mão; não se deve deitar em frente da Deidade de Krishna; não se deve conversar em voz muito alta diante da Deidade; não se deve sentar de costas para a Deidade; etc."(8)

Nos rituais, todos procuram seguir essas regras e se, por algum acaso, alguém faz alguma coisa errada os devotos que estão por perto tentam corrigi-lo.

Durante todo esse processo de oferendas, os devotos não param de cantar e de dançar. Primeiramente cantam canções vaishnavas e alguns mantras que reforçam o papel de obediência ao Senhor e ao mestre espiritual, como estes mais cantados:

**"namâ om vishnu-padaya Krishna-presthaya bhutale simate
Bhaktivedanta-swamin iti namine."**(9)

**"Bhaja Sri Krishna Chaitanya Prabhu Nityananda, Sri
Advaita Gadadhara Srivasadi Gaura-bhakta-vrinda."**(10)

(8) Ibidem, p.44.

(9) "Eu ofereço as minhas mais humildes reverências à Sua Divina Graça A.C Bhaktivedanta Swami, que é muito bondoso com o Senhor Krishna, refugiando-me nos pés de lótus do Senhor."

(10) "Eu ofereço minhas mais humildes reverências ao Senhor Krishna Chaitanya, Nityananda Prabhu, Sri Advaita, Gadadhara, Srivasa, e a todos os seguidores do Sr. Chaitanya."

Depois da metade do ritual, que dura ao todo trinta minutos, começam a cantar o **Maha Mantra** Hare Krishna. Há sempre um devoto que "puxa" o canto impondo o ritmo e a entonação. Os demais acompanham. Os instrumentos utilizados são sempre as kartalas, pequenos címbalos de metal, e a mirdanga, uma espécie de tambor de som agudo. O **Maha Mantra** começa a ser cantado em um ritmo lento e aos poucos vai ganhando intensidade num crescimento contínuo. O ânimo e o entusiasmo dos devotos começa a aumentar e todos passam a pular com as mãos para o alto. Cria-se um clima de êxtase e por várias vezes assistimos os devotos num estado semelhante ao de possessão.

Quando o canto já está bastante alto e num ritmo rápido começam a dançar para Prabhupada saudando seu nome cantando - "Jay Prabhupada, Jay Jay Prabhupada."(11)

De repente todos param de cantar e se ajoelham no chão prostando a cabeça por entre pernas e os braços estendidos para a frente. Nesse momento, o pujari é o único que permanece de pé, terminando as oferendas com perfumes. Fazem agora uma reverência aos devotos **vaishnavas** do mundo inteiro. Logo após, sentam-se em posição de lótus e recomeçam a cantar em um tom bem mais baixo e ritmo lento. Isso dura pouco tempo, pois o ritual logo termina, os devotos fazem nova reverência a Krishna, toca-se a concha três vezes mais e as portas do altar são fechadas. Os devotos só retornarão a ver as Deidades às 7:00h. Durante esse intervalo, os **pujaris** tratam de banhar e trocar as Deidades, colocando as

(11) "Glória Prabhupada, Glória Prabhupada."

roupas do dia, com colares, braceletes etc. Quando lhes é oferecida a refeição matutina, com grandes quantidades de doces, salgados, frutas e sucos. Só é permitido a esses sacerdotes a permanência no altar, ninguém mais pode assistir a lavagem, troca e refeição das Deidades.

São 4:30 da madrugada e todos permanecem no salão do templo onde será feita a homenagem à Tulasi. Tulasi é uma planta originária da Índia que serve como tempero (é semelhante ao manjericão). dizem que Krishna é muito exigente e que se os alimentos forem preparados com **tulasi** Ele ficará muito mais satisfeito.

O ritual da **tulasi** é feito em torno de dois vasos contendo mudas da planta, um para os homens e outro para as mulheres. Novamente há conchas, fogo, incenso e flores. Todos começam a rodar em volta da planta, cantando mantras, cada um vai passando e regando o vaso com uma pequena colher. Por fim, todos se ajoelham e fazem nova reverência à **tulasi**. Ainda nessa posição são citadas por todos as dez ofensas contra o cantar do mantra Hare Krishna, que "devem ser evitadas por todos aqueles que praticam a **bhakti-yoga**".

"(1) Blasfemar, criticar ou invejar os devotos que têm dedicado suas vidas à propagação do santo nome do Senhor. (2) Considerar que os nomes de semideuses como o Senhor Shiva ou o Senhor Brahma estão ou são independentes no nome do Senhor Krishna. (3) Desobedecer às ordens do mestre espiritual. (4) Blasfemar a literatura védica ou literatura de acordo com a versão védica. (5) Considerar que as glórias de

cantar Hare Krishna são produtos da imaginação. (6) Interpretar o santo nome do Senhor de alguma maneira. (7) Cometer atividades pecaminosas apoiando-se no santo nome do Senhor, achando que depois, cantando Hare Krishna vai se livrar de qualquer reação. (8) Cantar o Maha Mantra achando que vai ter benefícios materiais. (9) Preguar para os infiéis, alguém que poderá utilizar disso para ridicularizar os devotos. (10) Não ter fé no Mantra Hare Krishna e manter apegos materiais")

"Essas dez ofensas são ofensas ao santo nome de Krishna. Quando a gente canta o Mantra Hare Krishna elimina-se de todas as impurezas que possamos ter e fica-se livre das reações carnis. Mas esse canto deve ser feito com crença, não pode ser tratado como uma coisa automática que vai purificar simplesmente."

(devoto - brâmane)

Logo após fazem um pequeno aratik ao mestre espiritual (guru aratik), voltados à imagem de Prabhupada. Sua guirlanda de flores é substituída por uma nova e a antiga é colocada em alguma pessoa presente. É tido como uma misericórdia de Krishna poder usar, ou tocar, alguma coisa utilizada pelo mestre espiritual, especialmente se forem flores. Dizem que isso ajuda à elevação espiritual. O ritual consiste em mantras devocionais ao guru, oferecimento de flores, fogo e incenso. Cada devoto, individualmente, joga um punhado de pétalas aos pés da imagem de Prabhupada e se prosta na sua frente por alguns instantes. Como em todas as outras atividades do Movimento, primeiramente são os

devotos que fazem a reverência e, por fim, as mulheres.

Chega agora a hora da aula matinal ministrada sempre pelo sacerdote de maior conhecimento que esteja no local. esse conhecimento é reconhecido pelo tempo de cada um dentro do Movimento, pelo seu envolvimento e capacidade de liderança. as aulas são sempre sobre um determinado verso do **Bhagavatan** (As matutinas) ou do **Bhagavad Gita** (as aulas noturnas), dois livros sagrados para os devotos de Krishna.

No nosso entender, essas aulas fazem parte do conjunto do ritual e como tal devem ser entendidas. Sendo assim, passamos a descrever uma aula que assistimos e que pode nos auxiliar muito na compreensão dos rituais e do Movimento Hare Krishna como um todo.

A aula começa com todos cantando o verso que havia sido colocado numa lousa. Em seguida, o sacerdote pede a algum devoto que repita o verso, e quando esse o faz todos os demais o seguem. Depois dos homens é a vez das devotas recitarem e novamente todos repetirem. Depois disso, o sacerdote lê a tradução por Prabhupada, seu significado e, posteriormente dá a aula em si, que consiste sempre numa interpretação que esse sacerdote faz da interpretação dada por Prabhupada, procurando adaptá-la à realidade de Nova Gokula.

Há uma grande discussão a respeito do papel de Prabhupada e sua fidelidade às origens. (12) Alguns teóricos consideram que Prabhupada deturpou a literatura védica,

(12) Esse ponto será discutido no próximo capítulo

principalmente no que se refere a considerar Krishna como a Suprema Personalidade de Deus(13), outros defendem seu trabalho:

"Bhaktivedanta Swami has really these (Bhagavatan) and other major texts of the vaishnava tradition accessible in a way that they were never before, and so he's made the tradition itself accessible to the West. This is an importante achievement."(14)

O importante para nosso trabalho é procurar compreender como a interpretação de Prabhupada serve enquanto um orientador, um modelo, da vida dos devotos e como se deu esse processo de adaptação ao mundo ocidental.

A aula em questão trata do verso 28-29 do capítulo 21 do Quarto Canto do Srimad-Bhagavatan.

"Manor uttanapadasya

dhruvasyapi manhipateh

priyavratasya rajarser

angasyasmat-pituh pituh

idrsanam athanyesam

ajasya ca bhavasya ca

prahladasya bales capi

krtyam asti gadabhrta"

Tradução de Prabhupada:

"Confirma isto, não apenas as evidências dos Vedas, como também o comportamento pessoal de grandes

(13) Cf. Varenne, J., 1982.

(14) Hopkins, T., 1983, 140.

personalidades como Manu, Uttanapada, Dhruva, Priyavrata e Anja, bem como muitas outras grandes personalidade e entidades vivas comuns, exemplificadas por Maharaja Prahlada e Bali, todos dos quais são teístas, crendo na existência da Suprema Personalidade de Deus, que porta uma maçã."

Após a leitura da tradução de Prabhupada, o sacerdote anuncia que lerá o significado dado por Prabhupada. Todos respondem de uma só voz: **jay Prabhupada**".(15)

"Narottama dasa Thakura (personagem desse verso) afirma que é preciso determinarmos o caminho correto para nossas atividades, seguindo os passos de grandes pessoas santas e livros de conhecimento sob a orientação de um mestre espiritual (sadhu-sastra-guru-vakya). Pessoa santa é aquela que segue os preceitos védicos, que são as ordens da Suprema Personalidade de Deus. A Palavra guru refere-se àquele que dá orientação adequada sob a autoridade dos preceitos védicos e de acordo com os exemplos das vidas de grandes personalidades (...). O caminho mais seguro na vida é seguir essa grandes personalidades, especialmente aquelas mencionadas no Srimad-Bhagavatam."(16)

O Sacerdote passa, logo após, à aula propriamente dita:

"Importante para nós é ter certeza de que esses

(15) "Glórias a Prabhupada."

(16) Prabhupada, 1976 (b). p. 96.

preceitos da consciência de Krishna não são uma invenção moderna (...). Então, a consciência de Krishna não é um processo para se experimentar. Nós não estamos experimentando nenhum processo. Simplesmente estamos seguindo o mesmo processo que foi seguido por milhares de santos desde milhares e milhares de anos. os Vedas, os sadhus, pessoas santas, e os gurus fidedignos, eles existem desde o tempo imemorial. E nós estamos, simplesmente, tentando (essa é a palavra - tentando), e é difícil por causa da nossa educação."

Após discorrer um longo tempo sobre a qualidade de nossas vidas, enquanto seres espirituais da mesma espécie e natureza de Deus, o professor fala a respeito da condição humana, afirmando a nossa dependência frente ao divino, nossa situação de seres em evolução espiritual e dificuldades para empreender tal evolução.

"O corpo está sempre cobrando, e a mente cobrando além de nossos desejos. Mesmo que nós não desejemos, mesmo assim estamos condicionados aos impulsos da mente e aos impulsos do corpo (...). Esse processo de consciência de Krishna existe desde a criação material (...). E Krishna garante que o processo dá resultado, certamente que nós temos que ser pacientes (...). Isso não significa que temos que desistir, mas significa que temos sempre que enxergar aquelas pessoas que têm sido bem sucedidas, por seguir as shastras (escrituras), e seguir o guru autorizado e fidedigno."

Depois de ressaltar a necessidade de determinação para conseguir aquilo que aparentemente é impossível, sendo perseverante e não desistindo nos primeiros reveses, o sacerdote continua:

"Para nós, que tivemos um outro tipo de educação, é às vezes difícil controlar a mente, controlar os sentidos. Mas se simplesmente aceitamos o processo, aceitando-o como fidedigno, o mais antigo, o processo da auto-realização, e se aceitamos a palavra de um guru, um guru que também está na linha da sucessão discipular, que tem um guru, que teve seu guru, assim até Krishna. E se aí nós aceitamos a palavra de Krishna, então vai ser fácil. Apesar de haver muitas dificuldades, vai ser fácil, pois vemos que elas são passageiras, temporais (...). Por isso, o melhor processo é o de seguir o caminho das pessoas santas (...). O processo de consciência de Krishna baseia-se em que você vai obter um gosto espiritual, um prazer espiritual. Esse prazer não é nenhuma invenção mental, nenhum sentimentalismo. É quando você realmente aprecia Krishna, aprecia a beleza de Krishna (...). Mas Krishna explica: a pessoa que quer voltar a Deus, aos poucos repele essa energia material, não fica mais prostado à natureza material, que está sendo controlada por maya. As pessoas acham que estão seguindo sua própria natureza, mas não é nossa natureza, é o gozo dos sentidos. Então, são escravos, servos dos impulsos do corpo. Você tem que ceder, os impulsos são mais fortes, você tem que se

render. Isso é **bhakti-yoga**."

O processo de **bhakti-yoga** consiste no conjunto de atividades devocionais à krishna, chamado de serviço devocional. Parte-se do princípio de que todos neste mundo estão em busca da felicidade em algum tipo de prazer material. Porém, a felicidade no mundo material é considerada *maya*, ilusão. Dizem que os prazeres que experimentamos não são duradouros, e sim temporários e frequentemente acompanhados de sofrimentos. Frustrados, os homens procuram recorrer a outras coisas, esperando melhores resultados, até que um dia adoecem e morrem. A verdadeira felicidade pregada pelo Movimento Hare Krishna é descrita como pura, infundável e constante. Mas esta só é encontrada na plataforma espiritual, cuja natureza é eterna. Através do processo de serviço devocional, as pessoas se elevariam gradualmente da condição material da vida para a posição espiritual, na qual o devoto se purifica e encontra a felicidade eterna. Quem fala agora é Prabhupada, comentando um verso do **Bhagavad Gita**:

"**Bhakti-yoga** é a purificação dos sentidos. Agora, na existência material os sentidos estão sempre impuros, estando ocupados em gratificação dos sentidos. Mas através da prática de **bhakti-yoga** estes sentidos podem se purificar, e no estado purificado entram diretamente em contato com o Senhor Supremo (...). Para praticar os princípios regulativos da **bhakti-yoga** a pessoa deve, sob a guia de um mestre espiritual esperto, seguir certos princípios (...). Essa prática de **bhakti-yoga**,

sob regras e regulações, com a direção de um mestre espiritual, seguramente levará a pessoa ao estágio de amor puro a Deus."(17)

A nossa aula continua, e o sacerdote fala mais uma vez da perseverança que o devoto precisa ter para com o processo de **bhakti-yoga**.

"Krishna e Prabhupada asseguram: não duvidem, o processo vai dar resultado. Continue, não desista. É garantido que você vai conseguir, se você continuar adorando Krishna, acordando cedo para vir ao **Mangole aratik**, seguindo os quatro princípios, você com certeza chegará à consciência de Krishna. E mesmo que você não tenha força para fazer isso, não consegue cantar as dezesseis voltas de Hare Krishna, mesmo assim você tem que aceitar o processo que Prabhupada recomendou. Esse é o processo: olhar para Radha Gokula Nanda, sentar aos pés de lótus de Krishna, cantar Hare Krishna. Se você vem sempre ver as Deidades, cedinho, antes da luz do sol sair, e de tarde, à noitinha, quando a luz do dia vai embora, aí você vai se apegar a Krishna. Se você lê os livros de Prabhupada, você vai se apegar com conhecimento, e não com sentimentalismo. Então esse processo vai dar resultados. Mas às vezes nós precisamos de ajuda. Então precisamos da associação com outros devotos. Se você fica sozinho é muito difícil se

(17) Prabhupada, 1976, p. 511

livrar de maya. Essa é a razão pela qual a ISKCON se formou, para purificar o Universo, para purificar o coração de todo mundo (...). Esse é o veredito das escrituras: se você segue, você vai atingir a meta. Isso é garantido, mais cedo ou mais tarde. E se você não segue, porque acha que não precisa fazer o processo como ele é, então o veredito é que você nunca vai ser feliz, nunca vai voltar a Deus. Vai ter que morar eternamente com seu inimigo, que vai entrar em sua mente e vai propor o gozo dos sentidos."

A aula vai chegando ao fim com o devoto falando sobre a existência de pessoas que procuram a especulação mental, classificando-as de más intencionadas. Para os seguidores de Krishna é impossível atingir a elevação espiritual por via própria. É necessário seguir o exemplo de mestres. Como não poderia deixar de ser termina sua aula com a afirmação de ser Prabhupada o mestre perfeito:

"Existem vários exemplos, e nós vemos Srila Prabhupada como exemplo perfeito, desde seu nascimento. Ele criou esse Movimento, deu o exemplo e o processo, e nós simplesmente temos que segui-lo.

As aulas matinais terminam sempre por volta das 5:30h. A partir desse momento os devotos se dispersam e vão executar aquele que é considerado o elemento fundamental de bhakti-yoga: cantar a japa.

Todo iniciado no Movimento Hare Krishna tem por

obrigação cantar um mínimo de dezesseis voltas de sua mala (espécie de rosário com cento e oito contas). Em cada uma das contas o devoto canta o maha mantra. São, portanto, 1.728, no mínimo, as vezes que o devoto deve cantar o verso: "Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare". Tal procedimento dura aproximadamente duas horas. Os devotos costumam aproveitar esse período matinal para cantarem suas japas, mas é muito comum vermos devotos em "débito", cantando em outros momentos do dia: "agora me dá licença que eu tenho umas voltas para cantar", ou então: "não dá tempo de fazer isso agora (referente a alguma tarefa), porque eu tenho que cantar minha japa. Encontramos, portanto, devotos cantando japa por todo o dia. Eles são capazes de cantar até enquanto estão numa roda de conversa. Entre uma frase e outra cantam um verso ao menos. O cantar da japa é sempre feito em voz baixa, nunca em total silêncio.

"Recebi então, novamente, a misericórdia de Srila Prabhupada e Krishna sob a forma de instrução que um irmão espiritual deu em relação à japa. Decidi melhorar, cantando minha japa pronunciando cada palavra e cada sílaba. Minha japa melhorou de imediato. Então compreendi que o cantar era importante e não podia ser negligenciado. Percebi que estava aprendendo um segredo crucial e confidencial, apesar de Srila Prabhupada repetir constantemente: 'cantem dezesseis voltas e evitem as ofensas ao cantar'. É uma prática. É necessário praticar. Tudo o que praticamos, o corpo

habitua-se a fazer. Cante, cante, cante!"(18)

O canto do mantra é tido com um sacrifício que os devotos devem fazer nesse mundo tão apegado à matéria. Fazendo esse sacrifício estariam se submetendo à superioridade divina, oferecendo um esforço pessoal em troca de grandes recompensas.

No dicionário Aurélio encontramos a seguinte definição de mantra: "instrumento para conduzir o pensamento; fórmula encantatória, dotada do poder de materializar a divindade evocada". Em sânscrito "man" significa mente e "tra" significa liberar. Todo mantra significa a combinação "de sons transcendentes que libera a mente da dualidade material, ou da experiência mundana de felicidade temporária associada com sofrimento".

O mantra Hare Krishna é considerado como o maha mantra, ou mantra supremo. O nome Hare indica a energia espiritual de Deus e Rama é o outro nome de Krishna, significando "o prazer mais elevado".

É dito que qualquer pessoa que cante o mantra Hare Krishna repetidas vezes, pronunciando-o com clareza e ouvindo-o com atenção obtém a paz e livra-se de todas as ansiedade.

"Existem tantos perigos neste mundo material que a pessoa pode cair de sua elevada posição a qualquer momento. No entanto, se a pessoa sempre se mantém pura e firme através do cantar do mantra Hare Krishna, ela,

 (18) Satsvarupa, 1986 (b), p. 2.

sem sombra de dúvidas, estará em segurança."(19)

Da mesma maneira que para com as Deidades, os devotos de Krishna relacionam o nome de Deus com o próprio Deus:

"O nome de Deus é idêntico ao próprio Senhor Supremo. Ao cantar os nomes de Deus o devoto entra em contato direto com Deus."(20)

"os mantras cantados em relação ao sacrifício iyotistoma (dos rituais) também são krishna."(21)

Os devotos recebem a recomendação de cantar o maha mantra a toda hora, como uma maneira de disciplinar o pensamento, que poderia "se desviar em ilusões, em maya". Mais que isso, é dito no **Bhagavad Gita** que aqueles que no momento de morte estiver "com a mente fixada em devoção no Deus Supremo, certamente alcançará a Suprema Personalidade de Deus". encontrando a salvação eterna. (22) Sendo assim, os devotos procuram sempre praticar a **bhakti-yoga** e cantar o santo nome, para que, se vierem a falecer, alcancem a salvação.

A **bhakti-yoga** recomendada pelos mestres espirituais, além de cantar o Maha Mantra, possui certas técnicas práticas para que os resultados apareçam mais rapidamente. Todo devoto deve sempre respeitar essas regras básicas, citadas por um dos

(19) Prabhupada, 1976 (b), 6.1.63.

(20) Satsvarupa, 1986 (b), p. 122.

(21) Prabhupada, 1986, p. 388.

(22) Ibidem, p. 347

informantes da fazenda:

- a) Seguir os quatros princípios regulativos da vida espiritual, também conhecidos como os quatro princípios da liberdade: não comer carnes, peixes e ovos; não se intoxicar; não praticar sexo ilícito; e não praticar jogos de azar.
- b) Cultivar conhecimento espiritual, lendo e debatendo regularmente a literatura védica apresentada por Prabhupada.
- c) Preparar o próprio alimento vegetariano como uma oferenda ao Senhor Krishna.
- d) Ajudar as atividades do Movimento Hare Krishna, oferecendo parte dos proventos ao Senhor.
- e) Associar-se com pessoa com inclinação espiritual (associação com os devotos).
- f) Tornar-se discípulo indicado de um mestre espiritual fidedigno.

Existem uma infinidade de outras regras menores que todo devoto deve seguir, porém o que é importante ressaltar é a necessidade de sempre seguir as ordens do mestre espiritual, e desta forma, não sair nunca dos caminhos indicados pela ISKCON de Prabhupada.

Geralmente os devotos cantam a japa em torno do templo, pois consideram que circungirando um templo estarão se livrando de outras encarnações neste mundo material. Relacionam o circungirar o templo com o circungirar a colina de Govardana, na Índia, costume particado pelos seguidores de Chatanya. Os devotos procuram ficar por perto do templo, também, para poderem rever as Deidades, agora trocadas com as roupas que passarão o dia.

As 7:00h o altar é novamente aberto para o Govinda

Aratik. Govinda é uma forma de Krishna considerado "aquele que dá prazer à terra, às vacas e aos sentidos". É dito por Prabhupada que "embora Govinda não se destine a satisfazer nossos sentidos, se tentamos satisfazer os sentidos de Govinda, então nossos sentidos se satisfazem automaticamente". (23) A afluência a esse aratik é menor, pois muitos devotos já estão em plena atividades nos afazeres da fazenda, ou ainda terminam de cantar suas japas.

O ritual é, em si, semelhante ao primeiro, mas percebemos mais uma vez a emoção dos devotos ao verem suas deidades, agora com novas roupas e com as guirlandas confeccionadas pelas devotas durante a aula. Essas guirlandas são colocadas tanto nas deidades como em todas as murtis que estejam no altar.

"Eu me sinto realizada fazendo as guirlandas que serão utilizadas pelas Deidades. e quando o templo abre novamente, para o Govinda, eu corro para ver Radha-Krishna com as novas roupas, trocadas, com jóias e com as guirlandas. Fico emocionada. É um relacionamento direto com Krishna. (...) Eu trabalho na cozinha do templo, e cozinhar para as Deidades é muito gratificante. É muito diferente do que fazer sankirtana (vender livros na rua). É como uma pessoa que você gosta muito, muito, você quer ficar perto dela, quer servir direto, pessoalmente." (devota - departamento de adoração)

(23) *ibidem*, p. 26.

As Deidades são trocadas duas vezes por dia e as roupas que usam no período diurno são sempre mais coloridas e enfeitadas que as de dormir. Durante a semana, uma Deidade não pode repetir a mesma roupa. Elas possuem um grande guarda-roupa e sempre que há um festival as devotas trabalham com afinco na confecção de novas vestimentas.

"Eu trabalhei uma época na adoração costurando para as Deidades. Foi uma época muito boa com muita opulência. Nós fazíamos roupas novas a cada festiva. Eu quase morria de alegria de ver as Deidades saírem nos festivais vestindo as roupas que eu tinha feito. (...)
Hoje tá mais difícil, muita austeridade, não dá prá fazer roupas tão luxuosas."(devota)

"Eu gosto muito de ver, na hora do Govinda, as roupas que Elas estão usando. É sempre uma surpresa."(devoto)

É somente após o **Govinada Aratik** que os devotos farão suas primeiras refeições, por volta das 8:00h da manhã. As refeições são sempre chamadas de **prashada**. **Prashada** significa misericórdia de Krishna e é aquela comida que foi oferecida primeiramente à Krishna e ao mestre espiritual. Em todas as cozinhas há uma foto de Krishna e de Prabhupada num pequeno arranjo, como se fosse um pequeno altar. O brâmane oferece a comida, até então chamada de **bhoga** (alimento impuro) e que passa a ser **prashada** após o canto de determinados mantras específicos. Um devoto só pode comer alimento que tenha sido oferecido. Aquela comida que havia sido oferecida diretamente às Deidades é considerada **maha prashada** (alimento supremo) e é também

distribuída entre os devotos. Dizem que a **maha prashada** purifica tanto quanto o **maha mantra**.

"No **Padma Purana** há esta declaração específica: 'uma pessoa que honra a **prashada** e a come regularmente, pode alcançar imediatamente os resultados de atividades piedosas que se obtém por intermédio de dez mil execuções de ritos sacrificiais'."(24)

"Uma pessoa em consciência de Krishna, que come apenas alimento oferecido a Krishna, pode contra-atacar todas as reações de infecções materiais passadas, que são obstáculos para o progresso da auto-realização."(25)

É muito grande a importância que atribuem à **prashada**. Sempre que chega um visitante, lhe é logo oferecido um prato de **prashada**, se possível de **maha prashada**. Internamente há até casos de disputa por "**maha**" (como costumam designar a **maha prashada**). Num certo dia de festival, presenciamos um devoto "desviar" um prato repleto de oferendas. As autoridades da fazenda foram obrigadas a repreendê-lo, porém não sabiam direito como fazê-lo pois como disseram, "ele havia levado a **maha** com a boa intenção de se purificar, o que não é pecado".

os devotos fazem apenas duas refeições por dia, enquanto que às Deidades são oferecidos alimento em muito maior frequência. Das 7:00h até às 11:40h o templo permanece aberto. Enquanto isso os **pujaris** preparam a refeição do meio dia. às

(24) Prabhupada, 1979, p. 55.

(25) Prabhupada, 1976, p. 132.

12:30h os pratos são retirados e há um novo ritual semelhante ao da manhã. Às 13:00h as Deidades são colocadas para descansar até as 15:15h. Logo após há uma nova refeição. Às 16:00h o altar é aberto com um novo **aratik** e assim permanece até as 18:30h, quando é oferecida a quarta refeição do dia. Às 19:00h há um novo **aratik** com o altar aberto. Às 19:30h os devotos saem, o altar é novamente fechado e os **pujaris** começam a trocar as roupas das Deidades, preparando-as para dormir. Às 20:30h é oferecida uma pequena refeição com leite e biscoitos. Às 20:50h os pratos são retirados e às 21:00h há pequeno **aratik** de dez minutos e logo em seguida as Deidades são colocadas na cama para dormirem.

Após o **aratik** das 19:00h há mais uma aula, dessa vez sobre um verso do **Bhagavad Gita**. Essa rotina diária devocional só é quebrada em dias de festivais. O calendário **vaishnava** é pleno de datas santificadas que são festejadas em todos os templos da ISKCON. Como esse calendário é baseado na Lua, as festas não ocorrem em datas fixas. Os festivais mais importantes são: aniversário de Chaitanya - março; Jaganata (uma forma de Deidade, que em Nova Gokula existe apenas como uma **murti**) - julho; aparecimento de Krishna - setembro; aparecimento de Prabhupada - setembro.

É costume, nesses festivais, fazer uma cerimônia de fogo (**agni hotra**) e uma lavagem na Deidade festejada **puspa absheka**. Esse é o único banho da Deidade que é permitido a todos assistir. Após o banho a deidade sai do altar e faz um passeio, com todos os devotos cantando e dançando em volta.

Esses festivais relembram e revivem passagens

importantes dos livros sagrados que contam a história e os passatempos de Krishna. Faz-se assim a reversão, como chamou Mircea Eliade: "o tempo sagrado é pela sua natureza própria reversível, no sentido em que é, propriamente falando, um tempo mítico primordial tornado presente".(26) A vivência de uma festa permite a saída de um tempo linear, de uma duração temporal ordinária, permite a reintegração do tempo mítico reatualizado pela própria festa.

O devoto Hare Krishna é um ser caído, considerado da mesma natureza do divino, do absoluto, mas caído na ilusão material. Para esse devoto vale o que Eliade observou a respeito do homem religioso:

"Ele só se reconhece verdadeiramente homem na medida em que imita os deuses, os heróis civilizadores ou os antepassados míticos. Isto é o mesmo que dizer que o homem religioso se quer diferente do que ele acha que é no plano de sua existência profana. O homem religioso não é dado: faz-se a si próprio, ao aproximar-se dos modelos divinos."(27)

Isso equivale a viver o mais perto possível do mundo dos deuses, da perfeição de Krishna. Revivendo e recriando o tempo mítico dos livros védicos sagrados, estão saindo do tempo histórico, construído pelos homens e cheio de problemas, para se refugiarem no "tempo da origem", aquele que pode ser

 (26) Eliade. M., s/data, p.81.

(27) Ibidem, p. 112.

indefinidamente recuperável. O mundo e o tempo de Krishna são perfeitos. Os devotos, ao reviverem esse mundo e esse tempo, ao adorarem as Deidades diariamente, estão mergulhando num tempo que é eterno, sagrado e indestrutível. Mas, ao mesmo tempo estão fundando as suas condições de seres humanos que buscam um modelo primordial.

"Para ele (o homem religioso) é o tempo sagrado que torna possível o outro tempo, ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a humana existência. E é o eterno presente do acontecimento mítico que torna possível a duração profana dos eventos históricos".(28)

A bhakti-yoga é esse processo ritualístico que permite a aproximação dos deuses e a participação do ser. "É graças a este 'eterno retorno' às fontes do sagrado e do real que a existência humana lhe parece salva do nada e da morte."(29)

Os devotos de Nova Gokulã vivem uma realidade altamente sacralizada, num espaço sacralizado, na vivência diária dos rituais sacralizados e na convivência com outros devotos que é a fonte de experiência e aprendizado do sagrado.

"Esse sagrado revela a realidade absoluta, e ao mesmo tempo torna possível a orientação, portanto funda o mundo, neste sentido que fixa os limites e por consequência estabelece a ordem cósmica."(30)

(28) Ibidem, pp. 101/102.

(29) Ibidem, p. 119.

(30) Ibidem, p. 44.

Toda essa vida cotidiana altamente ritualizada dos Hare Krishnas só pode ser por nós apreendida na medida em que percebemos melhor o que dizem esses ritos. Acreditamos que tal empreendimento será possível se adotarmos a posição de Geertz, de que a Antropologia deve sempre perguntar qual é a importância do ritual estudado, "o que está afinal sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência".(31)

Para Geertz a função do ritual é interpretativa, é uma leitura da experiência do grupo, "uma história sobre eles que contam a si mesmos".(32)

A nosso ver, tal perspectiva também é compatível com a visão de Bourdieu na análise que faz dos ritos como atos de instituição.

"Instituer, assigner une assence, une compétence, c'est imposer un droit d'être qui est un devoir être (ou d'être). C'est signifier à quelqu'un ce qu'il est et lui signifier qu'il a à se conduire en conséquence. L'acte d'institution est un acte de communication mais d'une espèce particulière: il signifie à quelqu'un son identité, mais au sens à la fois ou il la lui exprime et la lui impose en l'exprimant à la face de tous et en lui notifiant ainsi avec autorité ce qu'il est et ce qu'il a à être".(33)

(31) Geertz, C., 1978, pp 20/21.

(32) Ibidem, p. 316.

(33) Bourdieu, p. 1982, p. 60.

Devemos ter em mente a eficácia simbólica dos rituais, isto é, o poder que têm de agir sobre o real, agindo sobre uma representação do real. O ritual é uma encenação constantemente repetida e portadora de uma tal crença na sua legitimidade que pode levar os devotos a acreditar como natural aquilo que é instituído socialmente. Essa é a magia social que Bourdieu atribuiu aos rituais.

Através dos rituais de adoração diários de bhakti-yoga, entendendo aqui como ritual diário o conjunto de adorações às Deidades, adoração à tulasi, ao mestre espiritual, à aula, o canto do mantra Hare Krishna, comer prashada etc., os devotos estão constantemente dizendo a eles mesmos quem eles são, quais são suas posições sociais, quais são suas obrigações, enfim, que eles existem de uma maneira peculiar.

Consideramos as aulas como parte dos rituais porque além da sua característica eminentemente racional e explicativa possuem um poder altamente simbólico. O devoto que dá aula está sempre sentado no mesmo lugar, perto da imagem da Prabhupada, sobre um banco aveludado, do tipo baixo para se sentar em posição de lótus, fala microfone, tem sempre um copo d'água a seu lado e todos os demais devotos estão sempre sentados em profundo silêncio e atenção. Todos esses elementos são fortemente carregados de significados. A aula é sempre sobre um verso sagrado, palavra de Krishna que foi revelada aos homens; a tradução desse verso é sempre a de Prabhupada; os comentários são sempre de Prabhupada. Apesar de ter sido tema da aula por nós escolhida, a mensagem que está sempre latente e implícita nessas

aulas é de que os devotos devem sempre obediência ao mestre espiritual. O professor, no caso, é relacionado como o mestre que dá instruções. Os discípulos de Nova Gokula quase nunca têm contato com seu verdadeiro mestre espiritual. Através das aulas acabam tendo contato com Prabhupada, tido por todos como o grande mestre da ISKCON. Este, por sua vez, se coloca como pessoa autorizada a falar em nome das sagradas escrituras. Essa linha de legitimidade de autoridade do mestre é chamada de sucessão discipular e é algo que liga o devoto, enquanto um simples discípulo, à Krishna, passando pelo mestre espiritual, por Prabhupada, Chaitanya e por todos os demais que "trouxeram a verdade absoluta" até os dias de hoje. Isso fica claro em vários momentos do ritual em que os devotos fazem adoração e cantam mantras ao mestre espiritual. A hierarquia é forte e deve ser sempre respeitada. No próprio altar, abaixo das Deidades, há um conjunto de fotos dos quatro mestres antecessores de Prabhupada e que são, também, constantemente lembrados. As aulas dizem sempre aos devotos que eles são pessoas imperfeitas, sempre tendendo a cair na "tentação de satisfação dos sentidos", mas que através de uma rígida disciplina, a **bhakti-yoga**, e a obediência a um superior poderão alcançar o absoluto, a elevação espiritual e perfeição de Krishna.

Os rituais de adoração, os aratiks, também têm esse poder de "instituir", como diz Bourdieu, uma divisão, consagrando como legítimo aquilo que é arbitrário. Nesses rituais fica clara a posição de cada um, a hierarquia; quem recebe primeiramente as oferendas, quem comanda o canto dos versos, quem cuida das Deidades, etc. O ritual instaura um limite que estabelece uma

divisão fundamental de ordem social. Esse limite separa os devotos **vaishnavas** dos demais seres humanos, e o ritual ao instaurá-lo, consagra a diferença; ele institui o devoto na qualidade de devoto, portanto, aquele que está de acordo com a vontade de krishna, aquele que encontrará o abrigo espiritual, e o não devoto, aquele que está em **maya**, em atividades pecaminosas. O ritual institui ainda a hierarquia, que os mestres estão acima dos discípulos, que os **sannyasis** estão acima dos **bhaktas**, que os homens estão acima das mulheres, etc.

Para Geertz, a função maior do ritual não é simplesmente reforçar a discriminação do status, já que esse reforço não é necessário numa sociedade que demonstra essa discriminação a cada momento. O mais importante é que o ritual fornece um "comentário metassocial sobre todo o tema de distribuir os seres humanos em categorias hierárquicas fixas e depois organizar a maior parte da existência coletiva em torno dessa distribuição". (34) Tratar os ritos como meio de "dizer alguma coisa sobre algo" é salientar o aspecto de utilização da emoção para fins cognitivos. Para Geertz a sociedade é constituída, também, com essas emoções e os indivíduos se congregam, se relacionam, em meio a esses aspectos fundamentais. O ritual diz qual é a aparência que tem o ethos da cultura do grupo e como que o indivíduo se situa, em relação a esse ethos, com a coletividade.

Ao participar constantemente dos rituais, dia após dia,

(34) Geertz, C., op. cit., p. 316.

o devoto se familiariza com ele e com o que este tem a transmitir. Eles abrem a porta da subjetividade dos envolvidos no ritual. Encarando os rituais da **bhakti-yoga** como "absorventes" (35), os devotos se estretêm como numa peça de teatro na qual é dramatizada a vida e a condição da existência do grupo. O devoto descobre, participando do ritual, o seu "temperamento e o temperamento de sua sociedade ao mesmo tempo". (36) o ritual absorve e cataliza a atenção de todos através de um ponto que não é explicativo e racional mas sim, subjetivo e emocional.

Os devotos costumam usar muito a palavra "extático" para definir algum acontecimento ou coisa que tenha sido satisfatório. A adoração às Deidades é considerado o ápice do extático. Quando assistimos a um ritual Hare Krishna logo percebemos o sentido dessa palavra. O clima geral de envolvimento é de êxtase.

"Foi a primeira vez que eu fui num templo que eu vi mesmo a forma de Krishna. De repente uma intuição um tanto mágica, um sentimento. Foi muito extático. Porque o sentimento de amor é algo assim; é um sentimento natural, eu senti uma afeição, eu gosto de ver o jeitinho dele, de Krishna." (devota)

As formas de vestimenta, as pinturas no corpo, o **kanti** (colar de pequenas contas da planta **tulasi**), são fortes elementos para fazer o devoto se sentir em êxtase sagrado. Se aliarmos a

(35) Ibidem, p. 298.

(36) Ibidem, p. 320.

isso a própria música devocional, a dança e o cheiro de incenso, teremos um forte componente de atração emocional. Outro fator muito importante, e por nós já apontado como o momento central do ritual de devoção, é o canto do mantra Hare Krishna. Ficar duas horas, ou até mais, recitando o mesmo mantra, em voz baixa e com a mesma entonação, conversando com seu interior, não só tem o poder de "livrar a mente dos pensamentos pecaminosos", como faz o devoto se livrar de qualquer outro pensamento que não o da devoção. O resultado de tudo isso a nível concreto é a constituição de um modelo de comportamento ético orientador da vida de todos os moradores.

Não existe a possibilidade do amor, ou afeição, entre duas pessoas. Todo amor deve ser canalizado em amor puro por Krishna. Sendo o sexo aceito apenas para procriação, todo prazer erótico deve ser canalizado por outras vias. Victor Turner ao analisar o lado "communitas" do movimento de Chaitanya na Bengala do século XVI, aponta para o fato da identificação amorosa se dar com Krishna e seus passatempos prediletos.

"Chaitanya ficou extasiado com a dança de Krishna e com a corte subsequente às **gopis**. (...) Uma das principais práticas entusiásticas que acentuou foi uma meditação ardente na qual o adorador se identificava sucessivamente com vários parentes e amigos e amantes de Krishna.

Por exemplo, seus pais adotivos, que lhe tinham afeição paterna; seu irmão, que o considerava com amor fraterno e lealdade de camarada; e, principalmente, as **gopis** das

quais Krishna foi amante e amado."(37)

Muitos devotos chegam a reconhecer que quando se sentem emocionalmente perturbados e com desejo sexual aguçado, procuram refúgio na adoração da Deidade.

"Ai a gente fica olhando para Radharani e sente aquele amor tão puro, tão elevado, que a gente se sente melhor." (devota)

Essa orientação sentimental é explícita dentro do Movimento, uma vez que o próprio Prabhupada aconselha-a:

"A atração das aventuras amorosas fundamentadas no sentimento sexual é a característica original da Suprema Personalidade de Deus, e como nós, as almas condicionadas, somos partes integrantes do Supremo, também temos tais sentimentos, só que os experimentamos numa condição diminuta e pervertida. Por isso, quando aqueles que andam em busca de vida sexual neste mundo material ouvirem sobre os passatempos de Krishna com as **gopis**, eles saborearão o prazer transcendental, muito embora isso possa parecer ser materialista. A vantagem será que eles se elevarão gradualmente à plataforma espiritual. No **Bhagavatan** se afirma que se uma pessoa ouvir os passatempos do senhor Krishna com as **gopis** da parte de autoridades e com submissão, então ela será promovida à plataforma de serviço transcendental amoroso ao senhor, e a doença material de luxúria dentro de seu

(37) Turner, V., 1974. pp 189/190

coração será completamente superada. Em outras palavras, isto neutralizará a vida sexual material."(38)

Para os devotos de Krishna, os vedas ensinam como viver, como as pessoas devem satisfazer seus desejos, que temos um corpo e somos uma alma espiritual. Para eles esse mundo material é pleno de necessidade de satisfação dos desejos materiais, sendo essa vida passageira, a satisfação desses desejos deve ser vista também como passageira.

"Os vedas têm a finalidade de fazer lembrar, através de sacrifícios, de que agora pode desfrutar, mas como permissão de deus, e aí você lembra que isso é passageiro. Esses sacrifícios para Krishna, para Vishnu e para os semi-deuses, ensinam como se relacionar e manter uma conduta, para que quando acabar alcançar a felicidade. Quando você faz um sacrifício está se purificando. A comida que você come é um sacrifício a Vishnu, purifica os sentidos da memória e aí você compreende Krishna (...). Nós comemos, e isso pode ser um desfrute, então Krishna falou: 'Tudo bem, você pode desfrutar, mas antes ofereça essa comida'. Isso é um sacrifício, porque você quer oferecer primeiro para Krishna, por amor. A relação sexual também deve ser assim, quando queremos filhos. Então nós vemos que a

(38) Prabhupada, 1977, vol. I, p. XXI.

gente pode satisfazer o desejo sexual, o desejo de comer, mas sempre com a permissão, com a bênção de Krishna. E com isso vai se purificar, mesmo satisfazendo os desejos materiais. Você reconhece o dono, você volta àquela posição original em que não tínhamos nenhum desejo independente de Krishna." (devoto - brâmane)

Comer é uma das poucas atividades carnais permitidas, e até incentivada (comer **prashada**). Percebemos, então, que a refeição pode ser vista como um momento de extravasamento e de satisfação da gula. Mas, para o devoto, não se trata de um prazer corporal, mas sim de um alimento espiritual que fortalece sua alma e o aproxima de Deus. O ritual da **bhakti-yoga** diz ao devoto como esse deve satisfazer seus desejos, como deve sentir prazer, como se relacionar amorosa e afetivamente. Enfim, é um texto sobre os devotos, contando suas vidas e como devem proceder a cada momento, que eles mesmos interpretam a si próprios.

Devemos ressaltar, ainda, que esse texto da **bhakti-yoga** possui um poder de persuasão extremamente poderoso. Ele se relaciona, através do lado emotivo e sentimental, com algo que foi classificado por Rudolf Otto de numinoso, provocando um sentimento de dependência de criatura frente ao criador. (39) Esse sentimento provoca nos devotos a sensação de estarem sempre a uma posição inferiorizada em relação à Krishna, em constante atividade pecaminosa que deve ser evitada. São, portanto, seres

(39) Otto, R., 1980.

caídos em busca de um auxílio, de salvação, da revelação e da manifestação da verdade absoluta.

Para Rudolf Otto o sagrado, o numinoso, não pode ser explicado racionalmente, não pode se desenvolver em conceitos. Só pode ser apreendido "por el peculiar reflejo sentimental que provoca en el ánimo". (40) Para classificar tal sentimento utilizou a expressão "mysterium tremendum".

"Consideremos lo más hondo e íntimo de toda conmoción religiosa intensa, por cuanto es algo más que fe en la salvación eterna, amor o confianza; consideremos aquello que, prescindiendo de estos sentimientos conexos, puede agitar y henchir el ánimo con violencia conturbadora; persigámoslo por medio de los sentimientos que a él se asocian o le suceden, por introyección en otros y vibración simpática con ellos, en pos arrebatos y explosiones de la devoción religiosa, en todas las manifestaciones de la religiosidad, en la solemnidad y entonación de ritos cultos, en todo cuanto se agita, urde, palpita en torno a templo, iglesias, edificios y monumentos religiosos. La expresión que más próxima se nos ofrece para compendiar todo esto es la 'mysterium tremendum'. (41)

O mistério religioso designa aquele que está oculto,

(40) Ibidem, p. 22.

(41) Ibidem, pp. 22/23.

que não é concebido nem compreendido, o extraordinário. Esta realidade manifesta-se exclusivamente nos sentimentos. É um mistério tremendo porque provoca um sentimento do nada, de impotência em face da superioridade absoluta do poder.

"É difícil explicar o que é Krishna para mim. Nem os semi-deuses conseguem explicar. Sei lá. É alguma coisa que eu sinto. É alguém muito forte, muito poderoso."

(devota - brâmane)

"Eu gosto muito de Krishna e fico fascinado com os relatos dos Seus passatempos. Agora, eu sinto que os escritos que contam os passatempos de Krishna são muito complexos para a gente realmente entender." (devoto)

"Eu sinto que Krishna está muito longe e eu tenho toda uma vida para chegar a Ele. Eu não posso deixar de tentar. se um dia eu deixar de tentar é porque eu estou fraco espiritualmente (...) Krishna é o todo poderoso e nós somos poeirinhas no Universo." (devoto)

O processo de **bhakti-yoga**, apesar de colocar o devoto em relação direta com a divindade, apresenta muito de misterioso, de exótico, de distante. Os próprios símbolos védicos tradicionais exaltam essa qualidade de misterioso. Permanece algo sempre distante, nunca totalmente acessível. Os mantras são cantados repetidamente sem uma profunda compreensão de seus significados, do significado da língua sânscrita. Dentro do nosso ponto de vista, o sentimento de "mysterium tremendum" que o ritual exalta, institui e comunica aos devotos, é o elemento formador da subjetividade dos membros da comunidade. Faz parte da

constituição do ethos específico do grupo.

Se a esse elemento emocional, subjetivo, juntamos um modo explicativo da realidade que a religião formula, podemos chegar ao que Geertz definiu como "realizações culturais". (42) O processo de **bhakti-yoga** é um exemplo marcante de como um ritual religioso pratica a fusão simbólica do ethos com a visão do mundo.

"São principalmente os rituais mais elaborados e geralmente mais públicos que modelam a consciência espiritual de um povo, aqueles nos quais são reunidos, de um lado, uma gama mais ampla de disposições e motivações e, de outro lado, de concepções metafísicas."(43)

A força do ritual enquanto um texto através do qual os membros da comunidade interpretam a si mesmos está justamente no encontro das "disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados aos homens", seu ethos, com "as concepções gerais da ordem de existência que eles formulam", sua visão de mundo. Os **aratiks**, a **japa**, as **aulas** e a **prashada**, ao mesmo tempo que dizem aos devotos o que e de que maneira sentir, explicam a visão de mundo específica, uma compreensão intelectual do universo, da vida e da realidade. Ouvir os passatempos de Krishna com as **gopis** e, ao mesmo tempo, adorar Radha-Krishna é uma maneira de explicar e sentir a relação do devoto frente ao divino, sua posição dentro

(42) Geertz, C., op. cit., p. 129

(43) Idem, Ibidem.

da comunidade, seu modo de comportamento. Enfim, é uma maneira de dizer que ele é.

CAPITULO II - A FORMAÇÃO DA ISKCON: ORIGENS E TRADIÇÕES

O MOVIMENTO DE CHAITANYA; PRABHUPADA; E A FORMAÇÃO DA ISKCON

Tido com uma das encarnações de Krishna, a última em forma humana, Chaitanya apareceu na Bengala, no final do século XV, e promoveu uma grande transformação social. Chaitanya é o responsável pela popularização da forma de serviço devocional que encontramos hoje na ISKCON. Ao mesmo tempo em que simplificou o processo de auto-realização, tornando-o acessível a milhares de pessoas, Chaitanya empreendeu um longo trabalho de compilação do pensamento de vários filósofos **vaishnavas** anteriores a ele. A prática de **vaishnavismo** já existia desde o século XII, porém restrita aos brâmanes de casta. Na época de Chaitanya, a Bengala passava por momentos de grandes transformações e perturbações da ordem instituída. Havia sido saqueada por estrangeiros com cultura e religião extremamente diferentes. Primeiramente foram os turcos que invadiram a região dos hindus (séc. XII). Quando os muçulmanos tentaram impor sua própria religião, os brâmanes procuraram manter a ordem social endurecendo a rigidez do sistema de castas e sua dominação religiosa. A população passou, então, por um período de escravidão e severas restrições causadas por ambos os lados; os estrangeiros e os próprios hindus.(01) A religião hindu acabou ficando cada vez mais restrita e esses poucos brâmanes, caracterizada por cultos esotéricos e fechados. O **vaishnavismo**, enquanto uma oposição a essa situação, começou a

(01) Judah, J., 1974, p. 33.

crescer de importância e passou a ser o movimento mais significativo na Bengala. Em princípio com um número reduzido de participantes, os vaishnavas se reuniram na casa de algum deles para praticar a devoção espiritual a ler a literatura védica, principalmente o Bhagavatam.

Outras mudanças sociais e econômicas faziam parte desse quadro de conjuntura da Bengala no final do Século XV. O comércio de especiarias orientais com a Europa apresentava um crescente dinamismo, principalmente através de Calcutá. É justamente nessa região que em 1486 nasce Chaitanya Mahaprabhu, de uma família bramínica. Desde pequeno demonstrou ser um grande estudioso e, aos vinte e dois anos, conheceu Isvara Puri, um famoso asceta, que se tornou seu guru e lhe ensinou o mantra Hare Krishna. Chaitanya começou a incentivar o canto do maha mantra em praças públicas, organizando grandes sankirtanas. Pregava que qualquer um poderia cantar os nomes do Senhor, antes restritos apenas aos brânames de casta. Foi perseguido e preso pelo governo muçulmano. Depois de solto, empreendeu uma viagem por várias cidades da Índia, pregando essa nova postura religiosa.

Chaitanya era considerado por muitos um avatara (encarnação de Krishna) ou antes, "uma encarnação conjunta de Krishna e sua bem-amada ordenhadora Radha, sendo a totalidade humana representada em forma bissexual, transcendendo todas as distinções culturais e sociais de sexo".(02)

Para Victor Turner, o movimento vaishnava de Chaitanya

(02) Turner, V., op. cit., p. 189

representava um amor ao mesmo tempo divino e ilícito, simbolizando uma "communitas". A quebra da estrutura da época e o não reconhecimento das distinções hierárquicas, demonstrava o caráter "communitas" do movimento.

Depois da morte de Chaitanya Mahaprabhu, o movimento sofreu um declínio, tendo se dividido em duas correntes. Um ramo seguiu o exemplo do irmão e companheiro íntimo de Chaitanya, Nityananda. O outro ramo seguiu Advaita-acharya, um dos primeiros e principais devotos de Chaitanya. Para Advaita, a "salvação" operava-se pela gnose, não pela devoção, e implicava a aceitação da estrutura social na forma presente".(03) Por outro lado, Nityananda não aceitava essa visão passiva e conservadora e propunha seguir as atividades de seu irmão: "acreditando que todo homem, independentemente de casta e de crença, poderia obter a salvação pela devoção pessoal a Krishna e a Radha, acentuava o aspecto missionário do vaishnavismo".(04)

Ao mesmo tempo, em Vrindavana, cidade natal de Krishna seis goswamis, a pedido de Chaitanya, continuaram seu trabalho. São esses seis gosuwamis os responsáveis pela redação do livro Chaitanya-charitamrta, a biografia de Chaitanya.

"These early devotees passed their teachings on to their own followers, who later did the same, and in this way the philosophy and practice attributed to

(03) Turner, V. op. cit., p. 194

(04) Ibidem, p. 194

Chaitanya has come down to the present day."(05)

A principal lição de Chaitanya seguida pelos devotos da ISKCON nos dias de hoje é a da necessidade de se cantar os nomes do Senhor, ou o maha mantra. Para eles, a popularização do mantra Hare Krishna foi a maior obra deixada por Chaitanya.

Apesar desse acesso a uma quantidade maior de pessoas, o movimento vaishnava foi sempre praticado por um pequeno número de pessoas na Índia. A maioria das seitas hindus adora Shiva como o Senhor Supremo.

No final do século XIX, um discípulo vaishnava, Bhaktivinode, resolveu formar uma instituição que congregasse todos os devotos de Chaitanya e propagasse sua filosofia e suas práticas. Essa associação ficou conhecida como Missão Gaudiya Vaishnava e se auto denominava descendente direta de Jiva Goswami, um dos seis goswamis de Chaitanya. O filho de Bhaktivinode, Bhaktisiddhanta, até então um professor de matemática e astronomia, renunciou à academia e seguiu os passos do pai. Fundou a Gaudya Math Institute for Teaching Krishna Consciousness em 1918, com o intuito de propagar as idéias de Chaitanya para o mundo britânico, de língua inglesa. Na época, a Índia era uma colônia da Inglaterra.

A Gaudy Math foi uma organização que tentou enquadrar nas regras de uma instituição o serviço devocional vaishnava. Até então, era prática comum entre os seguidores de Krishna, como ainda é para todos os seguidores de outros deuses, que cada

(05) Knott, K., 1986, p. 27.

mestre deveria sair pregando, formando discípulos à sua volta. Não havia nenhum organismo que regulamentasse a devoção a Krishna. A **Gaudiya Math** procurou criar esse organismo em que cada seguidor deveria estar de acordo com as ordens do mestre; desde as colocações de Chaitanya, até as do mestre presente na Terra naquele momento, Bhaktisiddhanta. É bom lembrar que o mestre espiritual, ou **acharya**, deve estar sempre de acordo com as escrituras, ou ensinamentos de Krishna, sendo este, portanto, o grande mestre que todos deveriam seguir.

Com a morte de Bhaktisiddhanta o Movimento **Gaudiya Math** se defez, uma vez que cada discípulo procurou seguir seu próprio caminho, tornando-se um novo guru. Um desses discípulos foi A.C. Bhaktivedanta S. Prabhupada, ou Abhay Charan de como era então conhecido. Farmacêutico, casado e com um filho, Prabhupada somente tomou a ordem de **sannyasi** aos sessenta e quatro anos, em 1959. A partir desse momento dedicou-se ao que seu antigo mestre lhe havia formulado várias décadas antes: difundir a mensagem de Chaitanya no mundo ocidental e imprimir os livros sagrados védicos, traduzindo-os e tornando-se acessíveis ao grande público.

Prabhupada veio ao Ocidente em 1965, inicialmente a Nova Iorque, e começou sua pregação entre os jovens. "He talked with them about the **Bhagavad Gita**, which some of them had heard of. He made them chant mantras".(6).

Em 1966, já com um pequeno grupo que o acompanhava, Prabhupada instalou o primeiro templo ocidental, no centro de

(6) Ibidem, p. 31.

Nova Iorque e fundou a International Society for Krishna Consciousness (ISKCON). Em setembro do mesmo ano já começava a dar as primeiras iniciações.

Prabhupada veio ao Ocidente sozinho e sem recursos. Contando apenas com a ajuda desses devotos iniciais, o Movimento se alastrou pelos principais centros da juventude dos EUA, principalmente Califórnia, e logo em seguida pela Inglaterra. Em 1969 o Movimento ganhou uma ajuda com a adesão de George Harrison, John Lennon e Yoko Ono. George gravou o maka mantra e o disco alcançou as primeiras colocações na parada de sucessos da BBC de Londres.

Logo após a inauguração do templo de Londres, Prabhupada declarou sua intenção de formar uma comissão central para controlar a ISKCON. Em julho de 1970 foi fundado o GBC, Governing Body Commission, composto pelo mais ativos discípulos de Prabhupada, além dele próprio. Os templos e os centros de adoração deveriam ser auto-suficientes financeiramente, mas o GBC seria responsável pelo padrão de adoração empregado em cada um deles e pelos rumos da ISKCON de um modo geral.

Ao mesmo tempo, Prabhupada fundou a BBT, Bhaktivedanta Book Trust, editora de seus livros e responsável pela estrutura e financeira da ISKCON. A construção de templos pelo mundo inteiro e a criação de escolas para difundir a cultura védica são incumbências da BBT.

Na década de setenta o Movimento Hare Krishna experimentou seu grande ápice, tendo se expandido por diversos países em vários continentes: Europa, África, Austrália, América

do Sul, América Central, Israel, Irã, Sudoeste Asiático e na própria Índia. Neste país é interessante notar que a ISKCON começou a ser propagada por devotos de outras nacionalidades, principalmente norte-americanos.

Com a morte de Prabhupada, em 1977, a ISKCON recebeu um grande golpe que veio abalar suas estruturas até os dias de hoje. Prabhupada deixou a incumbência de iniciar novos devotos (responsabilidade específica do mestre espiritual) a somente onze discípulos que se tornaram os novos gurus do Movimento. Foram criadas onze regiões territoriais e cada mestre ficaria responsável por uma delas. O Brasil e o restante da América do Sul ficaram ligados à região de Miami, sob o comando de Hridayananda Acharyadeva, um jovem norte-americano iniciado por Prabhupada. Alguns desses novos gurus começaram a seguir linha própria, deixando de lado as instruções de Prabhupada. Houve até um caso recente de uma comunidade inteira nos EUA se desligar da ISKCON, procurando uma via própria de devoção a Krishna.

"Para a sociedade (ISKCON) manter-se unida, vai ter de seguir à ele (Prabhupada) como o principal acharya, o principal guru. E é isso que a gente não consegue. Para nós ocidentais, que herdamos essa cultura, é muito difícil seguir essa instituição e trabalhar junto. Você já deve ter ouvido falar do 'Palácio de Ouro' em Nova Vrindavana (EUA). Nova Vrindavana, esse ano, saiu do Movimento porque eles realmente não seguem. O líder de lá, Guirtara Nanda Swami é uma pessoa que quer ser o líder, ele quer ser a lei. Então ele se fechou e falou: 'Não, eu não vou seguir a lei do GBC; as pessoas que

estão à minha volta que me sigam. Eu sou o guru'." (devoto - sannyasi, responsável pela BBT/BR).

Por causa disso, os dirigentes atuais insistem muito na necessidade de continuar seguindo Prabhupada como o mestre do Movimento.

Prabhupada colocava como fator primordial de sua pregação a publicação de livros. Autor de várias obras, tradutor e comentador dos grandes livros védicos, Prabhupada é seguido, ainda hoje, dentro do Movimento, através de tudo que deixou por escrito. Dessa maneira, os devotos consideram que, 16 anos após sua morte, Prabhupada continua sendo o mestre espiritual de todos.

"Eu fui iniciada por Acharyadeva, mas meu grande mestre mesmo é Prabhupada. Ele continua ensinando pelo livros e a presença física dele dá para perceber; eu sinto Prabhupada presente, pessoalmente, fisicamente. Sinto a presença. É uma coisa mística. "(devota-brâmane)

"Prabhupada é meu grande mestre, porque foi lendo os livros dele que eu me inspirei mais na vida espiritual, li o **Bragavad Gita**. É em que eu mais me seguro, quem segura minhas mayas, minhas vontades de viajar." (devota)

A grande maioria dos devotos entrevistados deu respostas semelhantes. Apesar de nunca terem tido contato pessoal com Prabhupada (ele nunca veio ao Brasil), os devotos atribuem grande importância à sua pessoa. Convém lembrar que Prabhupada é o único hindu de origem entre os líderes do Movimento. É detentor

ainda hoje, de um grande carisma.

A tradição hindu é a de que o mestre habite a mesma casa que seus discípulos bramacharys. O contato entre eles é direto, pessoal. Na medida em que a ISKCON procura difundir o conhecimento vaishnava a um número bastante grande de pessoas, esse contato passa a ser impossível. A primeira grande adaptação que Prabhupada fez no Ocidente foi a de iniciar discípulos à distância, mantendo contato apenas através de livros.

Essa ruptura em relação à tradição hindu está relacionada com a forma de transmissão da sabedoria, gerada pelas exigências da nova situação, mas sem dúvida acaba por modificar, também o conteúdo do que é passado. Prabhupada faz a adaptação dos versos védicos, traduzindo-os e interpretando-os à sua maneira e interesse. Não se trata, portanto, de nenhum guardião da tradição védica, mas sim de alguém que, para "vender" seu produto no Ocidente, teve que adaptá-lo às exigências do "mercado".

Para alguns, porém, Bhaktivedanta S. está estritamente ligado às suas raízes culturais. Para Thomas Hopkins, doutor em religiões comparadas da Universidade de Yale e profundo conhecedor do hinduísmo, os comentários de Prabhupada estão de acordo como os comentários de outros mestres hindus a respeito do Gita. "He's very strongly rooted in this tradition".(07)

Para outros estudiosos, no entanto, a posição de Prabhupada, e a de vários outros gurus orientais que invadiram o Ocidente na década de sessenta, representa profundas rupturas na

(7) Hopkins, T., 1983, p. 141.

cultura tradicional.

"El hinduismo, apesar de los imperativos de una tradición exigente ha aceptado el dialogo. Este último, al revelar de un universo mental distinto, mostrándole al mismo tiempo que sus propias doctrinas podían seducir a los no indios provocó una profunda subversión de las posturas tradicionales."(08)

No nosso entender, a partir do momento que Prabhupada procurou acabar com a forma tradicional de transmissão de conhecimento e resolveu vir ao Ocidente pregar em grande escala, já está caracterizada a ruptura. Não é apenas uma ruptura formal, mas afeta o próprio conhecimento. Para falar de mitologias hindus e conceitos e divindades extremamente distantes de nós ocidentais, e se fazer ouvir, é necessário falar numa linguagem nova, acessível, traduzindo o seu conteúdo, dizendo o que queremos ouvir. Um exemplo claro disso diz respeito ao deus shiva, responsável pelo modo da ignorância, da destruição. Na Índia é um deus bastante adorado e seguido por inúmeras seitas. Não há nenhuma conotação negativa. Para a ISKON, Shiva está no mesmo nível que Brahma ou outros semi-deuses. Porém, a mensagem de Prabhupada é de que Shiva deve ser ignorado ou evitado.

"Não podemos adorar Shiva, ele é responsável pela destruição. Adorar Shiva é sinal de atraso, as seitas mais primitivas é que fazem isso, os mais caídos."

(devoto - brâmane)

(08) Varene, J., 1982, p. 284

Shiva passa a ser visto, então como uma espécie de "satanás", com uma carga valorativa extremamente negativa, o que certamente não possui na sua origem.

A mensagem de Prabhupada fica restrita aos livros que escreveu e comentou. Sabemos, também, que a leitura desses livros possibilita várias interpretações, e é isso que percebemos nas aulas ministradas pelos devotos mais avançados. Há sempre uma dose acrescentada à palavra de Prabhupada, que é de responsabilidade do professor que dá a aula. Ele acaba passando o seu ponto de vista, a sua leitura da situação vigente.

Por outro lado, temos que essa ruptura na tradição da transmissão do conhecimento através da publicação de livros é que possibilita a manutenção financeira da instituição.

Dizem que os recursos da ISKCON vêm, na sua maior parte, da venda de livros, e até certo ponto das contribuições que os devotos dão. De várias fontes tivemos sempre a mesma resposta: "o dinheiro vem da venda de livros". Os dados sobre doações que conseguimos levantar apontam uma cifra muito pequena. Não é costume doar dinheiro periódico à ISKCON. O que geralmente ocorre é do devoto doar, na época de sua conversão, possíveis bens de sua propriedade. Este é o caso de um automóvel e uma caminhonete utilizados na fazenda. Todas essas doações são vistas como misericórdia de Krishna, mas aparentemente "essa misericórdia" não tem sido tão generosa assim; a maioria dos devotos da fazenda não tem grandes recursos ou famílias que possam sustentá-los dentro do Movimento. A contribuição de cada um fica, portanto, basicamente restrita ao trabalho que não é

remunerado. No caso da fazenda Nova Gokula, esse trabalho pode ser na horta, no curral, hotel, etc., mas nos demais templos do Brasil ele se restringe à venda de livros nas ruas. É bom ressaltar que a tiragem dos exemplares não é nada insignificante e nos meses de maratona de distribuição, julho e dezembro, chegam a vender cem mil livros em todo o Brasil.

Para os devotos, não se trata de vendas, mais sim de distribuição de livros, encarada como uma espécie de pregação das idéias de Prabhupada e da ISKCON.

A BET, com sede nos principais países em que a ISKCON atua, vende os livros para os templos. Neste processo tem um lucro que será investido em novas publicações e construções de templos e escolas. Cada templo, por sua vez, é responsável pela sua própria manutenção e sobrevivência. Os livros não têm um preço fixo, cabe ao devoto conseguir uma "contribuição" maior ou menor da pessoa que compra.

Por alguns anos, os devotos venderam incensos. Sendo mais baratos que os livros, a saída e o lucro são maiores. No entanto, tal venda não é vista com bons olhos pelos dirigentes, pois "incenso não é pregação". Porém, vemos que ainda hoje muitos devotos tentam passar para seus "clientes" envelopes de incensos "transcendentais".

A ISKCON Enquanto uma Instituição Religiosa

A ISKCON formada por Prabhupada representa, a nosso ver, a institucionalização, nos moldes de uma igreja, da seita vaishnava tradicional. Ela não existe da Índia enquanto uma igreja, mas sim como um conjunto de seitas dispersas que pregam a

adoração a Krishna. Quando Prabhupada vem ao Ocidente procura formar uma estrutura burocrática semelhante à das igrejas tradicionais do Ocidente.

Ao instituir-se como uma igreja, a ISKCON acabou não deixando de lado suas características sectárias. Portanto, podemos pensar que ela se situa no meio termo entre seita e igreja, ora apontando para um lado, ora para outro.

Para melhor compreendermos esse movimento da ISKCON e a situação de Prabhupada na institucionalização da seita hindu, convém fazermos, inicialmente, uma breve discussão a respeito das definições de seita e de igreja.

Bourdieu afirma que "a luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação organiza-se necessariamente em torno da oposição entre a igreja e o profeta e sua seita". (09) a igreja procura conquistar e preservar seu domínio através do uso monopolizador que os sacerdotes fazem do capital sacramental. Ao mesmo tempo, esse corpo sacerdotal se veste de uma autoridade de função que permite a legitimação de sua autoridade. Enquanto isso, o profeta e sua seita contestam a existência da igreja questionando esse monopólio dos instrumentos de salvação. O profeta necessita realizar uma acumulação inicial de capital religioso pela conquista de uma autoridade. Essa autoridade está sujeita às flutuações "entre a oferta de serviço religioso e a demanda

(09) Bourdieu, P., 1974, p.58.

religiosa de uma categoria particular de leigos".(10)

A igreja é produto da institucionalização e da burocratização da seita profética. Toda seita que alcança êxito procura tornar-se igreja. A igreja está no pólo dominante (ortodoxia), que corresponde às práticas que pretendem conservar intacto o capital acumulado. O profeta encontra-se no pólo oposto (heterodoxia), procurando, através de suas práticas, desacreditar os detentores do capital legítimo. Bourdieu afirma que a força do profeta está no seu discurso, na medida em que consegue mobilizar os interesses religiosos heréticos de grupos de leigos. Seu sucesso depende do grau em que consegue "dessacralizar o sagrado e sacralizar o sacrilégio", ou seja, na subversão da ordem ortodoxa e na reordenação simbólica da subversão dessa ordem.

Beatriz M. de Souza também faz referências a essa subversão ao afirmar que "os conflitos que surgem entre os valores religiosos e os da sociedade inclusiva podem acarretar formas de acomodação que levam a antiga 'seita' a transformar-se em 'igreja'".(11)

A seita pode ser entendida como um grupo fechado que mantém uma atitude radical de isolamento e crítica ao mundo exterior e às outras práticas religiosas. O comportamento sectário é rígido na disciplina, chegando até os pormenores da aparência dos fiéis, que devem diferir das outras pessoas por sua vestimenta própria.

(10) Ibidem, p. 59.

(11) Souza, B. M. de, 1969, p. 73.

Souza chama a atenção para a tendência que os grupos sectários têm de substituir a autoridade burocrática, que existe na igreja, pela autoridade carismática de seus líderes. "Isto fortalece a disciplina religiosa, que constitui, para os fiéis, poderosos meio de controle social". (12) Uma característica importante para se levar em consideração, é de que a seita necessita da conversão dos fiéis, necessita da adesão voluntária, enquanto que os membros de uma igreja geralmente não têm essa opção.

Considerando como insatisfatória essa definição dicotômica entre "seita" e "igreja", Beatriz de Souza procurou analisar as igrejas pentecostais, objeto de seu estudo, em termos de um gradiente, cujos pólos coincidem com os tipos de "seitas" ou "igreja". Notava a antara que algumas organizações pentecostais se encontravam no intermediário desse gradiente.

O discurso do Movimento Hare Krishna possui característica marcante de negação da realidade vivida pelos membros que pretende conquistar, resultando numa crítica aparentemente radical aos valores e comportamentos da sociedade industrial ocidental. Há uma forte ruptura entre a vida anterior e posterior à conservação ao Movimento. Os devotos lembram suas vidas anteriores como momentos de maya, ilusão temporária. O devoto encontra a força que necessita para escolher um novo modo de orientar a vida, ao acreditar que será salvo, pois, abandonou a vida ilusória em que vivia, e agora dedica sua existência à

(12) Ibidem, p. 73

felicidade de Krishna. Esse é um fator importante para ocorrer a conversão. (13)

Essas características apontam o Movimento Hare Krishna para o pólo da seita. No interior dos templos o devoto experimenta uma nova vida, participa fervorosamente das atividades religiosas e convive vinte e quatro horas por dia com pessoas que estão na mesma situação que a sua. O sentimento de coesão interna é muito forte. Percebe-se que os devotos auxiliam-se mutuamente a cumprirem as austeridades e que, também, os exemplos de devotos bem sucedidos são motivo de incentivo para os que estão iniciando, ou para aqueles que, por um motivo ou outro, sofreram quedas, ou como eles mesmo dizem, "blupearam" (14). O convívio com um grupo de pessoas que está na mesma situação motiva o devoto a se converter à seita, pois mostra a ele um caminho novo, em que não está sozinho, capaz de fazer superar todas suas frustrações e desilusões.

Whitworth, ao definir os grupos comunitários enquanto seitas que rejeitam o mundo externo e mantêm um alto grau de separação das outras religiões e da sociedade em geral, apresenta uma tipologia entre seitas introversionistas e utópicas. As introversionistas vêm-se com a missão de cultivar e aprofundar a espiritualidade e procuram salvar-se da contaminação do mundo. Dão alto valor às coisas comunais. O desejo de escapar do mundo

(13) Ibidem, pp 80/81

(14) O termo vem da gíria em inglês "to bloop", que significa afundar

pode levar a intensificar seu isolamento abraçando um total comunitarismo. São bastante resguardadas e indiferentes ao que está fora delas.(15)

Para Whitworth, a maior parte dos grupo comunitários após os anos sessenta era introversionista. Os membros, na maioria jovens, procuravam cair fora da cultura de seus pais e entrar numa cultura mais plena de significados. Se isolavam de quaisquer assuntos a não ser daqueles que diziam respeito à vida comunal e colocavam como valores básicos a cooperação, a amizade, o casamento livre, as drogas, o sexo e um senso moral diferente do encontrado no mundo externo.

As seitas utópicas são baseadas numa visão minuciosa da sociedade humana, transformada, com o abandono das instituições existentes, e a sua substituição por arranjos sociais revelados divinamente. Acreditam que todo o futuro depende de suas ações. Construindo o reino de Deus eles estariam indo para o escrutínio divino. São todas as seitas que têm uma visão de que podem construir um novo mundo por etapas, construindo primeiramente um núcleo utópico. Olham para si próprias como os comissários divinos e acreditam que todos os homens devem seguir seus exemplos.

Isso os distingue dos introversionistas. Estes são indiferentes ao mundo e às pessoas. Os utópicos acreditam que os homens podem ser aliviados da miséria, os introversionistas procuram apenas se retratarem frente ao mundo.

Assim sendo, percebemos nos Hare Krishna uma inclinação

(15) Whitwoorth, J., 1975.

maior à seita do tipo utópica, apesar de seu aspecto introversionista ser acentuado. O aspecto utópico é bastante evidente e será melhor analisado mais adiante.

A forte rejeição ao mundo ocidental, aos valores e à escatologia ocidental cristã, a busca de novas identidades, o isolamento que seus próprios comportamentos provocam não podem nos fazer esquecer que, de certa forma, procuram mostrar ao mundo ocidental uma nova (ao menos diferente) maneira de viver. Várias vezes foi citado, nos depoimentos de alguns devotos, o desejo de Prabhupada de fazer comunidades rurais que fossem exemplos de verdadeiras cidades espirituais:

"Os **vedas** ensinam ao mundo como viver, de modo que as pessoas satisfaçam seus desejos e tenham uma vida confortável, sem desenvolver reações para as atividades materialistas. (...) Os **vedas** dão ao mesmo tempo, as condições para que nós não esqueçamos de nossa relação com deus. (...) então, a fazenda Nova Gokula permite fazer exatamente o que os livros ensinam, só que no dia a dia. Essa fazenda tem exatamente o que os livros ensinam. Assim, as comunidades da ISKCON nascem da idéia de Prabhupada de formar no Ocidente exemplos concretos de vida espiritual perfeita."(devoto - brâmane)

A intervenção dos devotos em questões ecológicas e culturais da nossa sociedade, como foi o caso da manifestação contra a "Farra do Boi" dos catarinenses, no começo de 1991, é uma demonstração de sua participação externa. Para os devotos, a

revelação védica diz como deve ser a sociedade, sendo assim, cabe a eles construí-la, colocar em prática algo que já foi planejado divinamente.

Concluindo, podemos dizer que em relação a essa tipologia apresentada por Whithoworth, nós situamos a seita Hare Krishna dentro de um também gradiente entre introversionista e utópica. É importante ressaltar que somente assim podemos dar conta das mudanças ocorridas, ou em outras palavras, da situação de mobilidade no interior do mercado de bens sagrados. Uma seita totalmente introversionista estaria fadada a desaparecer pelo seu total isolamento. E uma seita utópica, na medida em que procurar articulações com a sociedade mais ampla, abre brechas na disputa pelo monopólio dos bens sagrados.

Somente essas análises não esgotam o assunto sobre o Movimento Hare Krishna enquanto uma seita. É preciso levar em consideração a figura mais importante da seita, retratada por Bourdieu na pessoa do profeta. Para ele, o profeta "não é tanto o homem 'extraordinário' de que falava Weber[^], mas o homem das situações extraordinárias".(16) Prabhupada é, sem dúvida nenhuma, o profeta do Movimento Hare Krishna. Hindu de origem, soube sozinho como, onde e quando iniciar sua pregação no mundo ocidental.(17) Mesmo depois de falecido, é lembrado, adorado e tido por todos como grande mestre do Movimento Hare Krishna. É Prabhupada quem permite fazer a ponte entre o Oriente e o

 (16) Bourdieu, P., op. cit., p. 75.

(17) Cf. Satsvarupa, 1982.

Ocidente, entre os significantes orientais e os novos significados ocidentais dos símbolos védicos. É ele quem legitima o movimento. Poderíamos dizer que Prabhupada mantém seu poder pela autoridade carismática que possui.

Tendo realizado a acumulação inicial do capital religioso através da conquista dos jovens do Ocidente, Prabhupada procurou formar a ISKCON, ou seja, um aparelho de tipo burocrático que seja capaz de exercer de modo duradouro a ação contínua necessária para assegurar a sua própria reprodução".(18) A gestão do capital religioso e o trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação desse capital, só é possível através desse tipo de aparelho. É necessário formar novos sacerdotes, é necessário garantir a ampliação do mercado de leigos dotados de um mínimo de competência religiosa (o que Bourdieu chamou de habitus religioso), que tenham a necessidade específica de consumir seus produtos.

A ISKCON formada por Prabhupada, enquanto produto da institucionalização e da burocratização da seita Hare Krishna, apresenta-se como uma igreja que possui inúmeras características de uma burocracia. Existe uma forte hierarquização das funções, um órgão a nível mundial, o GBC, que é responsável pela organização mundial da ISKCON e pelo controle racional das idéias, para que não fujam do que Prabhupada pregava e, ainda, um número específico de mestres que podem dar novas iniciações aos devotos.

A lógica do funcionamento da ISKCON assemelha-se ao que

(18) Bourdieu, P., op. cit., p. 59.

Bourdieu colocava a respeito das igrejas, ou seja: a prática sacerdotal e a forma e o conteúdo da mensagem que ela traz "são resultantes da ação conjugada de coerções internas (...) e de forças externas".(19) As coerções internas são decorrentes das especificações que visam garantir o monopólio do exercício do poder religioso. Como exemplo, podemos citar a formação de sacerdotes como funcionários do culto, "possibilitando uma ação homogênea e homogeneizante".(20) As forças externas são decorrentes dos interesses dos grupos de leigos, mercado a ser conquistado, e da concorrência de profetas e feiticeiros. A prática sacerdotal deve levar em consideração que a interpretação da mensagem depende dos fatores históricos, ou seja, da correlação entre a própria mensagem e as forças materiais e simbólicas que compõem o campo religioso propriamente dito.(21)

Isso responde pela variedade que a pregação dos devotos pode assumir. Na tentativa de captação de novos adeptos, os devotos experimentam mudanças que possibilitam a penetração de suas idéias. Durante algum tempo os devotos só andavam com roupas ocidentais na rua e abordavam os transeuntes dizendo-se estudantes de filosofia. Logo após, vendiam seus livros e faziam a pregação. Hoje já se permitem sair vestidos de dhoti e vão direto à pregação. Porém, em ambos os casos há uma preocupação com a autenticidade da mensagem transmitida, ou seja, apesar de

 (19) Ibidem, p. 65.

(20) Ibidem, p. 66.

(21) Essa questão será analisada no quarto capítulo

forças externas serem diferentes, a lógica de funcionamento permanece.

A concorrência externa de profetas alheios à ISKCON nos permite perceber mais claramente a lógica do Movimento enquanto uma igreja que luta para perpetuar seu monopólio de uso dos bens sagrados. Um irmão espiritual de Prabhupada, Sri Sidara Swami Guru Maharaja, começou a ser adorado por alguns devotos que, indo até a Índia, entraram em contato com a sua pessoa. Sri Sidara Swami nunca concordou com a necessidade de se formar uma instituição mundial e sempre pregou a multiplicidade de caminhos possíveis para atingir a perfeição. Prabhupada respeitava muito as idéias filosóficas de seu irmão espiritual, porém, após sua morte, os dirigentes da ISKCON começaram uma campanha massiva de isolamento das idéias desse outro mestre espiritual. Hoje, apesar da vontade de alguns dirigentes de se retratarem frente a Sidara Swami, a menção às suas idéias é proibida entre os devotos. É visto como uma espécie de herege. Todos aqueles que procuraram seus ensinamentos acabaram saindo da ISKCON, formando um grupo à parte. São todos eles descontentes com os rumos do Movimento e procuram servir a Krishna por outros caminhos. Em São Paulo, esse grupo se reúne todos os domingos num restaurante natural no bairro de Moema.

Um dos dirigentes do Movimento, responsável pela BBT brasileira, nos informou que a ISKCON deveria deixar um pouco de lado seus excessos e radicalismos, procurando, de certa forma, se aproximar mais das idéias de Sri Sidara Swami. Podemos entender essa tendência naquilo que Bourdieu chamou de "ritualização da

prática religiosa e canonização das crenças populares".(22) Seria a tentativa de ortodoxia se apoderar das crenças heterodoxas para não perder seus fiéis e, ao mesmo tempo, conquistar os seguidores do profeta, mantendo seu monopólio.

A ISKCON mantém hoje uma estrutura muito bem organizada à nível mundial, que congrega devotos de vários países, unifica as datas comemorativas, controla a publicação de livros, regulamenta e determina a hierarquização da classe sacerdotal. Não há dúvidas que age como uma igreja.

Enquanto tal, enfrenta hoje os problemas de uma grande instituição. Precisa dar conta de todas as divergências que possam surgir em seu interior para que não se fragmente. Precisa pensar na sua própria expansão e conservação. Enfim, acreditamos que a ISKCON encontra-se num dilema: para continuar existindo necessita da conversão de mais fiéis e, para isso, continuar com suas características sectárias; por outro lado, enquanto igreja precisa expandir suas atuações ocupando o espaço das demais existentes.

(22) Bourdieu, P., op. cit., pp. 67/68.

CAPITULO III - A ISKCON NO BRASIL:
SURGIMENTO, EXPANSÃO E A CONSTRUÇÃO DA
COMUNIDADE DE NOVA GOKULA

A expansão do Movimento Hare Krishna pelo mundo ocidental não se fez através de um plano estratégico de avanços que evidenciasse uma política elaborada e centralizada. Assim como muitos outros países, a ISKCON chegou ao Brasil da ação de jovens isolados que começaram a se interessar pelo que falava Prabhupada.

Muitas vezes relacionada a uma "multinacional do alternativo religioso", a ISKCON, de acordo com seus dirigentes, nunca teve uma preocupação de atuar estrategicamente em termos mundiais. Sua ação foi sempre a de expandir nos locais em que haviam pessoas interessadas em manter um centro de adoração e de pregação de suas idéias. Prabhupada insistia sempre que seus discípulos deveriam continuar a sua obra de abertura de novos templos. No livro "Sriila Prabhupada-lilamrta", biografia do mestre da ISKCON, Satsvarupa cita uma fala de Prabhupada a respeito da inauguração de mais um templo nos EUA: "Então, ao todo são quinze?" perguntou Prabhupada. Ele sorria e olhava diretamente de um devoto a outro. "Quero que cada um de vocês vá e abra um novo centro. Qual é a dificuldade? Levem uma mridanga. Então, virá alguém e juntar-se-á a você - ele tocará as Kartalas".(1)

Interessados na abertura de novos templos e na

(1) Satsvarupa, 1982, vol. IV, p. 11.

conquista de novos devotos pelo mundo inteiro, não estabeleciam, porém, prioridades de ação. Os templos foram sendo abertos nos locais em que surgiram condições para tanto.

"A ISKCON foi crescendo aos poucos, abrindo um centro aqui e outro lá. Mesmo hoje é assim. Quando pensamos em abrir um novo templo no Brasil é porque existe um grupo de pessoas de uma determinada cidade interessado no serviço devocional."(devoto - brâmane)

Em nosso país, a ISKCON começou suas atividades no ano de 1974, quando alguns jovens começaram a se encontrar e buscar informações à respeito da ISKCON.

"Eramos poucos, alguns no Rio, outros da Bahia e de São Paulo. Tinhamos conhecimento do Movimento no exterior, mas não nos conhecíamos, nem sabíamos da existência um do outros."(devoto - brâmane)

Essas pessoas tomaram ciência da existência do movimento pelas poucas informações trazidas por aqueles que viajaram ao exterior e trouxeram alguns livros de Prabhupada. Outra fonte de informações que, sem dúvida, influenciou todos esses iniciantes foi o movimento de jovens iniciado na década de sessenta, através da contracultura, e continuado principalmente através da música. Essa influência da música e da contracultura é uma característica geral do Movimento e será melhor analisada mais adiante.

No Brasil, essa onda da contracultura, do movimento de juventude, chega um pouco depois que nos demais países da Europa e EUA. Ela encontra em nosso país um período de refluxo da

participação política não só dos jovens, mas da sociedade como um todo. É o período de maior repressão política dos anos de ditadura militar. Aos jovens, que haviam participado ativamente dos acontecimentos políticos dos anos anteriores, só restava o silêncio ou a resignação. Muitos deles passaram pela experiência mística das drogas e buscavam algum "sentido para suas vidas".

"Nossas vidas eram inúteis, sem sentido. Eu precisava encontrar uma razão para viver. Buscava alguma coisa, não sabia bem o que era. Na época eu tomava muitas drogas e ouvia muita música. Lembro que fiquei impressionada com o 'Concerto para Bangladesh' e os sons transcendentes do George Harrison e do Ravi Shankar. Eu tinha o disco e não tirava da vitrola. Quando eu soube de Prabhupada e da ISKCON, fiquei louca para conhecer melhor. Queria ir embora do Brasil. Depois conheci outras pessoas que pensavam igual e resolvemos montar um centro aqui (...) Política? Não, não me interessava. Os políticos do Brasília eram todos falsos, não acreditava neles. De resto, não se podia falar em política na época." (devota - brâmane)

Os fatores que levaram esses pioneiros a buscar a consciência de Krishna, a nosso ver, não são diferentes daqueles que influenciaram e continuam influenciando a maioria dos devotos de hoje. Insatisfação com a realidade vivida, busca de um novo sentido para suas vidas, insatisfação com as formas tradicionais do sagrado etc., constituem a maior parte deles. A maior diferença fica relegada à questão da participação política dessas pessoas. Porém, se antes a impossibilidade de participação

política colocava poucas opções aos jovens, hoje podemos até encarar como uma forma de ativismo político a busca do místico, do transcendente e dos movimentos ecológicos e comunitários.

Sendo assim, devemos buscar as razões do sucesso desta religião em nossa sociedade analisando o conjunto de todos os devotos e não apenas aqueles precursores. Cabe registrar aqui, no entanto, apenas o momento em que esse Movimento chega até nós, para podermos compreender, posteriormente, a sua penetração e expansão.

Apesar de possuir um discurso que não discrimina nenhuma faixa etária, foi entre os jovens de vinte a trinta anos que a mensagem de Prabhupada encontrou seus primeiros ecos. Eram justamente aquelas pessoas que estavam em busca de "algo diferente, de uma experiência nova e plena de significados", além de não estarem ainda definidos em termos profissionais e familiares. Sem possibilidades de participação política, cansados da experiência das drogas e do psicodelismo, o Movimento Hare Krishna se encaixava perfeitamente naquilo que procuravam e queriam ouvir.

"Quando eu soube que outras pessoas também estavam atrás das lições de Prabhupada, fiquei encantada. Passei momentos de ansiedade até que conseguimos nos encontrar. Eram, um casal de baianos e mais alguns poucos do Rio de Janeiro. Conseguimos nos contactar e logo depois escrevemos para o movimento nos EUA. Eles nos deram a maior força e logo depois veio Acharydeva para cá."(devota - brâmane)

Isso tudo ocorreu no ano de 1974, quando esses precursores alugaram uma casa no bairro do Butantan, em São Paulo, e começaram o processo de **bhakti-yoga**. Ainda muito embrionário, esse centro não possuía Deidades e os devotos faziam suas adorações aos quadros das imagens de Krishna e Radharani. Ainda no final de 1974, a ISKCON enviou um **sannyasi** para fazer a instalação das primeiras Deidades no Brasil e começar, de fato, o serviço devocional em nosso país. Desde então, Hridayananda Acharyadeva tem sido o líder encarregado pelo território brasileiro.

Logo no princípio, os devotos começaram a fazer **sankirtana** pelas ruas, de maneiras muito tímida ainda, e conquistar novos adeptos. Na medida em que foi aumentando o número de pessoas que se convertiam ao Movimento e iam morar no templo, aparecia a necessidade de expansão com a abertura de um novo templo no Rio de Janeiro.

Esses dois templos brasileiros começaram a atrair devotos de toda a América do Sul. É uma característica marcante do Movimento até os dias de hoje, a grande rotatividade que os devotos fazem por entre os templos. Estão sempre se deslocando de um lugar a outro de acordo com as necessidades locais e os interesses pessoais de cada um. Assim, com exceção de Nova Gokula, é pequeno o número de pessoas que permanecem fixas num determinado templo. Os devotos latino-americanos, principalmente argentinos, deram um impulso ainda maior ao Movimento no Brasil.

"Lá na Argentina nós não tínhamos condições de montar um templo, de adorar Krishna. Era tudo mais difícil. É uma sociedade mais tradicional, mais fechada. Não

podíamos sair cantando nas ruas, distribuindo livros. Quando saímos do templo de São Paulo vínhamos correndo para cá. Foi aqui que eu fui iniciada e foi aqui que eu conheci Acharyadeva." (devota - Brâmane)

Os primeiros devotos brasileiros foram iniciados por Prabhupada, mesmo sem terem tido contato pessoal com ele. A iniciação se dava por meio de cartas e o padrão de funcionamento do templo era supervisionado por Acharyadeva. Assim começou a se formar a classe sacerdotal do Movimento no Brasil. Havia necessidade de todos os ofícios e na medida em que chegava um novo devoto ele já era enquadrado na ocupação mais carente de pessoas.

"Foram tempos muito difíceis. Não havia quem soubesse administrar, quem soubesse traduzir, ou até cozinhar. (...) Conforme chegava um novo devoto ele tinha que se encaixar dentro de algum setor. Até parece que era arranjo de Krishna. Aparecia alguém que sabia um pouco de inglês e logo ia para as publicações. Se alguém sabia um pouco de economia, ia para a administração e tesouraria. Eu fui para a cozinha e tive que aprender a cozinhar de maneira védica logo cedo. As Deidades não podiam ficar sem oferendas." (devota - brâmane)

"Eu fui pujari logo no início do Movimento, e nós não sabíamos direito como fazer as adorações. Eu aprendi através de um livro e um pouco do que Acharyadeva ensinava." (devoto - brâmane)

Em pouco tempo, o Movimento Hare Krishna já havia

experimentado um progresso muito grande com a instalação de templos nas principais cidades do país e um número sempre crescente de devotos. Logo deram início à publicação de pequenos livros, embrido da futura BBT brasileira. Em 1976, com a ajuda da BBT de Los Angeles, publicaram o primeiro livro de grandes proporções, o **Bhagavad Gita Como Ele É**. Em 1978 foram compradas as terras de uma fazenda em Pindamonhangaba, no Estado de São Paulo, que deveria dar lugar à primeira comunidade rural Hare Krishna no Brasil. A ISKCON possui, além dessa, uma outra comunidade, Nova Vraja-Dhama, em Pernambuco.

Existem hoje no Brasil, vinte e um templos e três centros de adoração. Os centros de adoração são unidades de dimensão reduzida, que precisam passar por dois anos de atividades ininterruptas para que possam vir a se tornar templos e terem Deidades instaladas. Calcula-se, a nível aproximado, que mais de oitocentos devotos moram no interior desses templos.

Até recentemente era sempre incentivado que um simpatizante abandonasse sua vida anterior e se convertesse ao Movimento, tornando-se um devoto. Esse processo incluía o abandono de estudos, empregos, família, a raspagem da cabeça e o uso das roupas **vaishnavas**. De uns anos para cá começou a ser incentivada a existência de devotos externos. Esses não precisam adotar uma postura tão radical de ruptura com o mundo anterior. Continuam com seus empregos, morando com a família e frequentam os festivais no templo todos os domingos.

"Nós precisamos aumentar o número de devotos externos. Não dá para todos morarem nos templos, terem vida monástica. Nós somos monges, mas não é todo mundo que

quer fazer austeriades."(sannyasi)

No princípio, esses devotos externos eram muito criticados e marginalizados pelos internos. Acreditamos que a dificuldade da conversão impunha ao devoto uma necessidade de rigidez nas suas convicções. Não poderia ter dúvidas e precisava acreditar que aquela era a única via de salvação. Era preciso abandonar tudo. quando começaram a aparecer devotos que não abandonavam suas vidas anteriores, que não usavam dhoti e sari e que não raspavam a cabeça, eram logo retratados como falsos e criticados por "estarem em maya". Para reconhecerem suas próprias atitudes de abandonar tudo e morar no templo, os devotos falavam a esses externos que eles deveriam fazer o mesmo.

Hoje, podemos calcular em torno de mil, no Brasil inteiro, o número de pessoas que se auto-denominam devotos de Krishna, mas não habitam os templos. Este número tende a crescer e, aos domingos, no templo de São Paulo, há uma aula específica aos devotos externos, da qual participam sempre uma média de cinquenta devotos. Alguns são iniciados, grande parte são casados e têm atividades externas que os impede de morarem no templo e de se tornarem monges. Quando participam desses festivais dominicais, costumam vestir a indumentária característica, mas no dia a dia usam roupas ocidentais que não os diferenciam das demais pessoas. O único elemento corporal que pode nos mostrar que se trata de devotos vaishnavas é o Kanti, colar de pequenas contas da raiz de tulasi.

Nas entrevistas com esses devotos externos não aparece uma diferença nos motivos que os levam a se tornar um devoto. São

os mesmos motivos daqueles que moram no interior dos templos. Porém, a necessidade de um sustento (principalmente os casados) os obriga a morarem externamente. Geralmente essas pessoas mudam radicalmente seus hábitos depois de se tornarem devotos, mesmo não abandonando empregos e famílias.

"Eu trabalho na Caixa Econômica e não dá prá largar o emprego. Temos dois filhos pequenos. (...) Mas nossas vidas mudaram muito. Hoje temos vários amigos que são Hare Krishnas e costumamos fazer festas nas casas das pessoas. (...) Os amigos de antes nós praticamente não vemos mais. Nossos hábitos são outros, agora somos vegetarianos, não tomamos bebidas. Isso afasta as outras pessoas."(devoto externo)

Todos afirmam que dá perfeitamente para levar uma vida externa, conviver com outras pessoas no trabalho e serem devotos de Krishna. Dizem que sofrem uma espécie de preconceito das outras pessoas quando demonstram suas convicções religiosas. Nestes casos, preferem ficar calados a criar confusões. Suas vidas mudaram, encaram o mundo de uma outra maneira. Não vão mais ao cinema, não vêem televisão (ou quase), mudaram os hábitos de leitura. Definem-se como qualquer outro devoto:

"Se a devoção é verdadeira, natural, não há problemas em morar fora do templo. Continuamos devotos de Krishna o tempo todo."(devota externa)

Essa mudança de atitude dos dirigentes para com os devotos externos, marca a tendência da seita em se transformar numa igreja. Exclui-se as marcas da conversão e procura-se fórmulas para conjugar a vida cotidiana dos ocidentais aos

padrões religiosos do **vaishnavismo**. Essa religião passa a ser, então, mais vendável e aceita por um número mais amplo no mercado de bens religiosos. Nesse sentido, estamos de acordo com Berger de que numa situação "pluralista" as religiões se colocam não como uma posição autoritária, mas lutam por consumidores numa "situação de mercado". (2)

Apesar de afirmarem que não desejam aumentar o número de seus membros em demasia, que preferem "poucos mas sinceros devotos", a expansão de seus quadros é necessária para que o Movimento não se feche sectariamente. Além disso, a todo momento lembram das palavras de Prabhupada: "preguem a quantos for possível, levem o nome de Krishna ao maior número de pessoas que conseguirem". Os limites são dados pela própria característica de estrutura administrativa.

A estrutura da ISKCON brasileira segue os moldes da mundial. Assim, cada templo tem autonomia e deve ser auto-suficiente financeiramente. Existe uma BBT apenas, que fornece todos os livros em língua portuguesa, antes situada em São Paulo e agora em Nova Gokula. A nível nacional também existe um comitê fiscalizador, o GBC (Conselho Governamental do Brasil), formado por presidentes dos templos e pelos sacerdotes mais evoluídos e melhor posicionados na hierarquia espiritual, os **sannyasis**.

Eram sete os **sannyasis** brasileiros, indicados pelo GBC mundial a serem os pregadores pelo Brasil. Hoje, um deles já não está mais no Movimento e procura uma via própria de devoção,

(2) Berger, P., 1985, p. 149 e seguintes.

juntando Krishna a Jesus Cristo. Os outros seis foram recentemente autorizados a darem iniciações, ou seja, a se tornarem novos gurus. Mesmo assim, apenas dois deles já iniciaram devotos e Acharyadeva continua, ainda iniciando no Brasil.

Esses sannyasis são os responsáveis pela pregação, pela postura espiritual do Movimento. Mas, por problemas estruturais, tiveram que assumir cargos administrativos.

"Sannyasi não deve administrar, deve pregar. (...) Mas a sociedade toda está sendo administrada por sannyasis. Um sannyasi pelo próprio caráter de renunciante, não pode ser responsável por poder, templo, dinheiro, pessoas. (...) Mas o que acontece? As pessoas que deveriam administrar, os grhastas, casados, não assumem.

Então quem assume são os sannyasis". (sannyasi)

Durante o período que durou nossa pesquisa, aproximadamente dois anos, assistimos a várias mudanças administrativas, com troca de presidentes, comandantes etc. Percebemos que cada mudança dessas era sinal de uma crise interna. As intrigas pessoais e as disputas políticas são uma constante.

"Existe um abuso de autoridade por parte dos dirigentes. (...) Muitos devotos caíram fora porque os líderes tiveram muitos problemas. Krishna mostrou a essas pessoas, e para os outros, quem eles realmente eram, deixando-os caírem do jeito que caíram."

(devoto-brâmane)

"É necessário urgentemente estabelecer normas, um

estatuto, pra tentar solucionar a situação, sendo a coisa 'vai para o brejo'". (devoto - brâmane)

A estrutura de poder de um templo está sempre nas mãos dos brâmanes, aqueles que tiveram segunda iniciação. Somente estes podem vir a ser presidentes do templo, comandantes ou tesoureiros. Os presidentes são responsáveis pela organização geral dos templos e respondem por cada um dentro do GBC. Os comandantes são uma espécie de secretário geral e ficam encarregados, desde a compra de mantimentos até da ocupação de cada um dos membros dentro da comunidade.

Esses cargos são objetos de cobiça porque significam um relativo poder dentro da estrutura.

"Tem dirigente que só porque é dirigente, 'monta' em cima dos bhaktas (aqueles que ainda não foram inciados). Nós temos que trabalhar para eles. Fazer serviço para um superior, para um mestre espiritual é algo que ajuda a nossa elevação. Mas esses dirigentes não são verdadeiros. Não era isso o que Prabhupada falava." (devoto - bhakta)

Esse "abuso" de poder pode significar desde uma quantia maior de maha prashada na hora da refeição, até ficar sem trabalhar por vários dias, com a desculpa da necessidade de pregação ou de um "retiro espiritual".

Esses problemas administrativos acabam acarretando uma grande evasão de devotos, o que significa que um número constante dos moradores dos templos seja caracterizado por uma alta rotatividade. Percebemos que há um certo número de devotos fixo,

estabelecidos, geralmente brâmanes ou com primeira iniciação. Estes, de certa forma, participam do poder ou fazem a oposição para que um dia sejam eles a estarem no comando. Ainda dentre esses, existem aqueles que não querem saber de política e se limitam a servir Krishna. Para estes, qualquer autoridade serve, desde que "de acordo com Krishna". Esses devotos fixos perfazem de setenta a oitenta por cento do total de moradores. O restante é formado por pessoas que não chegam a ficar mais de seis meses dentro do movimento. Eles chegam a encontrar um teto e comida, além de um ambiente fraternal de coletividade e um acolhimento afetivo. A atração é grande e portanto acabam ficando. São pessoas que já estavam "na estrada" há mais tempo em busca de uma "liberdade", de uma vida comunitária e natural. Já estando desligados da família, dos estudos, de uma profissão, de empregos e da sociedade de consumo, a opção pelo Movimento torna-se fácil. Porém, a vida monástica exige certas austeridades e, principalmente na fazenda onde o trabalho físico é pesado, a desilusão vem rapidamente. Não dão muito valor à opção de ser devoto e, portanto, o desligamento é, também, fácil de acontecer. São geralmente entre esses devotos que acontecem os problemas de uso de drogas, desvios sexuais, etc.

"Eu me sinto uma devota. Eu creio em Krishna, sinto uma devoção. Mas eu acho que os membros do Movimento Hare Krishna não me vêem muito como uma devota. Você tem que seguir certos comportamentos, seguir regras. Na realidade eu não estou muito encaixada dentro dessas coisas."(devota - **bhakta**, largando o Movimento)

Assim, o número de devotos não tem crescido muito nos

últimos anos. Depois de experimentar um avanço bastante grande na primeira década de existência no Brasil, hoje encontra-se numa certa estabilidade. É grande o número de devotos antigos, com mais de cinco anos de Movimento, mas é pequeno o número de devotos novos que acabam permanecendo.

A população de Nova Gokula é de aproximadamente cento e vinte pessoas, sendo quarenta crianças. É uma população relativamente fixa se comparada à de outros templos urbanos. A própria característica da fazenda acaba forçando as pessoas a se fixarem mais. As especificações de determinadas tarefas e a construção de casas faz com que o investimento necessário para morar na fazenda seja grande e, conseqüentemente, torna-se mais difícil o abandono.

Desses oitenta adultos, quarenta e dois já são brâmanes, sendo dezenove mulheres e vinte e três homens. Existem dezoito casais, mas nem todos habitam casas em comum, devido à falta de habitações e ao fato da vida íntima do casal não ser valorizada. Em Nova Gokula há uma grande casa que comporta algumas salas para administração, os quartos dos devotos **bramachardys** e os de alguns **grhastas** que não moram com as esposas. Além desse **ashram** (local), há um outro para as devotas solteiras, as **bramacharynis**. Os casais que conseguiram, com dinheiro próprio, construir suas casas, moram em duas pequenas vilas afastadas desses **ashrans** e do templo. Numa primeira, mais antiga, existem cinco pequenas casas, e na vila mais recente há cinco casas já prontas e habitadas e mais seis em fase de construção.

A perspectiva dos dirigentes do Movimento é tornar Nova Gokula um exemplo de sociedade perfeita. Assim, estão incentivando os devotos casados de todo o país a construir suas casas na fazenda. A única exigência é de que o casal deve ser auto-suficiente financeiramente. Há um incentivo para que hajam pequenas oficinas caseiras de produtos naturais. Dessa maneira, os casais teriam suas rendas, não dependeriam da comunidade e poderiam sustentar seus próprios filhos. Há aqueles que produzem macarrão sem ovos, outros que fazem mel, doces de leite, iogurte e há até uma pequena fábrica de incensos. No caso de algum casal trabalhar em algum departamento da fazenda, ele recebe uma pequena ajuda de custo pelo seu serviço que permite sustentar a família. É o caso de alguns professores da Gurukula do comandante da fazenda.

Nova Gokula se mantém pelos produtos próprios de agricultura e curral, além da arrecadação de dinheiro que fazem com a venda de livros em algumas cidade vizinhas. Em São José dos Campos há um centro de adoração com devotos especialmente designados para fazer **sankirtana** (venda de livros) para Nova Gokula.(3)

Más, no geral, a fazenda ainda não se auto-sustenta. Percebemos que a BBT coloca dinheiro para sua manutenção. E, inclusive, a própria BBT está se transferindo para a fazenda como uma maneira de diminuir seus gastos, pois até hoje aluga uma grande casa no bairro do Ipiranga, em São Paulo.

(3) Além desses, alguns devotos da fazenda saem nos fins de semana para vender livros nas cidades da região.

Dentro de Nova Gokula a descentralização administrativa também funciona a nível de seus departamentos. Cada qual, responsável por determinadas funções da fazenda, deve gerar recursos para serem auto-suficientes. Em Nova Gokula existem os seguintes departamentos: agricultura, com horta, pomar e pequena roça; curral, com uma pequena produção leiteira; hotel para visitantes; a escola gurukula; e o departamento de jardins e adoração. Este último, por não ter produtos comercializáveis, e pelo alto custo de adoração das deidades (roupas e comidas), necessitam da contribuição dos visitantes e da venda de livros para seu sustento. Os demais departamentos quando apresentam excedente revertem-no para o caixa da administração central e quando necessita de recursos é o mesmo caixa que vai supri-los.

Existe uma grande cozinha comunitária que faz parte do departamento de agricultura. Praticamente todos os devotos, com exceção daqueles da Gurukula, comem comunitariamente e a contabilidade é feita sempre com a perspectiva da troca de produtos, ou mão de obra, entre os departamentos.

Recentemente foi formada uma cooperativa que une todos os departamentos da fazenda, evitando os desperdícios. Essa cooperativa procura estimular a troca entre todos, evitando a necessidade de dinheiro e procurando a auto-suficiência em relação ao mundo exterior.

Gurukula é o maior departamento de Nova Gokula e aquele que possui maior autonomia. É a escola de primeiro grau do Movimento atendendo a crianças filhas de devotos de todo o Brasil. Possui classes de 1a. a 8a. série, sendo as de 5a. a 8a.

diferenciadas para meninos e meninas. Conta hoje com quarenta alunos e uma população de trinta adultos entre professores e funcionários, responsáveis pelo cuidado das crianças que vivem em regime de internato. Ao todo possui três casas para abrigar todas essas pessoas. Os pais dos alunos pagam uma mensalidade para cobrir os gastos da escola, e no caso de um devoto interno que não possui recursos, o seu respectivo departamento ou templo (se for de outra cidade) se encarrega de custear os estudos daquela criança. Recentemente gurukula recebeu da prefeitura de Pindamonhangaba a autorização para funcionar como escola regular, podendo diplomar alunos até a quarta série.

O trabalho dos devotos não é pago através de salário, apesar de serem registrados e pagarem INPS. Existe uma ajuda de custo que provém os devotos de suas necessidades pessoais. Por levarem uma vida de sacerdotes monges que desvalorizam o apego material individual, esses gastos não são altos, pois não há consumo de supérfluos. Quando algum devoto necessita de algum dinheiro para um caso pessoal, ele próprio sai vendendo livros para arrecadar o suficiente.

Esses dados populacionais são referentes à nossa última visita à fazenda (julho de 1993), porém, como há devotos (principalmente bramacharys) que costumam visitar constantemente outros templos, esses números não podem ser tomados com muito rigor estatístico. Chegamos a encontrar a fazenda praticamente vazia, na época das férias da Gurukula, quando as crianças voltam para seus pais e os professores aproveitam para visitar suas famílias e outros afazeres. Nestes momentos restam na fazenda poucos devotos, basicamente os casados e aqueles que não podem

abandonar seus serviços.

O objetivo principal de cada templo urbano do Movimento é pregar a consciência de Krishna a um número cada vez maior de pessoas. Em Nova Gokula, por sua vez, a perspectiva é um pouco diferente, procuram viver o mais próximo possível do que entendem por uma "vida védica". Praticamente todos os devotos do Brasil ambicionam morar na fazenda e ficar livres das conturbações dos centros urbanos. Mas isso significaria o isolamento do Movimento.

"É necessário que propaguemos a consciência de Krishna. Nos templos urbanos a função principal de cada um é pregar. Mas a cidade não permite um pleno desenvolvimento espiritual, por isso eu vim para a fazenda. Aqui você se situa com maior facilidade no 'modo da bondade'; o campo já está no 'modo da bondade'. Na cidade predomina a 'paixão' e a 'ignorância' (modos da). Para você adquirir conhecimento espiritual, você tem que se situar na 'bondade' (modo da). (...) Mas se todos viessem para cá, acabaria o Movimento, não é?" (devoto-brâmane)

Nova Gokula é tida como exemplo de perfeição social. Quando podem, os devotos urbanos costumam passar alguns meses em "retiro" na fazenda. Mas, a necessidade da venda de livros nas grandes cidades impõe que esses devotos voltem logo a seus lugares. Nos centros urbano, com exceção das tarefas básicas de administração, limpeza e cozinha, todos os demais devotos se voltam para o **sankirtana**, ou venda de livros. É um trabalho bastante exaustivo que faz com que passem praticamente o dia

inteiro nas ruas. Contrariamente, em Nova Gokula, há uma diversificação na ocupação dos devotos. Há a possibilidade do devoto se dedicar àquilo de que gosta mais ou em que encontra maiores facilidades.

Quando chega um novo morador, o comandante da fazenda procura saber quais são as aptidões que esse novo membro possui e procura enquadrá-lo dentro das necessidades momentâneas. Quando esse devoto não consegue se adaptar à tarefa proposta, o comandante procura-lhe, mais uma vez, uma nova ocupação. É comum acontecer de uma pessoa passar por todos os departamentos de Nova Gokula, não se adaptar a nenhum deles e depois de um tempo abandonar a fazenda, voltando à cidade, ou até abandonar o Movimento.

Para os seguidores de Krishna, reside aqui a questão da divisão de castas dentro do Movimento. As castas sociais (**varna**) não são dadas por nascimento como na Índia, mas como "aptidão natural de cada um".

"Conforme a pessoa chega, com sua experiência, já há uma tendência natural a se encaixar em uma das castas. Seja trabalhador braçal ou intelectual. (...) É uma questão de **Karma** da pessoa. (...) A gente vê muito controle de Krishna, sempre mandando uma pessoa para função que necessite de alguém." (devoto - brâmane comandante)

Procuram mostrar sempre que não há uma diferenciação de castas em termos de **status** ou prestígio. "Srila Prabhupada deixou bem claro que agora, nessa era, não somos xudras, vâxias, etc., somos todos servos de Krishna". As castas sociais existiriam,

então, como uma divisão de trabalho. As pessoas teriam "naturalmente" o dom de determinada tarefa. Porém, percebemos em nossa pesquisa que tal divisão não é tão "natural" quanto pensam e pretendem seus dirigentes. Há casos de devotos que passam anos dentro do Movimento na condição de **bhakta**. E são justamente esses bhaktas que fazem os serviços pesados, tarefas que seriam "naturais" dos xudras. No nosso entender, essas atribuições de tarefas estão ligadas ao grau de amizade que se estabelece entre um devoto e o corpo de dirigentes. Além disso, conta muito, também, a contribuição que esse devoto trouxe ao Movimento quando se converteu. Aqueles que possuíam recursos materiais, e doaram alguns bens, alcançaram rapidamente níveis de status mais alto e se utilizam disso para trabalharem menos. É comum vermos **bhaktas** que são obrigados a trabalhar durante os sete dias da semana, como é o caso no curral, e alguns brâmanes que se dedicam a atividades como adoração e jardinagens, que podem passar dias "meditando", ou simplesmente viajando e largando suas tarefas por semanas inteiras. Ou seja, as condições sociais internas já são dadas anteriormente à conversão. Elas estão em sintonia com a divisão social da sociedade brasileira.

"Eu estou vendo que para poder estar dentro do Movimento e casar com quem eu quero, eu preciso ter, pelo menos, iniciação de brâmane e ficar um casado antes de morar junto com minha esposa. Isso me parece tão distante porque eu vejo muitos devotos esforçados dedicados e trabalhadores, já antigos no Movimento, que não recebem iniciação. Mas eu vejo, também, alguns mais

relaxados, não são devotados, que recebem logo a iniciação de brâmane. Para isso é preciso ser 'amigo' dos superiores. Eu não sou assim. Não concordo com isso." (devoto - bhakta)

Pierro
 O sistema **varna-ashrama** é exemplo típico daquilo que Bourdieu chamou de capacidade de poder de absolutização do relativo: "naturalizar" as relações de ordem. Uma posição inferiorizada dentro da divisão de castas é vista como fruto da lei do karma, portanto, dentro da própria "natureza" das coisas. Sua posição é justificada dentro de uma hierarquia cósmica de que participam todos os seres do universo. Para Bourdieu, a religião tem a capacidade de apresentar a divisão político-social como algo natural-sobrenatural do cosmos. Ela é estruturante na medida em que, com a autoridade de ser sobrenatural, impõe essa divisão político-social. A religião possui o poder de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, impondo um modo de pensamento único, hierárquico, que "naturaliza" as relações de ordem. (4)

Dessa maneira, os devotos de Krishna acabam justificando suas divisões internas e suas pretensões de montar um sistema de castas aqui no Ocidente. Um sistema de castas, mesmo que adaptado, é impraticável em nossa sociedade. Não se trata do verdadeiro sistema **varna** indiano, mas sim de uma maneira de legitimar as hierarquias internas, estabelecendo uma organização social própria, que não pode ser questionada.

Se essa rigidez na estrutura acaba por afugentar alguns

(4) Bourdieu, P., 1974, pp 46/57.

devotos, por outro lado é responsável pela própria permanência de muitos. Vários devotos declararam, em seus depoimentos, que estão realizados porque encontraram a "verdade absoluta" e não precisam mais se preocupar em buscar respostas e questionar. A nosso ver, trata-se de uma questão de acomodamento em que o devoto se sente "protegido" porque existe uma explicação cósmica que acaba justificando sua existência de uma determinada maneira. Cremos que vários deles estavam em busca desse conforto.

A busca desse sistema religioso que proporciona um certo "conforto espiritual" e a penetração e permanência dessa religião em nossa sociedade serão melhor compreendidas através da análise da faixa de mercado de bens religiosos em que atua. A existência de uma comunidade religiosa nos moldes de Nova Gokula e a constante demanda de símbolos sagrados que preenchem a vida de inúmeras pessoas só poderão ser entendidos dentro da questão mais ampla do campo religioso em que atua. Este é o tema de nosso capítulo seguinte.

IV - O ESPAÇO SOCIAL DO MOVIMENTO HARE KRISHNA: DA CONTRACULTURA AO ORIENTALISMO

Para melhor compreendermos o surgimento e a persistência do Movimento Hare Krishna no Ocidente, e conseqüentemente no Brasil, devemos levar em consideração as características do momento religioso em que surge. Nossa hipótese aponta para a existência de uma clientela específica, formada a partir do processo de secularização e, portanto, não familiarizada com as vertentes religiosas tradicionais da sociedade. É essa clientela que abre o espaço para a penetração de diversas seitas orientais, alternativas, e/ou esotéricas, dentre as quais podemos identificar a seita Rajneesh, a União Vegetal, a Ananda Marga, os Hare Krishna, etc.

Podemos entender a clientela específica que forma o mercado consumidor dessas seitas orientalistas tomando como referência o que Berger denominou de "minorias cognitivas". Apesar do autor de referir ao retorno do sagrado relativo a todas as denominações religiosas, acreditamos que essa noção nos auxilia a pensar a formação dos pequenos grupos sectários.

"Hoje, nas sociedades modernas, o sobrenatural, como realidade cheia de sentido, está ausente ou distante dos horizontes da vida cotidiana de grande número de pessoas. (...) Isso significa que aqueles, para quem o sobrenatural é ainda, ou de novo, uma realidade cheia de sentido, encontra-se numa situação de minoria, mais

precisamente de uma minoria cognitiva."(1)

Por "minoria cognitiva", Berger entende um grupo de pessoas cuja visão de mundo é significativamente diferente da visão generalizada em sua sociedade, ou seja um grupo formado ao redor de um corpo de conhecimentos divergentes dos da maioria.

Por suas próprias características sectárias, essas vertentes religiosas que bebem de fontes orientalistas não chegam a conquistar amplas massas da população. Sua atuação acaba restrita a pequenos segmentos sociais.

Incorporando a perspectiva de Bourdieu a respeito da formação e estrutura do campo religioso, podemos compreender melhor as lutas internas entre as diferentes religiões e o espaço ocupado pelas seitas orientais no mercado de bens simbólicos religiosos.(2)

Sendo o campo religioso um espaço onde se manifestam relações de poder, encontramos as religiões ocupando posições determinadas neste particular em razão dos capitais religiosos de que dispõem. No pólo dominante (ortodoxia) estão as várias religiões históricas tradicionais, já consagradas. No pólo oposto, dos dominados, encontramos as religiões e práticas heterodoxas que tendem a desacreditar as primeiras. (3) Através do seu discurso, o profeta procura atrair um número cada vez maior de fiéis para sua seita. Estes são caracterizados por não se constituírem em consumidores dos bens religiosos ortodoxos, e

(1) Berger, P., 1973, p. 19.

(2) Cf. Bourdieu, P., 1974

(3) Bourdieu, P., op. cit., pp. 39/45.

e por procurarem algo diferente, específico. O sucesso do profeta está atrelado, então, à sua capacidade de oferecer um novo corpo de conhecimentos alternativos e diversos, que seja capaz de atrair esses clientes que, de outra maneira, não chegariam a ter uma vivência religiosa.

1 - Origem e Formação do Espaço do Movimento Hare Krishna

Em nosso trabalho de campo, percebemos que a grande maioria dos devotos ou leigos, consumidores desse determinado tipo de bem religioso, é interada por jovens que tiveram uma formação religiosa precária e praticamente nenhuma vivência. Quase todos são provenientes de famílias católicas das classes médias, oriundos dos grandes centros urbanos e com formação escolar até o segundo grau.(4)

Eliade chama a atenção para o fato de que a nova explosão e interesse pelo ocultismo e pelas novas religiões se dá no interior das camadas urbanas e que "maior parte dos membros dos novos cultos ignora quase completamente sua herança religiosa, mas sente-se insatisfeita com o que viu, ouviu ou leu sobre o cristianismo.(5)

Em alguns depoimentos das histórias de vida dos devotos entrevistados percebemos claramente essa tendência:

(4) optamos por não detalhar esses dados numa tabela estatística, visto que os objetivos do nosso trabalho pendem mais a uma questão interpretativa da realidade estudada, que a uma análise sociológica.

(5) Eliade, M. 1979, p. 68.

"Meus pais não eram católicos, não tinham uma religião definida. Eles acreditavam em Deus, mas não tinham uma igreja, não frequentavam. Eram pessoas piedosas. Meu pai chegou a construir uma creche, estava sempre ajudando as pessoas. Eles tinham uma piedade mundana, como dizem os devotos. (...) Eu fui batizado mas nunca frequentei a igreja."(devoto - bhakta)

"Venho de 'classe média baixa', mas nunca recebi muita educação religiosa. Eu só fui fazer primeira comunhão quando eu já era bem crescida, porque apareceram uns missionários na região, e eu aproveitei a ocasião. Mas eu nunca frequentei a igreja católica, nem minha família ia. Todos são assim: oficialmente católicos, mas ninguém pratica."(devota)

"Meu pai é espírita e minha mãe católica. Frequentavam um pouco a igreja. Eu não cheguei a fazer primeira comunhão. Eu frequentava um grupo de jovens em Sorocaba, mas quando era missa eu não ia."(devota - brâmane)

Isso nos leva à indagação de quais são as características culturais dessa camada social que respondem pela busca de saídas religiosas não convencionais?

Convém fazer aqui uma breve discussão a respeito da questão da secularização da nossa sociedade. Muito se falou sobre o problema da secularização e da "morte de Deus" na sociedade pragmática moderna. Tida como desnecessária numa sociedade em que a ciência daria conta das grandes verdades, a religião ficaria,

então, restrita às camadas mais pobres e despolitizadas. Ao analisar os novos movimentos místicos, principalmente de juventude, Rubem Alves chama a atenção para o fato de que:

"O que não se podia prever é que o novo fervor religioso viesse a se manifestar justamente nos centros onde a secularização, a burocratização e as instituições educacionais e científicas se haviam estabelecido de forma mais forte."(6)

A tão esperada secularização não aconteceu. É justamente no interior das grandes cidades que surge um movimento de renovação religiosa. Citando Leszek Kolakowski, podemos falar em "revanche do sagrado na cultura profana".(7) Ou ainda, através de Peter Berger, na análise que faz a respeito da suposta morte do sobrenatural, dizer que "há algumas razões para se pensar que, no mínimo, bolsões de religiões sobrenaturalistas provavelmente sobreviverão dentro da grande sociedade."(8)

Para uma significativa camada da população e, no nosso caso, principalmente para aqueles que habitualmente não tinham contato com as formas tradicionais do sagrado, Deus está sobejamente vivo.

Se ficássemos somente por aqui, pouco teríamos a acrescentar à nossa análise. Mas se incorporarmos a visão de Berger a respeito de secularização e pluralismo, cremos que avançaremos na compreensão de nosso problema. Podemos pensar

(6) Alves, R., 1984, p. 168

(7) Kolakowski, L., 1977

(8) Berger, P., op. cit., p. 44.

então em secularização não como morte de Deus, mas sim enquanto transfiguração da velha ordem, quando o sagrado deixa de ser o centro da sociedade e da vida de todos os cidadãos e passa a ocupar lugares delimitados.

A análise que Berger faz, sobre os elementos históricos da sociedade contemporânea, nos permite pensar nas brechas que o modo de vida urbano-industrial criou, possibilitando o surgimento da clientela referida. Segundo ele, é do mundo secularizado que surgirão as novas experiências dado que a secularização coloca uma questão inteiramente nova:

"As legitimações religiosas do mundo perderam sua plausibilidade não apenas para uns poucos intelectuais e para outros indivíduos marginais, mas para amplas massas de sociedades inteiras, (...) ocasionando uma crise aguda não apenas para a nomeação das grandes instituições sociais, mas também para a das biografias individuais."(9)

A secularização leva, assim, a nível sócio-estrutural, ao fenômeno do "pluralismo". Encontrando num mesmo contexto histórico uma gama relativamente grande de tentativas de definição da realidade, vários grupos religiosos competem com rivais não religiosos na tentativa de definir o mundo. A religião perde sua tarefa clássica de "construir um mundo comum no âmbito do qual toda vida social recebe um significado último que obriga

(9) Berger, P., 1985, p. 137.

a todos".(10) Temos agora uma vida religiosa diversificada pelos vários segmentos sociais e o fenômeno da conversão torna-se não só corriqueiro como inconsequente. Uma determinada preferência religiosa pode ser abandonada tão facilmente quanto adotada. Na medida em que uma religião deixa de cumprir sua função para um determinado indivíduo ou grupo, este tende a procurar preencher em outras religiões o espaço então vazio. Vivemos numa sociedade de fragmentada e o resultado a nível religioso é a construção de mundos parciais e fragmentados.

Creia-se uma situação de mercado em que os fiéis encontram sempre uma gama variável de opções religiosas. Dentro desse leque de ofertas existe sempre a possibilidade de uma ruptura mais radical com a realidade vivida. A clientela específica a que vimos nos referindo caracteriza-se por buscar mudanças profundas e significativas frente a situação. Tais rupturas, porém, sejam elas a "volta ao passado" ou a "busca de uma perfeição utópica", têm suas raízes no real concreto. O "outro", sonhado e buscado, não é tão "outro" assim. Há uma aparente negação do real, uma ruptura com os valores atuais e a procura de algo "exótico e distante". Mas esse "exótico e distante" radica-se na própria vivência histórica desses grupos; o "outro" passa por uma adaptação para ser aceito na sociedade. É preciso que se torne "vendável" no mercado de bens sagrados.

Fazem parte do repertório desta clientela as práticas, cada vez mais comuns em nossa sociedade, de "voltar" à natureza,

(10) Ibidem, p. 145

ao mundo rural e comunitário. Contra a fragmentação da sociedade industrial procuram construir comunidades baseadas na igualdade e fraternidade humanas, buscando uma auto-suficiência e uma independência da cidade. Para esses grupos, o tempo em que vivemos é de grandes transformações. A sociedade atual passaria por momentos apocalípticos, não apenas no sentido de sua destruição, mas no entender que ela não possui mais respostas. Essas deveriam ser procuradas, portanto, em outras instâncias. Buscam uma nova identidade, desta vez coletiva, com formas diferentes de relações sociais cotidianas, fazendo com que a vida volte a ter um sentido. Aparece, então, um forte apelo místico devocional. A necessidade de uma vida espiritual, que preencha os vazios individuais e, mais ainda, que dê unidade ao grupo, é uma constante em várias dessas experiências. Para esses segmentos sociais, o homem da sociedade moderna é frustrado, não conseguiu conquistar seus ideais. Na "negação" dessa existência encontramos a utopia da plena realização, da perfeição mítica, num mundo a ser construído pelos homens, mas sob a vontade dos deuses. Como resposta à fragmentação aparece a proposta utópica da comunidade religiosa.

Devemos entender por utopia a "incessante viagem da humanidade em direção ao país que não existe; a busca de uma ilha feliz".(11) Antes de mais nada, a utopia é sempre uma crítica aguda à realidade social de seu tempo, aliada ao sonho de uma ordem melhor. As utopias sempre nascem quando na consciência

(11) Szachi, J., 1972, p. 3.

surge uma ruptura entre o que é e o que deveria ser. Para Szachi "não há utopia sem ideal, mas a configuração de uma utopia requer uma posição definida do ideal em relação à sociedade".(12) Esse autor coloca que as utopias podem ser particulares a cada condição histórica, podem corresponder, ainda, às classes sociais, revelando relações de interesses e aspirações de uma determinada classe, camada ou grupo. Dentro da classificação das utopias feita por Szachi, podemos perceber que os grupos alternativos e religiosos se encaixam nas utopias escapistas de tempo, onde há a busca dos "bons tempos do passado", e também nas utopias de ordem eterna. Nestas, a existência humana é localizada além da experiência mundana, relacionando-se com valores eternos como Deus, mitologia, etc. "A encarnação de uma certa sociedade ideal é feita na figura divina".(13) A nosso ver, esses movimentos alternativos apresentam, também, muitas características das chamadas utopias monásticas. De acordo com Szachi, estas seriam produzidas por um pequeno grupo de pessoas que se entregam a um determinado ideal. Fecham-se junto a seus pares a fim de proteger seus valores que julgam supremos.

"Um convento ou uma colônia de sectários religiosos que se isolam do exterior são exemplos deste tipo de alternativa. No mais das vezes, porém, a separação que introduzem é mais espiritual do que espacial."(14)

(12) Ibidem, p. 14.

(13) Szachi, J., 1972, p. 16.

(14) Ibidem, p. 27.

Para esse autor, as utopias monásticas tendem a viver os valores que foram deturpados pela sociedade, de uma maneira autêntica. Cita, ainda, casos em que as "ordens monásticas" decidem sair do isolamento e agir no sentido da transformação da totalidade do sistema social. Mas a característica marcante é a existência de comunidades voltadas exclusivamente para si mesmas, "dedicadas ao aperfeiçoamento dos poucos que são escolhidos". Nesta categoria estariam os **hippies** que "demonstram pelo seu estilo de vida a distinção do seu sistema de valores em contraste com os valores mais ou menos universais na sociedade em que vivem. (15)

Devemos, ainda, tentar compreender a relação existente entre utopia e algumas formas religiosas. Nesse sentido, acreditamos que a análise de Ernest Bloch a respeito de "esperança concreta" possa dar uma grande contribuição.

Para Bloch, a utopia de uma outra vida melhor sempre foi revolucionária. A praxis humana pressupõe a existência da utopia, fonte inesgotável de suas forças. A utopia não é um simples idealismo, ela designa uma possibilidade objetiva e real. Ela não é somente o futuro, esclarece o presente. O passado não está morto, contém coisas que anunciam o futuro e iluminam os homens. Bloch define a utopia concreta ou esperança, através de contornos bastante amplos, refletindo as projeções utópicas para todos os ramos do conhecimento e da atividade humana. A utopia, enquanto uma premência social, manifesta sua antecipação na religião. A originalidade de Bloch aparece sobretudo no seu

(15) Ibidem.

esforço para assumir a necessidade e o apelo que se encontram na raiz de toda religião. A religião está ligada a uma exigência da história e é o mais forte estimulante dado ao homem na sua marcha para a reconciliação consigo mesmo e com a natureza. O verdadeiro dinamismo da religião é, de acordo com Bloch, manter sempre acesa a chama da esperança no futuro Reino da Liberdade que há de vir. Aí serão superadas todas as contradições e o homem poderá realizar-se em plenitude. (16)

A imaginação utópica é inerente ao homem e encontramos sua presença nas mais variadas sociedades. É através da capacidade de projetar simbolicamente que o homem está sempre construindo sua esperança no futuro, na possibilidade de que os problemas do aqui e agora estejam superados. Crê-se na idéia de um paraíso (ou nirvana) a alcançar num futuro, ao fim de alguma coisa, ou também a crença da existência de um paraíso, que a atual realidade não comporta mais, mas que é passível de ser resgatado. É comum considerar o pensamento religioso desprezível como fonte de imaginação utópica. Porém, ao pensamento sagrado relaciona-se objetivos concretos e realizáveis, como em qualquer outra utopia. A religião é antes de tudo esperança.

Enquanto a esperança é, no homem e na matéria, um princípio que se funda sobre a diferença ou inadequação entre o que é e o que não é ainda, a utopia apresenta-se como uma antecipação do Reino da Liberdade esperado pelo homem. Ao negar a utopia enquanto um produto da imaginação louca do homem e

(16) Bloch, E., 1977.

desprovida de eficácia no confronto com o real, Bloch restaura seu conceito vendo na utopia o esforço humano para desvendar e exprimir as possibilidades inscritas no real. Bloch é atraído pela função prospectiva da imaginação do homem enquanto é capaz de elaborar uma visão do futuro para melhor enfrentar o presente.

A esperança no futuro não significa passividade no presente. É na ação de agora que se delineia já o que está por vir. Atribui-se constantemente às utopias uma característica de rompimento com as estruturas vigentes, denunciando uma situação que não pode ser sustentada, e na denúncia já se anunciam os elementos libertadores que se desejam presentes no tempo que ainda não chegou, mas pelo qual se empenhará toda a ação modificadora.

Mircea Eliade, ao tratar do recente interesse dos estudiosos a respeito dos movimentos milenaristas e as diferentes formas de utopia, constata um desejo marcante de voltar atrás e descobrir a história primordial, seus "princípios absolutos."

Mircea Eliade, ao tratar do recente interesse dos estudiosos a respeito dos movimentos milenaristas e as diferentes formas de utopia, constata um desejo marcante de voltar atrás e descobrir a história primordial, seus "princípios absolutos." Reconhece-se assim, a importância do fator religioso, especialmente a importância dos movimentos proféticos, escatológicos e milenaristas.

"Este deseo de vuelta, a los principios de uno mismo, de recuperar una situación primordial, denota también el deseo de empezar de nuevo la nostalgia de revivir la

beatitud y la exaltación creadora de 'principios.'"(17)

Além de tratar-se de busca das origens religiosas, pode-se detectar também o desejo de uma renovação das estruturas e dos valores, a esperança de uma renovação radical.

A transformação, embora possa ser imaginada individualmente, não se faz a não ser no social. O indivíduo solitário não rompe a situação. A utopia só se reveste de suas verdadeiras características quando reflui do indivíduo para o grupo e se traduz em ação conjunta. O ideal a ser conquistado infunde-se em cada aspecto de cada atividade grupal e promove a organização das experiências e da ação. Determina a sequência, a ordem e a valorização das experiências singulares. Experiências, aspirações e propostas, sob a luz do projeto utópico, ordenam o futuro e o passado. A utopia faz o tempo cronológico tornar-se tempo histórico dando aos acontecimentos um significado global. É nessa totalidade significativa, que a luz da utopia ilumina, que o indivíduo compreende o curso dos acontecimentos e seu lugar nele. O homem utópico procura sua força na fé. Acredita na possibilidade de mudança. A fé é o substrato das coisas em que ele repõe sua esperança. É a fé que faz o impossível se tornar possível.

A consciência religiosa se constrói sobre a pressuposição da existência de uma dimensão misteriosa da realidade, transcendental, que estrutura o real em níveis qualitativamente distintos. A religião é a construção, empreendida pelo homem, de um cosmos sagrado. Este cosmos,

(17) Eliade, M. 1982, p. 313.

postulado pela religião, transcende e ao mesmo tempo inclui, o homem. A religião é assim, peça fundamental na tarefa do homem na construção do mundo.

"O sagrado é apreendido como algo que 'salta para fora' das rotinas normais do dia a dia. (...) O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca sua vida numa ordem, dotada de significado. (...) A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. (...) A religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo."(18)

As utopias também se enquadram enquanto conceitos carregados de dialética. Todo o real é também utópico. O existente já contém em seu bojo o utópico, que é a sua plenificação, a sua morte e a ressurreição em um novo ser. Mannheim descreve este movimento ao afirmar que:

"Cada época permite surgir (em grupos sociais deversamente localizados) as idéias e valores em que se acham contidas, de forma condensada as tendências não-realizadas que representam as necessidades de tal época. Estes elementos intelectuais se transformam então, no material explosivo dos limites da ordem existente. A ordem existente dá surgimento a utopias

(18) Berger, P., 1985, pp. 39/41.

que, por sua vez, rompem com os laços da ordem existente, deixando-a livre para evoluir em direção à ordem de existência seguinte."(19)

As utopias desvendam as possibilidades reais, tanto que se pode falar de utopias concretas (Bloch). Não só elas constituem um contra-real, em sua capacidade de ruptura, de contestação da situação atual e da ordem estabelecida, mas também permitem uma percepção do real.

É nesse sentido que podemos pensar a formação de uma clientela específica dentro do campo religioso que permite a constituição de grupos comunitários religiosos e seitas orientais. A conversão a uma determinada seita exótica representa, a nível do imaginário, uma ruptura com a realidade vivida. Como vimos, não se trata de uma ruptura radical, mas sim de uma opção que possui laços fortemente instalados nas experiências concretas desses grupos. Existem algumas particularidades que fazem com que essa conversão aponte no sentido de uma seita oriental ou de uma comunidade ecológica. É preciso verificar, portanto, quais são esses condicionantes.

As novas opções religiosas vão fazer sentido a camadas cada vez mais significativas da sociedade. O fato de uma pessoa aderir à seita é explicado por Bourdieu pelo despertar que o seu capital religioso causa no indivíduo, sensibilizando-o. Nesse sentido, a "religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular". A

(19) Mannheim, K., 1968, pp. 222/223

religião precisa fazer sentido para tal segmento social, pois ela não apenas livra de angústia existencial como também fornece "justificações de existir em uma posição social determinada", possibilitando a existência dentro dos quadros vigentes "com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes."(20)

Velhas utopias e religiões tradicionais não fazem mais sentido para amplos setores, notadamente os jovens. Busca-se um "novo homem" numa projeção utópica de uma sociedade em que o sujeito seria o indivíduo plenamente realizado dentro de uma sociedade humanizada. Esta sociedade alternativa, de bases religiosas, permite que o indivíduo se realize na medida em que se integra à divindade, pois é uma parte de um todo, parte de um cosmo sagrado".

As diferentes religiões fazem seus apelos de formas distintas, levando as experiências particulares. A sociedade industrial desperta para alguns um profundo sentimento de rejeição da realidade. Estes, como forma de saída, procuram uma proposta de superação desse fracasso num mundo totalmente diferente, místico, misterioso, alegre, etc. Há uma proposta de transformação radical, uma conversão total do sujeito, estabelecendo uma crise em seu sistema de referências. As pessoas envolvidas rompem com o cotidiano e voltam-se para opções místicas, buscando uma dimensão misteriosa da realidade. O importante, aqui, é perceber a ruptura como uma proposta interna à própria realidade por elas vivenciada.

Enquanto existe um equilíbrio nas relações entre o

(20) Bourdieu, P., op. cit., pp. 46/48.

homem e o mundo, a consciência não se sente problematizada. A opção mística indica que o equilíbrio foi rompido. Se não fosse assim, "a consciência não emigraria para fora da realidade institucionalizada.(....) A suspeita da irrealidade do real socialmente construído emerge na medida em que a consciência passa a sentir que existe um conflito entre suas aspirações e valores e as produções institucionais.(21)

Este mundo não responde mais aos anseios desses indivíduos. Houve a ruptura. O problema é saber para onde canalizam as expectativas, as esperanças e as utopias. Uma das vias pode ser a experiência mística oriental, ou o uso de drogas, ou ainda de ambos.

O movimento **hippie** da década de 60 defendia o uso de drogas em larga escala. Alguns dos expoentes da contra-cultura se esforçam em mostrar a ligação existente entre o mundo das drogas e a religião.

"O fascínio dos jovens por religiões exóticas e narcóticos constitui sintoma de sua procura de uma base que possa suportar um programa de reforma social radical." (22)

Rubem Alves também faz uma ligação de experiência no mundo das drogas com o fenômeno religioso. O jovem não mais aceita a racionalidade do mundo ocidental que domestica e reprime uma vasta área das nossas experiências, "colocando vendas nos

(21) Alves, R. op. cit., p. 172

(22) Roszak, T., 1972, p. 190.

olhos interiores para que pudéssemos apenas contemplar os objetos exteriores", criando uma realidade truncada e empobrecida que somente com o auxílio das drogas conseguiria libertar as asas da imaginação. (23) Sair do "sacramento químico" e passar ao dogmático seria, então, uma simples transferência de valores e a busca de uma significação coletiva maior.

Acontece, então, o processo de "fuga" do real e a alienação. Esta fuga é motivada basicamente pela sensação de impotência para resolver os problemas. Quando o senso da contradição entre a institucionalização e as aspirações é "acompanhado pelo senso de impotência, o projeto de transformações é substituído pelo projeto de imigração". (24) A nossa civilização é marcada pelo sentimento de impotência. Estamos impotentes diante do mundo, das grandes estruturas burocráticas, tecnocráticas e econômicas. Não se sabe contra quem lutar. Coloca-se duas possibilidades: ou aceita-se a realidade socialmente construída como sendo de fato a realidade, ou mantém-se a suspeita de que o "real não seja real, guardando no espaço e no tempo que nos são interiores, os valores e aspirações para os quais não há lugar no mundo", busca-se a utopia. Neste momento já nos encontramos no misticismo, "porque tratamos o que é como se não fosse". Encarado dentro de uma perspectiva utópica, trata-se da crença numa eventual transformação futura plena do

(23) Alves, R., op. cit., p. 169.

(24) Alves, R., op. cit., p. 174.

significações e de prazeres. (25)

Podemos falar, então, numa "crise" que provoca a emigração de um determinado número de pessoas e essas opções exóticas, constituindo sua clientela específica.

Entre os devotos de Krishna fica claro esse momento de crise e o repúdio ao estilo de vida anterior. Esse aspecto é enfocado por Larry Shinn em sua análise a respeito do Movimento Hare Krishna nos Estados Unidos da América.

"What is the case is that among people who join this movement, almost all had been in a state of crisis before they ^{join?} the movement. By 'crisis' I mean most often psychological crisis: a sense of identity confusion, not being quite sure where to place one's values, search for meaning, religious crisis. These crisis have taken a variety of forms and degrees of intensity - from simple frustration with vocational direction to deep existential dissatisfaction."(26)

Em alguns depoimentos colhidos em nossa pesquisa aparece, também, de maneira evidente, esse aspecto de crise, de insatisfação com a sociedade capitalista e a busca de uma ruptura.

"Larguei a Universidade um ano antes de entrar para o Movimento. Estava procurando a verdade absoluta. (...) Eu entrei na Universidade para fazer engenharia, já que na família tinha engenheiros muito bem sucedidos em

(25) Ibidem.

(26) Shin, L., 1983, p.64.

firmas grandes. Eu tinha um futuro bastante promissor. Só que quando eu comecei a estudar, levei um choque, porque comecei a entender a realidade da sociedade capitalista. Fiquei profundamente frustrado. Senti que seria mais um explorador dentro do sistema capitalista. Isso seria um grande pecado.(...) Então assumi posições muito radicais. Mas chegou o momento em que eu vi que os problemas eram causados pelos líderes que não tinham boas qualidades. Nesse momento eu senti que as ideologias são boas, mas as pessoas que dirigem sempre têm os mesmos defeitos e estragam tudo. Então, resolvi procurar uma solução pessoal, como desenvolver o caráter ideal. Nesse momento eu comecei a pesquisar as diversas correntes espiritualistas.(...) Estudei várias correntes, **yoga**, teologias, e outras. Achava que a verdade é impessoal. Mas isso também não me satisfazia. Até que, um dia, eu comprei um livro de Prabhupada e cheguei à compreensão de que o aspecto impessoal era subordinado ao aspecto pessoal."

(devoto-brâmane)

"Antes de entrar no Movimento eu já estava procurando uma vida, um caminho que não levasse à insatisfação do mundo material, à frustração." (devoto - brâmane)

"Minha família é católica, na minha infância eles me levavam à missa. Mas quando comecei a estudar história comecei a ficar ateu, a me interessar muito pelo avanço tecnológico, pelo mundo material. Daí nunca mais fui à

missa. Comecei a ficar muito descrente, muito materialista. Mas depois comecei a perceber que esse mundo materialista não respondia a tudo que eu queria saber. Aí, depois, fiquei muito frustrado com tudo isso, não conseguia achar uma resposta que satisfizesse minhas frustrações e aí pedi a Deus que me ajudasse. Mas eu não acreditava em Deus (risos). Aí foi o despertar. Eu comecei a procurar tudo o que era filosofia, assim, religiosa. Comecei a ver a Bíblia, depois fui estudar o espiritismo e depois fui para os orientais, estudar o conhecimento oriental." (devoto - brâhmane)

"Eu sentia que o mundo inteiro estava errado e eu não conseguia sair dessa. Ficava dias sem fazer nada, não conseguia encontrar sentido nenhum. Não conseguia estudar, trabalhar, essas coisas. Quando eu conheci o Movimento, foi como uma luz que se iluminou. Eu descobri a verdade."

Emigração, fuga, construção utópica de uma sociedade ou retorno a um nirvana que foi perdido são, enfim, elementos que resultam da "crise" social e de valores, vivenciada por essas camadas sociais. Momentos de crise na sociedade não são nenhuma novidade histórica. A civilização ocidental tem enfrentado inúmeras crises que são vivenciadas e resolvidas de maneiras particulares. O que nos interessa é perceber as características da "crise" que resultou na formação do espaço social religioso no qual surge o Movimento Hare Krishna.

Se levarmos em consideração as análises de René Guénon a respeito da "crise do mundo moderno", veremos que o chamado

modelo ocidental já estava em crise na primeira metade do presente século. Possuidor de uma visão pessimista, Guénon contrapôs a civilização ocidental à oriental e previa mudanças radicais em nossa sociedade:

"Por consiguiente, si se dice que el mundo moderno, lo que se entiende por esto más habitualmente és que ha ilegado a un punto crítico o, en otros términos, que és imminente una transformacion más o menos profunda, que en breve plazo, deberá inevitablemente producirse un cambio de orientación, de grado o por la fuerza, de una maneira más o menos brusca, con o sin catástrofe."

(27)

Ao nosso ver, essa crise que resulta numa crítica mais contundente da civilização ocidental e busca respostas orientais toma formas mais claras no movimento de contestação político-cultural que ficou conhecido como contracultura. Esse movimento que se originou nos EUA e prosseguiu através da Europa, chegou ao Brasil com um certo atraso e um tanto transfigurado, mas, evidentemente, causou repercussões entre nós. A visão de mundo tradicional passa a ser vista como arcaica e sem sentido para grande parte da juventude que vive, então, um ethos renovado, num sentimento forte de amizade, fraternidade, amor e paz. A descrença nas maneiras tradicionais de se fazer política, a não aceitação do modelo consumista do capitalismo e sua prática imperialista e a recusa em continuar aceitando velhos padrões

(27) Guénon, R. 1982, p. 2.

morais e culturais, levaram a juventude à procura de um rompimento com o status quo e a uma crítica profunda e significativa. O ativismo político da década de sessenta mostrava-se com uma forte inclinação para o ocultismo, para a magia e para o ritual exótico que se tornou parte integrante da chamada contracultura. Essa tendência ficou marcada pela procura de uma religiosidade oriental:

"É inquestionável que os **beats** de São Francisco, e grande parte da geração mais jovem que os seguiram, pensaram ter encontrado no Zên alguma coisa de que necessitavam, e logo passaram a utilizar o que compreendiam dessa tradição exótica como justificativa para satisfazer suas necessidades."(28)

Ouve uma forte tendência a opor-se à ordem da sociedade tecnológica e afastar-se da cultura dominante. É esse novo mercado, ávido por coisas exóticas e querendo negar seus modelos antigos, que vai formar o novo grupo de fiéis das várias seitas orientais. Não é somente o Movimento Hare Krishna que surge, mas uma infinidade de outras seitas, muitas das quais já desapareceram.

Francine Daner em seu artigo "Conversion to Krishna Consciousness: the transformation from Hippie to Religious Ascetic", afirma categoricamente a herança contracultural, hippie, do Movimento Hare Krishna. Diz que, em muito casos, a vida anterior à conversão era relacionada a drogas e sexo, que várias vezes as experiências com drogas eram relacionadas às

(28) Roszak, T., op. cit., p. 140.

questões místicas. Quando o jovem percebia que as drogas não davam as respostas que buscava, acabava encontrando o caminho da devoção à Krishna. A experiência psicodélica anterior à entrada na ISKCON representava a mais importante faceta da vida do pré-devoto, mas outras também apareciam, como por exemplo a dieta vegetariana, a permissividade sexual, viagens, várias outras visões filosóficas e religiosas, etc. (29)

Em nosso país, a contracultura não teve os mesmos contornos que em seus países de origem mas, a vida anterior à conversão de muitos devotos apresenta características semelhantes. É o que podemos perceber nos seguintes depoimentos:

"Eu sempre tive uma tendência mística, esotérica, sempre buscando, pois sempre achei que só essa vida material é muito pouco. Sempre achei que tinha uma outra vida além disso. Isso me levava a me relacionar com pessoas alternativas. Não queria saber de trabalhar 'plantada' num lugar. (...) Mas eu tomava muita droga, tinha uma vida, assim, meio caída, né?" (devota - bhaktin)

"Eu desenhava. Mas não trocava meus quadros por dinheiro. Dinheiro não era nada para mim, não tinha nenhum valor. (...) Aí eu entrei na viagem de fazer artesanato, trabalhar com prata, fazendo brincos. Estava independente, mas não estava satisfeito. Aí, muita loucura na alma, porque vieram as drogas, até

(29) Daner, F., 1975

esquecer o corpo, mesmo. (...) eu estava em contato com um tipo de pessoas, os hippies, que também tinham esse tipo de realização, estavam buscando alguma coisa." (devoto)

"Quando eu saí de casa eu fui morar com uns índios, nos Andes, nas cordilheiras. Não conseguia ficar mais na cidade. Qualquer cidade. Eu vivia de artesanato, fazia tear. E foi assim que eu conheci o Movimento, quando eu 'tava' vendendo algumas coisas numa feira hippie e apareceu uma devota vendendo livros. Eu me liguei logo naquilo, em Prabhupada." (devota - bhaktin)

A maioria dos devotos entrevistados admitiu que tinha usado algum tipo de droga, ou fizera uso de maneira regular. A conversão disciplinou suas vidas e muitos afirmaram que encontraram no Movimento uma razão e um incentivo para pararem de se intoxicar. Os quatro princípios regulativos básicos da devoção a Krishna são muito rígidos e resultam numa postura ética com comportamentos bastante delimitados. De uma permissividade radical passa-se, agora, a um controle sistemático que direciona a vida do devoto, principalmente no que se refere a alimentação, intoxicação e vida sexual.

Stillson Judah ao analisar a ligação do Movimento Hare Krishna com a contracultura aponta alguns elementos de rejeição ao estilo de vida estabelecido que são, também, componentes do discurso contracultural. Primeiramente os devotos rejeitam qualquer tipo de sucesso material para si mesmos advindo de uma sociedade competitiva. Rejeitam ainda: uma educação que provoque valorizar a competição; a acumulação de bens para gratificação

dos sentidos; qualquer tipo de autoridade, civil ou paterna; qualquer tipo de guerra e ainda lutam contra discriminações raciais e a favor dos direitos humanos. Para Judah, a ISKCON possui esses pontos de concordância pois é fruto da própria contracultura, mas não admite que o Movimento Hare Krishna seja de contracultura. Para ele, uma grande parte dos devotos experimentou idéias da contracultura como uma forma alternativa de vida, mas essa aventura não lhes deu a satisfação esperada. Com a conversão ao Movimento essas pessoas passam a viver uma nova postura, uma nova orientação em suas vidas e passam a se sentir mais felizes. (30)

No interior do movimento de contracultura é muito forte a tendência ao misticismo e exotismo, porém, a oferta religiosa existente não satisfaz. Os sistemas simbólicos tradicionais são incapazes de satisfazer esse novo ethos. Está aberto o espaço para a penetração e constituição das seitas orientais. Nesse momento, Prabhupada obtém um rápido sucesso pois possui:

"...uma aptidão para formular e nomear o que os sistemas simbólicos vigentes afastam para o domínio do informulado ou do inominável.(...) Tal aptidão constitui o capital inicial que permite ao profeta exercer uma ação de mobilização sobre uma fração suficientemente poderosa dos leigos, simbolizando por seu discurso e por sua conduta extraordinários o que os sistemas simbólicos ordinários são estruturalmente

(30) Judah, J.S. 1974, pp. 163/174.

incapazes de exprimir, em especial no caso das situações extraordinárias."(31)

Essa marca característica do profeta, "homem de situações extraordinárias", permite o início do Movimento no Ocidente, ou como Boudieu definiu, a formação do "capital inicial". A acumulação posterior desse capital vai ser fruto da ação racionalizadora e moralizadora dessas práticas iniciais. em outros termos, o movimento Hare Krishna aparece no interior da contracultura, junto a outras vertentes religiosas, e prossegue por uma via própria, instituindo normas de comportamento, até então inexistentes, orientando aquele ethos inicial. Conquista, assim, uma parcela da camada social que compunha a contracultura. É importante frisar que essas normas são instituídas aqui, no Ocidente, como forma de adaptar um estilo de vida hindu ao modo de comportamento **hippe**. Mais do que uma característica de origem oriental, porém, trata-se de uma necessidade vivenciada pelo grupo inicial de devotos ocidentais. Não se trata de buscar uma vida totalmente diferente, mas sim de regulamentar a própria vivência ocidental, de acordo com as exigências de então.

A contracultura acabou, ou foi, de certa maneira, absorvida pelo sistema, mas a ISCKON não. Ao contrário continua crescendo e expandindo sua influência pelo mundo todo. Num primeiro momento é a contracultura que abre espaço para essas novas manifestações religiosas. Mas, com o término desse movimento contestatório é necessário procurar outras razões para a continuidade do Movimento Hare Krishna, assim como de outras

(31) Boudieu, P. op. cit., p. 73

manifestações alternativas, comunitárias e religiosas.

Eliade critica a visão de que o interesse pelo ocultismo nos anos sessenta e a sua continuidade nos anos setenta é somente resultado da insatisfação com a tradição cristã e com a Cultura Ocidental. O autor fala numa rejeição da tradição cristã em favor de um método mais abrangente e mais eficiente de se alcançar uma renovação individual e, ao mesmo tempo, coletiva. Há sempre "a convicção de que existe uma maneira de se escapar do caos e da falta de sentido da vida moderna e que essa maneira implica numa iniciação e numa revelação de segredos antigos e veneráveis". Para Eliade, é sempre a atração por uma iniciação pessoal que explica o grande interesse pelo oculto. (32)

Eliade, ao colocar a relevância da atração por uma iniciação pessoal, dá uma contribuição valiosa para explicar a conversão dos devotos nos dias de hoje. O autor fala que:

"...na explosão ocultista contemporânea, a iniciação, independente do conceito que o participante tenha do termo, tem uma função capital: ela confere um novo **status** ao adepto; ele se sente 'eleito' de uma certa forma, escolhido no meio da multidão anônima e solitária. além disso, na maioria dos círculos ocultistas, a iniciação tem também uma função supra pessoal, porque supõe que cada novo adepto contribua para a 'renovatio' do mundo"(33)

(32) Eliade, M. 1979, p. 69.

(33) Ibidem.

Deve-se levar em consideração a tentativa de ser formar uma experiência de cooperação numa sociedade marcada pela feroz competição em busca da sobrevivência. As relações pessoais fundadas em bases mais igualitárias do que utilitárias devem ser consideradas válidas num meio cuja tendência é converter toda a vida social em relações pragmáticas e fragmentadas.

Há uma forte tendência ao que Eliade chama de tentativa de descobrir a sacralidade da natureza, a integração cósmica de um universo religioso. Isso aparece de maneira muito clara nos movimentos ecológicos, em que o "retorno" à natureza é sempre acompanhado de uma visão sacralizada dessa mesma natureza.

Concluindo a nossa questão sobre a constituição do espaço do Movimento Hare Krishna, podemos dizer que, agindo a partir do pólo dominado dentro da estrutura do campo religioso, essas seitas contestam a ortodoxia não colocando em causa, porém, os princípios de poder que constituem esse campo. Agindo assim, participam da sua dinâmica legitimando a existência dos pólos que, através do antagonismo estabelecem e reconhecem os limites do campo das disputas religiosas. Da situação inicial, caracterizada por uma clientela específica não satisfeita com as formas religiosas tradicionais e preocupada com uma visão de mundo nova e alternativa, chega-se a uma institucionalização e burocratização dessas expectativas através de seitas e correntes espirituais. (34)

Se antes os grupos comunitários, já possuídos de uma tendência de exaltação do culto e de sacralização da natureza,

(34) Bourdieu, P., op. cit., pp. 40/45.

praticavam suas crenças de maneira não-sistematizada e sem uma hierarquia marcada, uma parte deles, no nosso caso os devotos de Krishna, passam a seguir práticas normalizadas pelo corpo de especialistas, segundo um esquema de ação pré-fixado. As crenças, as práticas e as vivências serão agora enquadradas dentro dos regimentos da ISKCON, segundo as normas de Prabhupada e os ensinamentos dos **vedas**. Esse saber, que vai dar conta das necessidades anteriores, vai ser controlado agora por um pequeno grupo de especialistas que detêm o poder de monopólio dos símbolos sagrados do Movimento Hare Krishna. O controle sobre esse corpo de especialistas também será rígido. Somente o GBC tem condições de definir quem são os seus membros que podem ser gurus e iniciar novos devotos. De uma prática irrestrita de amor livre, uso de drogas e quebra de valores, passa-se agora a uma prática de moral extremamente rígida baseada em quatro princípios regulativos básicos que ordenam a vida do devoto. Da relativização da verdade, onde tudo é permitido, passa-se para absolutização do saber, que é uma "revelação divina".

2 - As Comunidades Ecológicas e a procura do Oriente

A contestação contracultural possibilitou o surgimento de comunidades rurais e urbanas que propunham uma maneira alternativa de viver. Convém explicarmos melhor o que são essas comunidades alternativas e como e por que elas foram desembarcar numa religiosidade. Há de se ressaltar também a razão pela qual esse "retorno" à religião se deu via Oriente. Afinal de contas, por que orientalismo?

Joseph Huber preocupou-se em analisar o movimento

alternativo dos anos oitenta e saber se havia alguma mudança de orientação em relação ao movimento hippie. Ele defende a utilização dos conceitos "alternativo" e "movimento alternativo" contra as críticas mais comuns que designavam o "alternativo" como uma etiqueta geral demasiadamente vaga. Para o autor, trata-se de um "movimento de multiplicidade e talvez seja mais adequado falar de uma multiplicidade de movimentos alternativos".(35) Considera esse pluralismo como um feixe de várias correntes que emergem de determinadas oposições e certas manifestações da crise atual. Cada uma desenvolve uma crítica determinada ao sistema vigente, que se articula a idéias alternativas e a projetos correspondentes. Fazem parte desse pluralismo as iniciativas civis, o movimento ecológico e anti-nuclear, o movimento de mulheres, de homossexuais, a esquerda não ortodoxa e ainda o meio anarquista. Ao definir as correntes político-ideológicas do alternativo, Huber classifica as seitas religiosas e o novo espiritualismo como movimentos um pouco à margem das demais correntes pois as "seitas são notavelmente isoladas, em parte porque elas mesmas se excluem, em parte porque elas procuram distinguir-se daqueles grupos 'conscientizados politicamente'".(36) Apesar de características próprias, o novo espiritualismo se enquadra com as demais correntes alternativas na medida em que suas origens também estão radicadas nos "grupos que usavam drogas em fim dos anos sessenta e que, parcialmente, ainda

(35) Huber, J., 1985, p.11.

(36) Ibidem, p. 27.

vivem desses grupos".(37) Enfim, concordamos com o autor na sua tese de que o movimento alternativo não é unitário e unificado, e sim que significa o conjunto de todos os projetos organizados espontaneamente, sem a interferência do Estado. Há, porém, a nosso ver, uma relação entre as várias correntes do alternativo que nos permite pensar nas mudanças ocorridas que possibilitaram a transformação de vários movimentos alternativos seculares, em movimentos religiosos.

Danièle Léger, em seu artigo "Apocalyptique écologique et 'retour' de la religion", (38) analisa a proximidade existente entre o movimento ecológico e a nova espiritualidade religiosa. A autora enfoca primeiramente o medo do apocalipse ecológico como sendo fruto do abuso do homem sobre o universo - o equilíbrio da natureza foi rompido. Numa tentativa de resgatar este equilíbrio e negar o mundo moderno, surge uma série de campanhas em favor da ecologia. Trata-se, até então, de um movimento secular com uma afinidade bastante grande com os apocalipses religiosos. Tal fato leva esse apocalipse secular a incorporar símbolos e referências religiosas. É importante ressaltar que esse "retorno" à religião não surge de uma irracionalidade, mas sim como fruto da própria racionalidade e secularização do mundo moderno, e também como uma busca sistemática de uma racionalidade alternativa.

"Ce 'retour' à la religion' paradoxalement rendu possible par le processus messif de sécularisation, est d'autant plus intéressant à étudier que il se

(38) Léger, D., 1982.

produit surtout chez des intellectuels, dans des couches en situation non pas pré-politique ou pré-scientifique, mais plutôt post-politique et post-scientifique: la réaction anti-moderne dont il procède relève moins d'un refus global de l'évolution historique que d'une appréciation rationalisée des limites objectives du progrès, en fonction des moyens pris pour l'atteindre." (39)

Posteriormente, ao falar da sobrevivência comunitária como um espaço da religião, a autora analisa três tipos de etapas decisivas do processo de integração comunitária que ocasionam o retorno do sagrado. A primeira etapa é a do discurso catastrófico ecológico e da busca da sobrevivência autônoma. A segunda é a da ética "simplista" da "lei da natureza", em que se formam as regras da vida comunitária. Essas regras não são escritas e buscam fazer uma harmonia entre os princípios da vida comunitária e as leis da natureza. Num terceiro estágio percebemos que essas regras da vida comunitária sistematizam a separação do grupo com o mundo exterior. O conteúdo dessas regras varia conforme a identidade de cada grupo, formando, então, uma estrutura de consciência dicotômica, colocando uma estrutura de salvação (aqueles que serão salvos e os que não serão). Surgem aqui as práticas rituais de cada grupo específico - rituais de comunhão e de reconciliação comunitária, rituais de purificação individuais e coletivos, rituais de conciliação com o meio ambiente natural, etc. Essas práticas correspondem à necessidade de marcar

(39) Ibidem, pp. 60/61.

simbolicamente e de reconstituir, para cada um e para o grupo todo o senso de integração/separação que permite viver a prática austera da sobrevivência comunitária como via de acesso à salvação. (40)

Essa oposição simbólica comunidade X mundo, bem X mal, ordem X desordem, leva à dicotomização apontada por Durkheim entre sagrado X profano. Encontramos, portanto, como base desses grupos comunitários, a devoção religiosa. A maior parte dos movimentos comunitários alternativos no Brasil têm uma preocupação mística ou religiosa bastante acentuada. Nova Gokula, por sua vez, é tida como uma fazenda ecológica e comunitária, tendo sido, inclusive, sede do IX Encontro Nacional de Comunidades Alternativas em 1985.

Sendo assim, concordamos com Léger e também com Eliade (41) na perspectiva de enfocarmos esses movimentos alternativos como possuidores de fortes tendências religiosas.

Cabe agora perguntar por que essa "renovação", ou retorno à religião se processou como uma busca às tradições orientais, tão distantes da visão de mundo e do ethos ocidental.

Todos os autores enfocados até agora, que se preocuparam com esse retorno religioso e movimento alternativo, foram unânimes em apontar a tendência orientalista desses grupos.

Guénon diferencia o mundo ocidental e o oriental pela questão da tradição. De um lado estariam todas as civilizações que permanecem fiéis ao espírito tradicional, que são as

(40) Léger, D., op. cit., p. 63.

(41) O retorno à religião como "renovativo" no mundo.

orientais, de outro, uma civilização propriamente anti-tradicional, que é a civilização ocidental moderna. Pode-se dizer que antítese do Oriente e do Ocidente consiste em que o Oriente mantém a superioridade da contemplação sobre a ação, ao passo que o Ocidente moderno afirma, pelo contrário, a superioridade da ação sobre a contemplação. No seu entender, a civilização ocidental, encontrando-se à beira da ruína final, tem uma grande necessidade de se defender contra si mesma e contra suas próprias tendências. Isso acarretaria uma aproximação com o Oriente, na medida em que essa "reforma do Ocidente" deveria se dar por uma verdadeira restauração tradicional.(42)

Jean Verrene ao estudar o hinduísmo contemporâneo concorda com a idéia de Guénon e aponta a razão essencial que provocou o entusiasmo de alguns pelo hinduísmo:

"La idea de que Oriente es la patria primeira de la humanidad, y de que sólo los hindues son verdaderos metafísicos (algunos hablarán más tarde de la 'miopia intelectual' de Occidente). Y por supuesto será fácil relacionar entre sí estas dos ideas: la verdadera metafísica sólo se encuentra en la India porque la India es depositaria de la tradición primordial, aquella de la que se beneficiaban los primeros hombres en los albores del mundo."(43)

Essa busca das "raízes", da autenticidade primordial, aparece em grande parte nos depoimentos de histórias de vida

(42) Guénon, R., op. cit., p. 31.

(43) Verrene, J., op. cit., p. 274.

colhidos. É significativo, nesse sentido, a história de um ex-padre, com mais de sessenta anos, que abandonou a batina convertendo-se a **vaishnavismo** e indo morar em Nova Gokula:

"Minha conversão foi algo que teve a ver com o meu desejo de procura. Eu estava mesmo à procura de uma verdade mais sólida, porque a pregação católica era muito precária e eu notava que os fiéis faziam perguntas e as respostas não satisfaziam. (...) Quando eu encontrei o Movimento Hare Krishna, assim, concretamente funcionando no templo, comecei a perceber a parte litúrgica do culto, como alguma coisa sincera, alguma coisa que satisfaz o desejo humano de manifestar a religiosidade de uma maneira eloquente, autêntica, muito mais verdadeira. (...) Nos **vedas**; a filosofia, a teologia e a ciência vão juntas, são dadas por revelação. E aí não há mais aquela dicotomia que os sofistas dizem uma coisa e a Igreja diz outra e há conflitos de autoridade. Entre os **vedas** não existem esses problemas porque Deus revela tudo sobre a natureza, o corpo e a respiração. A explicação dos cientistas começa a aparecer como especulação, e a especulação é um pecado reprovável. Não há lugar para a especulação, a pesquisa fica dispensada. A verdade é uma só e é absoluta. Foi revelada no início da civilização." (devoto - brâmane)

Jung analisa, também, as diferenças entre o Ocidente e o Oriente e enfoca a questão de que no Ocidente a ruptura entre a

crença religiosa e a crença científica é muito grande, ao passo que o Oriente desconhece tal separação. O conflito entre a fé e o saber existe, única e exclusivamente por causa da cisão histórica operada no pensamento europeu. (44) O ocidental precisa "saber" o que faz, dando uma importância acentuada à razão científica.

Concordamos plenamente com o autor em sua tese de que:

"Se se propuser algum método religioso como 'científico' pode-se estar certo de contar com o público do Ocidente. A parte o estímulo de novidade e o fascínio pela mais compreensão, a ioga conquista muitos adeptos por boas razões: ela propõe não só um método tão amplamente procurado, como também uma filosofia de inaudita profundidade."(45)

Convém lembrarmos aqui, a ênfase acentuada que os devotos dão ao fato de que o processo de **bhakti-yoga** é um processo científico. Com isso há possibilidade de uma legitimação ocidental, pelo saber científico, de um conhecimento oriental.

Jung coloca que as práticas rituais do Oriente fazem ligar o corpo à totalidade do espírito. Como a ação do indivíduo é vista como um acontecimento cósmico, resulta daí uma totalidade viva que nenhuma técnica, por mais científica que seja, é capaz de produzir. É necessário juntar as representações e as práticas num único elemento, dando a sensação que o indivíduo faz parte de um todo maior, harmônico e pleno de sentido.

O oriente é o lugar do exótico, do misterioso, do

(44) Jung, C., 1982, p. 54 e seguintes.

(45) Ibidem, p. 55.

totalmente diferente dos nossos padrões ocidentais. Se há uma necessidade de ruptura com o estilo de vida vigente, nada melhor do que buscar uma "outra" roupagem, com a aparência radicalmente diversa, travestindo essa vivência com novos símbolos. O Oriente atrai porque é aparentemente uma coisa "nova" para os ocidentais e antiga em termos de tradição e de veracidade. Porém o "outro" oriental não é, evidentemente, a cultura "pura" de origem hindu, já há uma adaptação ocidental feita sob medida aos anseios de seus consumidores, justificando suas maneiras particulares de existência. //

3 - "Mais Realistas que o Rei" ou, ainda, mais Védicos que os próprios Hindus

Uma última questão permanece ainda em aberto quando tratamos da formação da clientela específica no interior do campo religioso. Já vimos como e porque surge essa clientela - campo do alternativo religioso - e a busca do orientalismo, enquanto frutos das necessidades e exigências de um grupo com um ethos renovado. Resta-nos, porém, verificarmos essas opções enquanto formas de resistências política ou conquista de espaço no interior da sociedade mais ampla.

É preciso compreender a opção por uma cultura védica, de cinco mil anos atrás, não como uma volta a um tempo mítico, perfeito e divino, nem tampouco, uma projeção futura do nirvana prometido, alcançado aqui e agora. O Movimento Hare Krishna compete com outras seitas e instituições religiosas no sentido de disputar a preferência e a escolha dos indivíduos que integram esse clientela específica. A utilização de vestimentas próprias,

de marcas no corpo, de palavras em sânscrito, enfim, de traços culturais védicos dentro da sociedade brasileira, não representa uma simples opção pela cultura védica, mas muito mais um modo de afirmarem suas maneiras características de existir em distinção aos demais grupos sociais.

Acreditamos que a análise de Manuela Carneiro da Cunha a respeito da etnicidade como cultura residual muito pode nos auxiliar nesse momento:

"A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, (...) adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários processos."(46)

"É evidente que não se trata aqui de um grupo étnico de hindus distantes de seu país de origem que procura se agarrar a esses traços como forma de não perder sua identidade. No nosso caso, encontramos um grupo de brasileiros que procuram ser mais hindus que os próprios hindus. Mas acreditamos que a lógica de funcionamento permanece a mesma.

Manuela C. da Cunha fala em etnicidade como uma linguagem no sentido de permitir a comunicação entre diferentes, de se fazer entender e transmitir uma mensagem no interior de um meio mais amplo. Vem daí a necessidade de um exacerbamento em situação de contato mais íntimo com outros grupos. É importante ressaltar que é esse meio mais amplo que "fornece os quadros e

 (46) Cunha, M. C., 1986, p. 99.

as categorias dessa linguagem". O discurso da ISKCON deve vir aos devotos e aos possíveis neófitos, com uma aura de autenticidade milenar, carregado com um profundo significado inerente a ele próprio. Se num determinado momento os devotos concordam que a devoção à qualquer Deus ou religião é válida, logo em seguida afirmam que é mais válido, nesse sentido, a devoção a Krishna, pois é "a mais verdadeira". Seria como se esses símbolos védicos mantivessem os seus significados de origem não importando a ocasião e como são utilizados. Eles são "sempre" autênticos e verdadeiros.

Quando utilizam palavras em sânscrito, língua não utilizada na própria Índia há muito tempo, crêem estar sendo fiéis às "origens divinas" da língua. Porém, o que não sabem, é que utilizam os elementos védicos submetidos às regras da cultura ocidental.

"Quando não se consegue conservar a língua, constrói-se muitas vezes a distinção sobre simples elementos do vocabulário, usados sobre uma sintaxe dada pela língua dominantes."(47)

O significado de um signo não é intrínseco mas depende do discurso em que se encontra inserido e de sua própria estrutura. Fora do contexto em que foram gerados, os significados dos símbolos védicos se alteram. A cultura não é algo que se pode transportar de um lugar para outro, mandar trazer do exterior, mas é algo constantemente reinventado, recomposto e investido de

(47) Cunha, M. C., op. cit., p. 100.

novos significados. É preciso perceber a dinâmica própria da cultura estudada.

São trazidos para o Ocidente apenas aqueles elementos da cultura védica que possam servir de contraste e oposição aos demais grupos concorrentes. Esses elementos culturais ficam carregados de sentido, transbordando as significações anteriores. Adquirem uma conotação que não existia antes em seu lugar de origem, a Índia. A cultura original se enrijesse, se petrifica através de alguns traços. Esses traços petrificados passam a não fazer mais parte daquela cultura de origem, dinâmica, passível de transformações. São traços retirados de seu contexto, marcas feitas aqui com uma finalidade própria inerente ao universo vivido. Passam a ter outros significados.

Esse mecanismo permite a construção de uma identidade própria dos devotos de Krishna e a justificativa de uma determinada ocupação no interior do espaço social religioso.

V - SER DEVOTO:

A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

O ingresso de um indivíduo no movimento Hare Krishna envolve uma nova postura frente à realidade, passando através de vários estágios dentro de um processo de formação de sua nova identidade.

A organização da vida cotidiana requer a construção de uma maneira específica de conceber o mundo e determinar o seu lugar específico no interior do mesmo. A vida, qualquer que seja a maneira pela qual é vivida, tem que fazer sentido. Nesse caso, encontramos, numa relação imaginária, a representação das condições de existência. Citando Geertz, podemos dizer que a organização da vida compreende tanto a atividade social quanto seus sistemas de idéias. É necessário ao antropólogo perceber e procurar esclarecer as relações entre ambos.

Para Geertz, o pensar é um ato basicamente social que ocorre frente ao mesmo público em que ocorrem outros atos sociais "O pensamento consiste de um tráfico de símbolos significantes sobre os quais os homens imprimiram significado."(1)

É justamente através dos padrões culturais de um determinado grupo, "amontoados ordenados de símbolos significativos", que o homem encontra sentido nos acontecimentos de sua vida.

"Todos os povos desenvolveram estruturas simbólicas nos termos das quais as pessoas (não) são percebidas como simples membros sem adorno da raça humana, mas como

(1) Geertz, C., 1978, p. 227

representantes de certas categorias distintas de pessoas, tipos específicos de indivíduos."(2)

Já vimos como se dá a "fuga" de uma realidade anterior para um novo conjunto de símbolos que fazem sentido ao ethos vivenciado, formando um novo espaço religioso. Percebemos, também, como essa busca do Oriente exótico é uma forma de resistência política dentro da sociedade mais ampla. Queremos verificar agora como se dá esse processo de formação de identidade do devoto. Devemos perceber os sistemas de símbolos que definem as novas classes de indivíduos e suas relações a nível social. Concordamos com Geertz na visão de que esses sistemas simbólicos são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente.

A vida no templo aniquila a identidade anterior do devoto, despojando-o de seu antigo **status**, reconstruindo uma nova identidade através do processo de conversão. Quatro fases marcam a passagem de um neófito até alcançar o mais alto grau como um devoto avançado. Para alguns essa passagem pode ser abrupta, para outros, no entanto, torna-se extremamente lenta, nem sempre alcançando o nível desejado. A primeira fase é aquela da vida anterior à entrada na ISKCON. Num segundo momento encontramos o indivíduo já como um devoto, porém anônimo, inserido em um processo de socialização com seus novos papéis sociais. A terceira fase é a de iniciação, quando o indivíduo recebe um novo nome e adquire um novo **status**. Essa fase pode ser basicamente

(2) Geertz, C., op. cit., p. 228

dividida em duas, considerando a segunda iniciação como sua integrante. Por último, temos a fase do devoto mais bem sucedido, o sannyasi.

1 - A Vida Pré-Devoção

De certa maneira, já tratamos a respeito da pessoa que se encontra nessa fase antecessora à conversão quando falávamos a respeito das causas que possibilitam o surgimento dessa religião. Gostaríamos de retratá-las aqui, sob a ótica do indivíduo.

Essa fase é aquela em que a pessoa está inserida num contexto de vida bastante conturbado e procura uma saída para sua situação. É forte a exigência de um conjunto de símbolos que dêem respostas à maioria dos anseios característicos dessa fase. Preocupações a respeito da vida após a morte; diretrizes que permitam a organização das experiências cotidianas; que dêem normas morais de comportamento para os relacionamentos sociais, familiares e sexuais; que organize os desejos corporais e emocionais; e, principalmente, que tragam uma visão de mundo compatível com uma nova realidade, encarregando-se de dar explicações mais abrangentes à respeito da vida como um todo, são as demandas que mais aparecem nos depoimentos dos devotos.

"Tudo me parecia extremamente desordenado, sujo e horrível, mas eu sentia que eu não era esse corpo. Alguma coisa me dizia que devia existir uma explicação para tudo isso." (devota - brâmane)

"A minha briga, a minha luta, foi de encontrar uma maneira melhor de se viver nesse mundo, nessa existência." (devoto - brâmane)

"Eu queria uma explicação para morte, isso me perturbava

muito." (devoto)

É forte o apego intelectual por essa sabedoria milenar hindu. Na grande maioria das entrevistas aparece como primeiro elo de ligação com o Movimento, sendo aquilo que despertou as primeiras atrações, os livros da Prabhupada. Convém lembrar que os livros são a maneira mais comum de pregação das idéias da ISKCON.

"Eu já estava numa procura espiritual quando uma amiga me trouxe um livro de Prabhupada, o segundo volume do **Bhagavatam**. Eu fiquei fascinada." (devota - brâmane)

"Numa palestra do Movimento Gnóstico sobre reencarnação, em Curitiba, apareceu um devoto com um livro na mão: 'Os Passatempos de Krishna'. Eu vi Krishna e Balarama na foto e li: 'Krishna, a Suprema Personalidade de Deus'. Pela foto belíssima e pelo título sugestivo eu disse: 'opa, dá prá você me vender esse livro?'. Ele disse 'toma, você paga quanto puder'. Eu disse que se ele tivesse mais eu comprava mais. (...) Nesse tempo eu estava fazendo pregação do cristianismo e comecei a pregar os ensinamentos de Jesus Cristo baseados nos pensamentos de Prabhupada." (devoto - brâmane)

"Eu sentia que tinha alguma coisa sobrenatural acima de todas as coisas. Depois eu cruzei com alguns devotos e eles me deram os livros de Prabhupada. Quando eu li 'Viagem Fácil a Outros Planetas', achei a explicação mais clara para aquilo que eu queria. Eu tinha chegado

à conclusão, sozinho, que o que eu queria era sair desse planeta. E de repente eu encontro um livro que explica como fazer isso, ótimo."(devoto - brâhmana)

É evidente que quando a maior parte dos devotos fala de uma atração pela filosofia do Movimento não está, verdadeiramente atraída simplesmente pela filosofia. Dizem ser a filosofia toda atrativa e repetem frases prontas, do tipo: "eu não sou esse corpo, sou uma alma espiritual", mas o ponto central da questão é que o sistema simbólico prevalescente de então não satisfazia mais. Havia outras razões para essa "insatisfação filosófica". Percebemos que a vida anterior à conversão era sempre vista como incompleta e insatisfatória. Já havia a procura por algum tipo de mudança para um novo conjunto de valores, para novas relações pessoais e uma nova concepção de si mesmos.

Essa fase está marcada por essa indefinição frente à identidade de uma vida anterior que não é assumida e à necessidade de buscar uma nova vivência acompanhada de uma nova percepção de si próprio. É preciso enquadrar esses sentimentos vivenciados numa estrutura simbólica para que sejam percebidos como "tipos específicos de indivíduos."

2 - A conversão: A Entrada no Templo

Após um período de "namoro" com a vida monástica do templo, o neófito finalmente opta por "ir morar no templo". É uma atitude difícil de ser tomada devido ao alto grau de transformações que acarreta. O desejo de escapar da vida anterior e a crença que a nova vida pode mudar sua consciência pessoal levam o devoto a submeter-se voluntariamente às austeridades na vida do templo. Apesar da insistência sempre presente dos devotos

mais antigos, a decisão nunca é forçada ou coercitiva. É uma decisão pessoal baseada na possibilidade de alcançar uma vida estável e harmônica, bastante diferente da anterior. Há casos de neófitos que ficam meses na indecisão de assumirem a nova postura, principalmente devido à dificuldade de abandonar a vida familiar. Através do depoimento de uma devota podemos perceber mais claramente esse processo:

"Eu não fui morar no templo imediatamente porque eu era de menor e naquela época os devotos só aceitavam maiores de 21 anos. Mas, acima de tudo isso, acho que o principal é que minha família não aceitou. Então eu fiquei visitando o templo. Passei seis meses visitando. A minha mãe não gostou muito, tive alguns problemas e aí eu parei de visitar. Fiquei uns quatro meses sem visitar o templo. Tinha uma devota que perguntava muito por mim. Ela escreveu uma carta me convidando a passar alguns dias no templo. Aí eu falei com minha mãe, pedi autorização e ela permitiu, só por alguns dias. Mas só que eu fiquei, e gostei muito."(devota)

Morar no templo envolve, necessariamente, seguir os princípios regulativos exigidos de todos os devotos. É o começo do processo de transformação pessoal desejado pelo neófito. Além disso, começa a frequentar os rituais diários de adoração e praticar o canto da **maha mantra**. É durante esse período que o neófito aprende a se comportar como um devoto **vaishnava**. É ensinado pelos demais a seguir as regras e prostrar-se diante das Deidades e pronunciar as palavras em sânscrito, a comer com os

dedos e sentado no chão, como manter a higiene, como cantar, etc.

"Eu fiquei os primeiros tempos no templo de São Paulo, onde eu aprendi e assimilei as regras de como ser um devoto segundo os preceitos das sagradas escrituras.(....) A gente acaba aprendendo com todo mundo. a gente vai observando, os outros vão ensinando. É um processo de reeducação: a gente aprende a se lavar de maneira diferente; se vestir de maneira diferente; comer de maneira diferente. A gente aprende vendo os outros devotos. Por exemplo, a reverência; a gente não está acostumado, então vai imitando primeiro. Sempre tem alguém que corrige."(devoto)

Nessa fase não há uma obrigação de se cantar as dezesseis voltas da japa e nem de se vestir apropriadamente como devoto. A opção pelo uso das vestimentas "estranhas", do corte de cabelo e das marcas no corpo são feitas individualmente. Percebemos que tal atitude marca, definitivamente, o processo de conversão.

"Quando eu entrei no Movimento, eu estava com uma barba até o umbigo, cabeludo. Sabe como é os jovens, naquela rebeldia, naquele conflito interno (...). Eu entrei em agosto, barbudo e cabeludo. Fiquei até o final de setembro assim. Enquanto **bhakta** eles não exigem que a gente corte o cabelo, nem nada. Vão observando o iniciante, ver qual é a dele, se quer ser devoto, se tem a intenção.(....) Em outubro eu comecei a tirar a barba, cortar o cabelo. Mas eu estava meio duvidoso ainda, queria dar mais um tempo. No final do ano eu

voltei para visitar minha família no interior e daí eu vi que tinha realmente encontrado o que estava buscando. (...) Quando voltei para o templo, logo raspei a barba e o cabelo. De repente já estava de **sika** e já tinha saído com um devoto para comprar panos para fazer o **dhoti**." (devoto - brâmane)

O devoto no interior do Movimento é chamado de **prabhu** (senhor) e sua vestimenta característica é o **dhoti**. Resume-se numa única peça de pano, cor de açafrão para os celibatários e branca para os casados. Não há costura e o pano é enrolado na cintura passa pelo meio das pernas e vai cobrir um dos ombros. Dizem que a adaptação a esse estilo de roupa é muito rápida pois trata-se de "uma vestimenta muito confortável". Os homens usam ainda a **sika** como marca corporal. É uma pequena mecha no cabelo na parte posterior da cabeça que contrasta com o restante todo raspado. Usam ainda o **Kanti**, um colar de contas feitas da raiz da **tulasi**. O colar de uma volta indica aquele que é devoto mas não é iniciado. Quando recebem a primeira iniciação passam a usar um **Kanti** de três voltas.

O uso desse colar é comum também às mulheres, que são chamadas agora de **matajis** (mães), independentemente do fato de serem casadas ou solteiras. A roupa das devotas é o **sari**, composto de saia e túnica de tecido indiano acompanhado de uma pano para cobrir os cabelos. Dizem que essa roupa é necessária para não salientar o corpo feminino que poderia despertar a atração dos devotos.

Homens e mulheres utilizam, ainda, as doze marcas de

tilaka pelo corpo, como forma de identificação enquanto devotos **vaishnavas**:"

Levando em consideração o fato de que a passagem para a utilização dessas vestimenta e marcas corresponde à conversão definitiva do devoto, podemos dizer, através das palavras de PierreClastres, o significado desses atos.

"Ora, quase sempre o rito iniciatório considera a utilização do corpo dos iniciados. É, sem qualquer intermediário, o corpo que a sociedade designa como único espaço propício a conter o sinal de um tempo, o traço de uma **passagem**, a determinação de um destino. (...) Por que é necessário que o corpo individual seja o ponto de encontro de **ethos** tribal, por que o segredo só pode ser comunicado mediante a operação **social** do rito sobre o **corpo** dos jovens? O Corpo mediatiza a aquisição de um saber e esse saber é inscrito no corpo."(3)

O novo devoto participa agora, ainda que de uma posição inferiorizada, da sabedoria socializada pelo grupo através dos sistemas simbólicos característicos da ISKCON. Sente-se, desde então, um membro de uma comunidade que busca a salvação da alma e a ordenação de todas aquelas dúvidas anteriores.

Nessa fase introdutória, os devotos são identificados pelo nome de **bhakta** (homens) ou **bhaktin** (mulheres). **Bhakta** significa devoto. Mas aqui recebe uma conotação toda especial. **Bhakta** é aquele que está sempre por baixo na hierarquia, é quem

(3) Clastres, P., 1978, p. 127.

faz os serviços mais pesados, como limpeza de panelas e banheiros. O neófito deve aprender a seguir as ordens do mestre espiritual, de seus representantes, do presidente do templo, dos brâmanes, enfim de todas as autoridades e líderes da comunidade. Como meio de manter sua identidade social, um devoto sujeita-se voluntariamente a uma série de humilhações, rebaixamentos e degradações de sua própria pessoa. É muito enfatizado nesse período que ele deve se desapegar de qualquer manifestação de seu ego.

A noção que tem de si mesmo é alterada e a antiga imagem é agora totalmente apagada. Lembra sempre do período anterior à conversão como um período de *maya*. Acaba afastando-se da família e de todos os amigos de então. A ruptura iniciada na fase pré-devocão é agora consumada. Aliena-se ainda de todas as posses e objetos pessoais da vida anterior, um devoto não deve ter nada além do mínimo requerido. Além disso, o indivíduo torna-se totalmente dependente do templo para prover suas necessidades básicas de existência. Torna-se um membro da comunidade e a ela deve dedicar sua vida. São os **bhaktas** os mais exigidos na tarefa de sair à rua vendendo livros e recolhendo dinheiro.

O corpo é visto como causa de todo o sofrimento e miséria e é a fonte de aborrecimentos com os quais é preciso estar atento o tempo todo. É um empecilho para alcançar a realização divina. A negação do corpo e do seu próprio ego impõe uma atitude de humildade e servilismo aos superiores. Diante da imagem de Prabhupada e de qualquer outro superior os devotos

devem prostrar-se em sinal de reverência e obediência. Esses ataques à sua própria pessoa constituem rituais de degradação pessoal reforçando a crença que o devoto é a criatura mais caída e impura que existe.

"Eu sinto desejo de me tornar um devoto puro. Cada vez mais eu oro para Krishna para me purificar. Mas falta muito ainda, falta determinação, falta fazer muita austeridade." (devoto - bhakta)

"Se nós estamos nesse mundo material é porque nós não somos puros. Devemos aprender muito, ainda, da consciência de Krishna. Devemos obedecer às ordens do mestre espiritual, que é o representante de Deus na Terra." (devota - bhaktin)

Os devotos sempre se colocam numa posição de ignorância e alegam desconhecer qualquer coisa. Quando falam sobre qualquer assunto precisam estar sempre citando Prabhupada e as escrituras védicas. É somente o mestre quem tem sabedoria. Os devotos devem-lhe obediência e resignação.

Percebemos que quando um devoto começa a questionar o conjunto do saber da ISKCON, sob qualquer aspecto, é logo chamado pelo superior na tentativa de solucionar o "problema pelo qual está passando". Aqueles que permanecem questionando, acabam, invariavelmente, saindo do Movimento.

"Quando Prabhupada falou que os astronautas não tinham ido à Lua, que a Lua é um planeta celestial que a gente não vê, teve um devoto que chegou a ir embora do templo. Ele não aceitava." (devota - brâmane)

Na ISKCON, as necessidades, desejos e conhecimentos de

todos os indivíduos estão a serviço de Krishna, envolvendo toda a comunidade. A invasão da privacidade na vida do templo é completa. Não há espaço para a individualidade. Todos os espaços são comunitários; os quartos de dormir são conjuntos, os banheiros são comuns (separados apenas por sexo), as refeições são comuns.

Tudo aquilo que poderia demonstrar uma escolha pessoal e sentimentos próprios é reprimido. Um bom devoto deve sempre se mostrar feliz, não há lugar para o mau humor. Os devotos esperam encontrar toda alegria e felicidade no processo de **bhakti-yoga**, por essa razão, todos reprimem uma possível raiva, ódio ou qualquer emoção pessoal.

"O nosso processo de adoração à Krishna é perfeito. Nós desenvolvemos amor puro e eliminamos qualquer tipo de sentimentalismo que alimenta o falso ego". (devoto - brâmane)

Podemos pensar, nesse sentido, na religião como um sistema simbólico que estabelece disposições e motivações emocionais através de um conjunto explicativo da realidade. Geertz fala que a religião não é somente metafísica, mas que exige também, a devoção e reforça o compromisso emocional.

"Sente-se que o 'deve' poderosamente coercitivo cresce a partir de um 'é' fatural, abrangente e, dessa forma, a religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existências

humana."(4)

A religião Hare Krishna é considerada pelos devotos como tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana. A identidade dos devotos, assim como suas participações no mundo, são orientadas por esse sistema simbólico oriental. A religião védica dos Hare Krishnas faz sentido aos fiéis brasileiros na medida em que faz a junção do ethos do grupo a uma visão de mundo específica. As emoções são canalizadas agora a essa visão de mundo. Dentro de um modelo védico de atitude, os devotos são constantemente motivados a servir a Krishna em todos os momentos e situações. Todos os prazeres carnis são desviados para um prazer espiritual. A felicidade material é vista como passageira e ilusória; é preciso buscar a felicidade espiritual eterna. Esta só é encontrada através da devoção à Krishna.

Geertz afirma que essa motivação pode levar os devotos a cumprirem promessas exorbitantes, a fazerem abstinências, jejuns, etc.

As austeridades praticadas, o rebaixamento da posição individual e a submissão ao mestre espiritual, são vistos como partes de um todo maior, mais significativo. Nesse sentido, tudo passa a ter seu lugar definido, há uma verdade absoluta que já foi revelada e está nas sagradas escrituras. A devoção à Krishna permite, também, suportar o sofrimento, pois o vêem como passageiro. No eterno mundo espiritual não há lugar para a dor. Todo sofrimento é justificado. A lei do karma constituída de vidas passadas, explica ao devoto a sua posição atual, o seu

(4) Geertz, C., op. cit., p. 143.

sofrimento, a sua dor.

É fundamental que essa formulação simbólica de um "mundo correto" dê conta das ambigüidades, dos enigmas e paradoxos da vida humana.

"O esforço não é para negar o inigável, mas para negar que existam acontecimentos inexplicáveis, que a vida é insuportável e injusta apenas uma miragem."(5)

O simbolismo védico vai relacionar a esfera de existência humana - passageira, temporária, ilusória; a uma esfera mais ampla - eterna, divina, perfeita e verdadeira. O homem será sempre imperfeito, estará sempre na ignorância, com sofrimento e injustiça. Mas ao mesmo tempo esse sistema simbólico afirma que essas irracionalidades só ocorrem nessa esfera material, pois há um mundo espiritual em que a verdade é absoluta, não há dor nem SOFRIMENTO E A JUSTIÇA É DIVINA.

Porém, o importante para nós podermos entender a identidade do devoto nessa fase é percebermos que se trata de uma fase passageira. O devoto suporta a degradação de sua pessoa pois sabe que "seguindo os preceitos védicos e obedecendo as ordens do mestre espiritual", alcançará um estágio superior.

O tempo mínimo de permanência nessa situação de **bhakta**, é de um ano, mas há casos de devotos que permanecem mais tempo até serem iniciados.

O neófito é anônimo, chamado simplesmente de bhakta, não possui **status** ou qualquer tipo de bem. Seu relacionamento com

(5) Geertz, C., op. cit., p. 124.

o grupo social precisa ser humilde enquanto sua identidade é remoldada para capacitá-lo a enfrentar sua nova existência. Pessoas nesse estado de transição são consideradas poluídas e perigosas, de acordo com a noção de Mary Douglas, permanecendo assim até receberem iniciação do nome espiritual. Os **bhaktas** estão à margem de uma classificação ideal que vê o devoto como aquele verdadeiro servo de Krishna.

"Sujeira é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática das coisas. (...) Nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou idéia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais."(6)

O neófito está, conseqüentemente, num estágio liminar no seu desenvolvimento enquanto um devoto. É o que Victor Turner classificou de "liminaridade" pois os devotos "furtam-se ou escapam à rede de classificação que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural."(7)

Antes da iniciação do "santo nome" as atividades do devoto **bhakta** são restritas, devido às suas qualidades poluídas. Eles não podem realizar certas atividades, ficando designados às tarefas consideradas mais baixas.

A permanência do devoto nesse estado rebaixado permite o processo de despojamento das vontades anteriores, o nivelamento como um novo membro do grupo e a purificação do neófito antes da iniciação. Nesse sentido, prepara-se para alterar sua identidade,

(6) Douglas, M., 1967, pp. 50/51.

(7) Turner, V., 1974, p. 117.

assumindo uma nova imagem, agora como um "verdadeiro" servo de Krishna.

3 - Iniciações: A Construção da Imagem de um Devoto Puro

O ideal de todos os membros da comunidade é ser um devoto puro de Krishna. Para alcançar esse estágio é fundamental que passem pelo ritual de iniciação, quando recebem o nome espiritual e ligam-se à corrente de sucessão discipular, tornando-se discípulos de um guru. A nosso ver, essa fase que caracteriza a construção da identidade de um devoto puro é marcada pelas duas iniciações mais comuns dentro da ISKCON. A primeira é a iniciação do "santo nome", e a segunda é a iniciação bramínica, quando tornam-se brâmanes - sacerdotes e adquirem um **status** elevado dentro da comunidade.

A iniciação **haryama** (santo nome) é chamada simplesmente de primeira iniciação. Ocorre quando o devoto "está apto a se tornar uma entidade a serviço de Krishna", estando ligado a um mestre espiritual. Geralmente o devoto aguarda sua iniciação com muita ansiedade, mas nunca pede para ser iniciado. A decisão é sempre tomada pelos superiores que definem quais devotos estão aptos a receber iniciação.

Essa iniciação marca profundamente a vida do devoto, é o que podemos perceber através dos seguintes depoimentos:

"Com a iniciação eu mudei muito. A partir do momento em que fui iniciado eu fiquei ligado ao **paramparã**, fiquei ligado a Prabhupada e indiretamente a Krishna. É uma plataforma, uma posição muito séria, de muita responsabilidade."(devoto - iniciado)

"A iniciação foi um acontecimento muito importante. Tinha esperado muito por ela, estava muito ansioso por ser iniciado. Sentia que precisava de alguém que me desse uma força. Já tinha compreendido, mais ou menos, as implicações de ser iniciado. Então significou certa segurança. Quando se estabelece um compromisso, a gente sente que deve cumpri-lo. Diante dos devotos, assim, eu tinha que cumprir os quatro princípios, manter uma vida de devoto, ser responsável por um serviço muito difícil; cuidar das vacas. Fui iniciado aqui, Nova Gokula. Então mexeu muito com minha vida. Senti que começava uma fase nova, mesmo."(devoto - brâmane)

O devoto sente, nessa fase, um grande entusiasmo e um sentimento de tremenda auto-confiança. Aumenta seu poder de pregação. De agora em diante, pode pregar em público quando não há nenhum devoto mais elevado presente. Nesse período de euforia, o devoto sente-se extremamente seguro em sua nova identidade. Consideram também, que a primeira iniciação alivia o karma passado do indivíduo. O mestre espiritual, ao aceitá-lo como discípulo, assume metade da carga kármica de seu pupilo. O devoto, aliviado, sente que seu projeto de auto-realização está se concretizando sentindo-se mais próximo de Deus.

A iniciação **karynama** é feita através de uma cerimônia do fogo (**agnihotna**) que pode servir a outros fins concomitantemente, como por exemplo, um casamento, uma iniciação bramínica etc. No final da cerimônia, o mestre espiritual entrega a mala a cada um dos devotos, chamando-os um a um. Anteriormente, este mestre havia cantado o **maha mantra** com cada uma dessas

malas. Quando o devoto se aproxima e se prostra diante do guru, deve recitar os quatro processos regulativos básicos. Em seguida, o mestre diz publicamente o novo nome de seu discípulo. É o momento mais aguardado e de grande euforia pois todos os presentes aplaudem efusivamente.

O nome espiritual é sempre um nome relacionado à krishna acompanhado de **dasa** (homens) ou **devidasa** (mulheres). Essa terminação significa "servo do Senhor". O nome completo significa, sempre, "a serviço de Krishna", ou "servo de Krishna".

O fato do devoto receber sua **japa** coloca-o na obrigação de cantá-la diariamente, no mínimo dezesseis voltas. Trata-se, enfim, da iniciação **harynama**, ou do santo nome, em que o devoto passa a ficar ligado ao **maha mantra**, ou mantra do "nome sagrado de Krishna".

Uma vez iniciado, o devoto deixa de estar na liminaridade social e passa a se integrar à comunidade. A partir de então, o devoto vai se encaixar em uma das castas espirituais do sistema **ashrama**, conforme se encontra em cada uma delas, seu **status** social e suas responsabilidades serão distintas. Enfim, existe uma identidade própria a cada uma dessas castas.

Enquanto solteiros, os devotos são considerados renunciantes e recebem como adicional ao nome, a terminação **bramachary** (homens) ou **bramacharyni** (mulheres). Ser um **bramachary** significa levar uma vida celibatária, voltada exclusivamente à devoção espiritual. Os devotos do sexo masculino são bastante incentivados nesse sentido, existindo, inclusive, uma aula especial para **bramacharys**, dada por um devoto mais antigo e

experiente. Acreditam que a vida celibatária é necessária para alcançar o amor puro por Krishna. Porém, ela é difícil e o devoto pode acabar desistindo de sua empreitada. Quando um **bramachary** pensa em casamento seus colegas logo dizem que ele está em *maya*. O casamento para um **bramachary** é tido como um empecilho à elevação espiritual.

"Eu sempre ouvi das autoridades: 'você nunca deve se casar, porque é uma miséria'. Até hoje eu guardo esse conhecimento na minha mente: não devo casar porque é uma miséria."(devoto - iniciado)

"As aulas de **bramachary** são um grande estímulo para o avanço espiritual e ver como é o relacionamento entre um homem e uma mulher. O relacionamento de sexos opostos traz muitas dificuldades para o avanço espiritual. As aulas dão instruções de como ser uma pessoa solteira e ter prazer.(...) A vida familiar é muito perigosa para quem quer sair dessa vida material. Quando uma pessoa se casa ela ganha a possibilidade de despertar os desejos que estavam acomodados. Então vai se comprometer com **karma** de outras pessoas, por exemplo, filhos. Deve sustentar os filhos, e muitas outras perturbações. O **bramachary** não se envolve nessas coisas materiais."(devoto - brâmane)

Apesar de ser esse o modelo ideal do comportamento de um devoto puro, percebemos que uma parte dos **bramacharys** sente insegurança na posição celibatária. Alguns chegam a dizer que as devotas os provocam, não os deixando em paz. Mas no fundo percebemos que esses devotos têm dúvidas a respeito de suas

posições e desejam uma companhia. Quando reconhecem esse fato acabam assumindo a vontade de casar e dizem que, nessa situação, "o melhor é mesmo estar casado, pois a mente perturbada de antes não permitia austeridades".

O casamento é sempre tido para os homens, mesmo os casados, como uma coisa desagradável, plena de responsabilidades materiais. Porém, as **bramacharynis** são orientadas em outro sentido. A mulher é vista numa posição inferiorizada na sociedade, ela deve ser sempre protegida, seja pelo pai, pelo mestre ou pelo marido. Dizem que as mulheres também podem se elevar espiritualmente, mas para isso é necessário servir a seu esposo. O modelo ideal na ISKCON é de que as devotas não sejam celibatárias, mas que tenham uma casa, cuidem do marido e criem filhos em consciência de Krishna.

"Geralmente as devotas devem se casar, porque a mulher deve ser devidamente protegida. Mesmo Krishna fala no **Bhagavad Gita** que devido à falta de proteção das mulheres a sociedade se degrada e surge a procriação indesejada. Por isso é necessária a proteção das mulheres."(devota - brâmane)

"Prabhupada fala que o objetivo de uma mulher, uma devota, é servir um esposo, ter filhos que possam ter consciência de Krishna. Porque no nosso Movimento as devotas não se tornem **sannyasis**, ela deve se elevar por outros meios, servindo o marido.(...) A mulher precisa de proteção. Quando é pequena, é protegida pelos pais, depois pelo esposo, pelo mestre espiritual. Sempre vai

ser protegida. Mesmo no mundo aí fora, as mulheres falam muito de feminismo, o movimento feminista. Mas se elas não têm uma proteção se degradam muito, a gente vê isso em todos os lugares. Todas as mulheres hoje em dia, até meninas, dez, doze anos, estão degradadas. Se elas não têm uma proteção da mãe ou do pai, do irmão ou do esposo, elas acabam se degradando."(devota - biãmene)

Esse modelo simbólico que fornece os padrões de comportamento em relação à posição da mulher acaba justificando uma hierarquia sexual e uma dominação do homem sobre a mulher. Percebemos que as devotas não gostam de questionar esse ponto e todas aquelas que, por alguma razão, o fizeram, acabaram saindo do Movimento. A identidade da mulher devota é constituída dentro de um universo social que a coloca a reboque do homem. Sua felicidade e satisfação vem na medida em que conseguem cumprir seu dever de servir o esposo ou mestre espiritual.

Os casamentos são sempre internos ao grupo e tidos como "arranjos de Krishna". Por esse arranjo está compreendido o fato de se juntarem duas pessoas em consciência de Krishna dispostas a levar uma vida conjunta e constituir uma família de devotos. Não há namoro ou qualquer tipo de flerte entre duas pessoas. Quando um devoto ou devota manifesta seu desejo de casar, a autoridade máxima da comunidade, geralmente um **sannyasi**, conversa longamente com essa pessoa a respeito das suas intenções. Como o objetivo último do grupo é a devoção pura por Krishna, e isso envolve a aniquilação dos desejos pessoais, um casamento só é permitido se for para o bem da comunidade, visando "livrar o devoto de seus

pensamentos de **maya**" e a devota "parar de fazer fofoca e servir seu marido". Nem sempre o devoto indica o objeto de suas pretensões, e quando o faz não há nenhuma regra que o aponte como sendo o escolhido. Cabe àquela autoridade a escolha final do parceiro, mas se o devoto não aceitar ele não precisa, necessariamente, seguir esta indicação. De acordo com devotos, essa é a única ordem de uma autoridade que Prabhupada permite a não aceitação.

A fase de casados é a segunda na hierarquia espiritual e chama-se ordem **gohastra**. Quando casados, tanto o devoto como a devota passam a ter em seus nomes a terminação **adhikary**, substituindo a de **bramachary** ou **bramacharyni**. Os devotos deixam de utilizar a cor alaranjada que significa renúncia e passam a utilizar o branco, que significa apego. As mulheres continuam com a mesma vestimenta e passam, apenas, a utilizar uma pequena marca vermelha na testa.

A ordem seguinte dentro das castas espirituais é a de **vanapraste**, ou retirante. É um modelo que não teve ainda uma adaptação e uso em nosso país. Não há casos de casais que tenham entrado na ordem **vanaprasta**, que seria um estágio limiar entre o de casado e o de total renúncia, o **sannyasi**. Houve apenas uma tentativa, de um casal de idosos:

"Eu fiz uma experiência de três meses de **vanaprasta** fora de casa, mas como isso não era prático, eu tinha que retornar muito à casa, então abandonei a experiência. Mas ela mostrou que essa fase não é uma austeridade tão grande como a de **sannyasi**, onde a

pessoa renuncia totalmente, mas deve ser muito útil espiritualmente, pois desembaraça o espírito das preocupações econômicas. Um **grhastra** está sempre preocupado com a manutenção da casa."(devoto - brâmane)

A última ordem dentro do sistema **asharama** é a de **sannyasi**. É uma ordem restrita apenas aos homens brâmanes e significa renúncia total. Por se tratar do mais alto posto espiritual possível no Movimento, analisá-la-emos posteriormente.

As posições de ordem espiritual, principalmente no que se refere aos celibatários e aos casados, são vistas como uma maneira de fixarem a mente em **Ktishma** e evoluírem espiritualmente. São maneiras de se enquadrarem, também, dentro da organização social e política da comunidade. Os celibatários vivem sempre em grupo e têm como única preocupação a devoção. Já os casados são colocados em posição de administradores da comunidade (somente aqueles que tenham tido segunda iniciação). Muitas vezes, a posição de administrador ou dirigente acaba fazendo com que se sintam numa posição privilegiada e se utilizem desta, para seus próprios benefícios.

Além das ordens que tomam como referência a vida conjugal, encontramos uma outra que está diretamente ligada ao sistema das ordens sociais. A iniciação à essa ordem significa, para a maioria, o último degrau no sentido de se tornarem devotos puros. Trata-se de segunda iniciação, ou iniciação brâminica.

A iniciação de brâmane, ou do mantra **gayatri**, coloca o devoto numa posição mais elevada. Ele agora é considerado um sacerdote, pode adorar as Deidades diretamente, pode realizar

cerimônias, etc..

No ritual de iniciação, o devoto recebe o cordão sagrado que deverá utilizar constantemente por baixo de suas vestimentas. Recebe ainda um mantra secreto, o **gayatri**, que não pode ser cantado em qualquer ocasião. Esse mantra é restrito apenas aos brâmanes e deve ser cantado três vezes ao dia. Muitos devotos tomam a segunda iniciação quando apresentam alguns sinais de queda e desinteresse pelo Movimento. Os dirigentes procuram, dessa forma, elevar o indivíduo como forma de fazê-lo permanecer fiel aos princípios da ISKCON.

"Quando eu tomei a primeira iniciação eu estava muito empolgada. Foi tudo muito místico. Na hora da tribuna a gente recebe o nome e é bonito, é um nome espiritual. Significa uma felicidade espiritual. Mas na segunda iniciação eu estava mais contaminada. Não esperava recebê-la, tinha dúvidas se eu era mesmo merecedora. Mas aí eu senti que estava me elevando de **status**. Já não era uma coisa assim tão espiritual que eu sentia."

(Devota - brâmane)

Como brâmanes, os devotos podem assumir os postos de maiores responsabilidades dentro da fazenda. Devem se comportar, agora, como "verdadeiros vaishnavas". Existe toda uma orientação simbólica do corpo que faz com que um brâmane não possa entrar em contato com a sujeira e a poluição no sentido utilizado por Mary Douglas.

"Em termos de minha vida, a iniciação bramínica foi muito especial. De repente, o serviço que eu faço e o

relacionamento com as pessoas, com as coisas é muito grosseiro; lida com os animais, lida com objetos grosseiros mesmo. De repente, ser brâmane implica que eu poderia adorar Deidade, que exigia um padrão de limpeza. Ser brâmane implicava que eu não poderia mais comer com a mão esquerda. Você aprende o significado maior de tudo isso. Que essas coisas não podem ser feitas em vão."(devoto - brâmane)

As técnicas de higiene, de posturas corporais e de utilização das mãos esquerda ou direita, são praticadas por todos os devotos, mas são os brâmanes os únicos que obrigatoriamente devem segui-las. Percebemos que essas técnicas não estão desvinculadas de um significado maior do que seja ser um brâmane: de acordo com Mauss, não podemos separar o ato técnico do significado que ele carrega.

"Ato técnico, ato físico, ato mágico-religioso são confundidos pelo agente.(...) Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição."(8)

Um brâmane executa essas técnicas corporais com uma grande sensação de que está num alto posto dentro da hierarquia social e espiritual do grupo. deve dar o exemplo aos mais novos de como age um **vaishnava**. Pode, agora, assumir papéis de comando e liderança.

(8) Mauss, M., 1974, p. 217.

Para as mulheres, a iniciação bramínica é o último posto que podem almejar dentro da ISKCON. Mesmo assim, não há casos de devotas que realizem cerimônias (apesar de permitido), ou ocupem cargos administrativos. Os devotos, no entanto, esperam alcançar, ainda, a última ordem interna, a ordem de sannyasi. Mas, trata-se de uma iniciação bastante restrita. Poucos a alcançaram.

4 - Sannyasi: O Mais Alto Posto de um Devoto

O ideal de todos os devotos da ISKCON é o amor puro e espontâneo a Deus, uma abnegada dedicação a Krishna na qual o indivíduo se satisfaz. O trabalho, os rituais e o conhecimento filosófico são todos sagrados pela dedicação e devoção a Krishna. Acreditar nessa ideologia é o fator de ligação entre todos os devotos, os quais voluntariamente se submetem a uma vida comunitária no templo e a uma disciplina rígida com o propósito de favorecer suas metas comuns - realização do serviço devocional. Nesse sentido, todos os membros da comunidade são semelhantes, mas na prática existe uma estrutura hierárquica que controla o Movimento.

No topo dessa hierarquia estão os **sannyasis**, os devotos mais avançados dentro da concepção da ISKCON.

Um **sannyasi** é um renunciante à vida material, preocupado apenas com o desenvolvimento espiritual:

"Tornar-se **sannyasi** é quando o devoto formalmente aceita a ordem renunciada de vida. Ele recebe formalmente a terceira iniciação, a iniciação de **sannyasi**. Ele deve dedicar-se exclusivamente ao cultivo

da vida espiritual, tanto para si mesmo, quanto para propagar e divulgar o conhecimento espiritual para as comunidades em geral."(sannyasi)

Um **sannyasi** é comumente chamado por todos de **maharaja** (grande rei) e recebe como complemento do nome espiritual, no lugar de *dasa*, a palavra **swami**, que significa renunciante.

Como já citamos anteriormente, os **sannyasis** do Brasil, que deveriam se restringir às atividades espirituais, acabam recebendo encargos administrativos. Se por um lado isso fere um modelo ideal de comportamento de um devoto avançado, por outro lado é a única maneira encontrada pelos dirigentes de colocar em posto-chaves pessoas altamente respeitadas e com grande representatividade.

Um **swami** deve ser respeitado por todos e isso efetivamente ocorre. Todos desejam servir o **maharaja**. Dizem que a possibilidade de servi-lo eleva-os espiritualmente. Presenciamos até casos de devotos disputando a honra de lavar os pratos de um **maharaja**. Durante todos os momentos de pesquisa, não pudemos perceber nenhum desacato a um **maharaja**, nem tampouco um ponto de vista que contradissesse a sua palavra. Um **sannyasi** goza do mais alto grau de **status** no interior da comunidade. Essa impressão monolítica no entanto se desfaz à um olhar mais atento. Apesar de assim não desejarem, os **maharajas** possuem as mesmas qualidades e defeitos dos demais mortais. Percebemos que alguns são mais queridos e representam para o grupo, efetivamente, a figura de um líder da ISKCON. outros, porém, não são levados tão a sério e acabam não conquistando a simpatia dos devotos. Houve casos em que percebemos, de maneira sutil e indireta, algumas críticas a

determinados **sannyasis**, referentes basicamente a problemas administrativos. Tais críticas nunca levaram, porém, à desobediência ou insubordinação.

Por sua vez, um devoto avançado que esteja nessa posição sente, obrigatoriamente, responsabilidade de manter os padrões de adoração do templo e a qualidade de pregação dos devotos. Como, no caso da ISKCON, os devotos geralmente não vivem em companhia de seu **guru**, o **maharaja** representa uma espécie de **guru** instrutor, aquele que acompanha e ensina os discípulos no dia-a-dia, independentemente da responsabilidade da iniciação. Uma elevação de **status** ainda maior acontece quando esse **sannyasi** se torna um **guru** iniciador, sendo visto por seus discípulos como o legítimo representante de Krishna na Terra. No atual momento, somente, dois dos seis **sannyasis** brasileiros, deram iniciações.

Concluindo nossa análise a respeito da identidade do devoto, podemos dizer que os indivíduos que permanecem na ISKCON fazem um constante esforço para manter suas posições de servos de Krishna. esse esforço e as austeridade empreendidas servem para desenvolver "amor puro por Deus". Esse amor puro é extremamente difícil de ser alcançado devido às posições "inferiores" dos devotos e aos apegos materiais dos quais não se vêem livres tão facilmente. A purificação da alma requer uma constante vigília sobre os pensamentos, ações e pronunciamentos de cada devoto. Um devoto precisa estar preparado para dar-se totalmente na tentativa de formular uma vida cotidiana de obediência e serviço que lhe permita atingir a salvação.

Na análise das dificuldades, dos enfrentamentos, da

constante reposição de um desejo de destaque e prestígio, a realidade aparece moldada através de um esquema de significados, a qual só faz sentido desde que referida a um universo social determinado. O sistema simbólico pode ser védico e milenar, mas a vivência está aqui e agora. O que os devotos fazem constantemente é reinterpretar suas vidas de acordo com esses modelos significativos, procurando adaptá-los às experiências cotidianas.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho procurou fazer uma interpretação do universo simbólico vivenciado por um grupo de pessoas, os devotos de Krishna.

A princípio, algumas coisas já ficavam evidentes através de uma simples conversa: trata-se de um movimento formado basicamente por jovens das camadas médias urbanas, na tentativa de buscar formas alternativas de vida. A preocupação com uma "volta" à Natureza e com uma nova ordenação social, são as características mais marcantes. Esse retorno ao sagrado significa, ao nosso ver, uma tentativa de encontrar uma vida plenamente significativa, contrastando com o aparente mundo sem sentido da sociedade industrial. Essas conversões criam um novo mundo. Este processo de conversão no movimento Hare Krishna tem suas peculiaridade e seu cotidiano, que caracterizamos no corpo da dissertação. Agora tomaremos a liberdade de nos aproximar de algumas conclusões, e mesmo, pontos que ficaram em aberto e que mereçam algumas considerações finais.

Primeiramente consideramos alguns pontos quanto ao Bakti-yoga, que é o conjunto de rituais de adoração a Krishna. Esses rituais relembram e revivem passagens importantes dos livros sagrados que contam a história e os "passatempos" de Krishna, fazendo-se assim a reversão, como chamou Mircea Eliade: "o tempo sagrado que pela sua natureza própria é reversível no sentido em que é, propriamente falando, um tempo mítico primordial tornado presente". Um tempo cheio de deuses onde o devoto, ser caído, se ergue, na medida em que imita os deuses.

Dessa forma os devotos estão fundando suas condições de seres humanos que buscam um modelo primordial. É um processo ritualístico que permite a aproximação dos deuses e a participação do eterno. "É graças a este eterno retorno" às fontes do sagrado e do real que a existência humana lhes parece salva do Nada e da Morte. Através dos rituais, os devotos estão dizendo, a eles mesmos, quem são, quais são as suas posições sociais, quais suas obrigações, enfim, que eles existem de uma maneira peculiar. Segundo Geertz, "são principalmente os rituais mais elaborados e geralmente mais públicos que modelam a consciência espiritual de um povo, aqueles nos quais são reunidos, de um lado uma gama mais ampla de disposições e motivações e, de outro, de concepções metafísicas."

Outro aspecto que consideramos é o fato de que o grande profeta do movimento Krishna, Prabhupada, realiza uma adaptação de práticas tradicionais orientais, ao mundo ocidental. Na forma tradicional de transmissão de sabedoria o mestre habita a mesma casa que os discípulos. Prabhupada faz a adaptação dos versos védicos traduzindo-os e interpretando-os à sua maneira. Não se trata porém de nenhum guardião de cultura védica, mas alguém que para "vender o peixe" no ocidente, teve que adaptá-lo às exigências desse "mercado", criando uma produção em grande escala: não é uma ruptura forme, mas afeta o conhecimento. Para falar de mitologia, conceitos e divindades hindus, extremamente distantes de nós, Prabhupada traduz essas idéias numa linguagem nova. Outro fato relevante é que a transmissão do conhecimento religioso através de livros, permite que haja várias interpretações. Por outro lado, constatamos também que, essa

ruptura na tradição da transmissão de conhecimento, através da publicação de livros é que possibilita a manutenção financeira da instituição. Outro aspecto importante é que a ISKCON formada por Prabuphada representa ao nosso ver, a institucionalização, nos moldes de uma seita tradicional hindu, que não existe na Índia enquanto uma igreja, mas como um conjunto de seitas dispersas que pregam a adoração a Krishna.

Quando Prabuphada chegou ao ocidente procurou formar uma estrutura burocrática semelhante à das igrejas tradicionais do ocidente. A ISKCON formada por Prabuphada, enquanto produto de institucionalização e da burocratização da seita Haré Krishna, apresenta-se como uma igreja que possui inúmeras características de uma burocracia.

É também digno de nota, que ao entrar no movimento, os devotos são unânimes em afirmar que suas vidas mudaram, que encaram o mundo de uma outra maneira: não vão mais ao cinema, não vêem televisão (ou quase não vêem), mudaram os hábitos de leitura, isso com relação aos devotos externos, que apesar de mudarem sua visão de mundo, continuam com sua família, sua casa, seu emprego. Isso marca a tendência da seita em se transformar em igreja. Nesse sentido, estamos de acordo com Berger quando diz que, em uma situação pluralista, as religiões se colocam, não como uma posição autoritária, mas lutam por "consumidores", numa situação de "mercado".

Se a rigidez na estrutura acaba por afugentar alguns devotos, por outro lado, é responsável pela própria permanência de muitos. Vários devotos declaram em seus depoimentos, que estão

realizados porque encontraram a "verdade absoluta" e não precisam mais preocupar-se com a busca de respostas. Ao nosso ver, trata-se de uma questão de acomodação, em que o devoto se sente "protegido" porque existe uma explicação cósmica que acaba justificando sua própria existência, de um determinado ponto de vista. Cremos que vários deles estavam em busca desse conforto.

Grande maioria da clientela religiosa do movimento Hare Krishna é composta por jovens de formação religiosa precária e praticamente nenhuma vivência. Quase todos são provenientes de famílias católicas das classes médias, oriundas dos grandes centros urbanos e com formação escolar até o 2º grau. A maior parte dos membros dos novos cultos ignoram quase completamente sua herança religiosa, mas se mostram insatisfeitos com o que viram, ouviram ou leram sobre o cristianismo. Na frustração com suas religiões anteriores encontram a utopia da plena realização, da perfeição mítica, num mundo a ser construído pelos homens, mas sob a vontade dos deuses. Como resposta à fragmentação, aparece a proposta utópica e unificada. Essa proposta permite a construção de uma identidade própria dos devotos de Krishna e a justificativa de uma determinada ocupação no interior do espaço social religioso.

A formação da identidade Krishna passa por vários estágios. Primeiramente a vida no templo, que aniquila completamente a identidade anterior e, em seguida, outros momentos marcam a passagem de um neófito até alcançar o mais alto grau, o de um devoto avançado: a iniciação, onde o indivíduo recebe um novo nome; uma segunda iniciação, e, finalmente, a última fase em que o devoto alcança o seu mais alto grau, o de

sannyasi.

Na análise à respeito da identidade do devoto, podemos dizer que os indivíduos que permanecem na ISKCON fazem um constante esforço para manter a sua condição de servo de Krishna. Esse esforço e as austeridades empreendidas servem para desenvolver um amor puro a Deus, que é extremamente difícil de ser alcançado, devido à condição inferior de homem e aos apegos materiais dos quais não se vêem livres, tão facilmente. A purificação da alma requer uma constante vigília sobre os pensamentos, ações e pronunciamentos de cada devoto. Um devoto precisa estar preparado para doar-se totalmente na tentativa de formular uma vida cotidiana de obediência e serviço, que lhe permita atingir a salvação.

MP.

27.5.98

GLOSSÁRIO

- Acharya** - mestre espiritual, guru.
- Adhikary** - termo que designa o estado de casado.
- Agni** - semideus controlador do fogo.
- Agni Hotra** - sacrifício de fogo.
- Aratik** - cerimônia diária de adoração das deidades.
- Asharama** - as quatro ordens espirituais; bramachary, estudante; grhasta, casado; vanaprasta, vida de retirado; sannyasi, renunciante.
- Asharam** - local de moradia do mestre espiritual e seus discípulos.
- Atman** - alma individual.
- Avatara** - uma encarnação divina, que vem ao mundo material com uma missão específica.
- Bhagavad Gita** - a principal escritura védica seguida pelo Movimento Hare Krishna.
- Bhagavan** - Deus, a verdade absoluta percebida como Pessoa Suprema.
- Bhakta** - um devoto, aquele que pratica a devoção; termo de designação dos devotos não-iniciados.
- Bhakti-yoga** - processo devocional espiritual e altruísta.
- Bhima** - um dos cinco irmãos Pandava (Bhagavad Gita).
- Bhishma** - um grande devoto e membro mais velho da família da dinastia Kuru (Bhagavad Gita).
- Bhoga** - pecado; comida impura, ainda não oferecida a Krishna.
- Bramachary** - estudante celibatário sob os cuidados de um mestre espiritual.

Brahma - primeira criatura viva do universo; semideus do modo da paixão.

Brahman - aspecto impressional e onipenetrante de Deus.

Dhoti - vestimenta masculina usual dos devotos vaishnavas.

Gayatri - mantra cantando apenas pelos brâmanes, que visa a realização espiritual.

Gokula - morada de Krishna e, também, nome daquele que cuida das vacas.

Gopis - vaqueiras de Vrindavana, cujo amor devocional por Krishna é narrado no Bhagavatam.

Goswami - mestre dos sentidos.

Govinda aratik - cerimônia de adoração à Govinda (aquele que dá prazer).

Grhastra - estágio de vida como casado, ordem espiritual.

Guna-avatars - as três deidades que presidem os três modos (gunas) da natureza.

Guru - mestre espiritual.

Gurukula - "ensino de mestre"; nome da escola do Movimento Hare Krishna.

Indra - rei dos planetas.

Japa - cantar suave dos santos nomes de Deus, executado com a ajuda de 108 contas de rezar (mala).

Jay - "salve"; saudação dada na hora de encontro dos devotos ou a um mestre espiritual.

Jiva - alma ou espírito eterno e individual.

Kanti - colar que identifica um devoto vaishanava.

Karma - 1. ação referente ao desenvolvimento do corpo material.
2. ação material que acarreta uma reação subsequente.

- Kartala** - pequenos pratos de metal com os quais os devotos executam as canções dos rituais de adoração.
- Kirtana** - o mesmo que sankirtana; cantar o nome de Krishna em grupo.
- Kuruksetra** - nome de um lugar sagrado em que se deu a batalha narrada no Bhagavad Gita.
- Mahabharata** - grande poema épico hindu que descreve a história da Índia. Inclui o Bhagavad Gita (6º canto).
- Maha mantra** - o canto dos santos nomes de Krishna. É tido como o mantra da liberação e o mais importante do Movimento Hare Krishna.
- Maharaja** - "grande rei"; título dados aos devotos mais avançados, os sannyasis.
- Mala** - espécie de rosário com 108 contas, que os devotos carregam a tiracolo.
- Mangole aratik** - nome da cerimônia matinal.
- Mataji** - "mãe"; termo que designa as mulheres do Movimento.
- Maya** - ilusão, energia que deixa o indivíduo longe de devoção.
- Mridanga** - tipo de tambor indiano usado no sankirtana.
- Murti** - imagem que representa algum deus ou mestre espiritual. Difere da deidade por não ter sofrido um processo de instalação.
- Nirvana** - fim de processo de vida materialista.
- Paramatma** - a superalma; o aspecto localizado do Senhor Supremo dentro do coração de todas as entidades vivas.
- Paramparā** - a sucessão discipular através da qual se transmite o conhecimento espiritual.

- Prabhu** - "senhor"; termo utilizado para chamar qualquer devoto.
- Prashada** - alimento oferecido a Krishna, que se espiritualiza ao ser oferecido e que pode purificar as entidades vivas.
- Pujari** - aquele que cuida das devoções e faz as oferendas nos rituais de adoração.
- Puranas** - livros antigos considerados pela ISKCON como parte do conhecimento védico.
- Radharani** - companheira de Krishna em seus passatempos de infância.
- Ramayana** - um dos dois grandes poemas épicos da Índia. Trata a respeito do deus Rama (rei perfeito).
- Sadhu** - homem santo, devoto.
- Sanatana** - eterno.
- Sanatana-dharma** - religião eterna do ser vivo; prestar serviço ao Senhor Supremo.
- Sannyasi** - ordem renunciada da vida; monge renunciado.
- Sansara** - a "roda" de repetidos nascimentos e mortes no mundo material, do qual o ser vivo pode escapar através de diversas disciplinas espirituais.
- Sankirtana** - canto dos santos nomes em público e, distribuição de livros feita pelos devotos.
- Sari** - vestimenta feminina.
- Shastra** - escritura revelada.
- Sika** - mecha de cabelo na parte posterior da cabeça que identifica um devoto vaishnava.
- Srimad-Bhagavatam** - (Bhagavata-Purana) - o mais popular dos dezoito puranas . Anuncia o caminho de bhakti (devoção) a Krishna.

- Swami** - "senhor dos sentidos"; título dado aos sannyasis.
- Tilaka** - argila tida como sagrada com a qual os devotos fazem, diariamente, doze marcas no corpo.
- Tulasi** - planta utilizada como tempero das comidas oferecidas a Krishna; é adorada como uma grande devota em forma de planta.
- Upanichades** - parte da literatura védica considerada "porções filosóficas".
- Vaishnava** - designação de um devoto de Vishnu ou Krishna.
- Vanaprasta** - vida retirada, na qual a pessoa deixa a casa e viaja de um lugar sagrado a outro preparando-se para a ordem renunciada da vida.
- Varna-ashrama** - antigo sistema védico que distribui a sociedade em quatro divisões sócio-ocupacionais, castas (varna) e quarto espirituais (ashrama).
- Vedas** - as quatro escrituras originais hindus reveladas: Rig, Sama, Yajur e Atharva; e seus complementos: os Puranas, Mahabharata, Vedanta-sutra etc.
- Yoga** - união da consciência da entidade viva com o ser Supremo, Krishna.

BIBLIOGRAFIA

- ACHARYADEVA, Hridayananda das. O livro de soluções. São Paulo, BBT, 1981.
- Soluções 2. São Paulo, BBT, 1982.
- Soluções para uma prosperidade objetiva. São Paulo, BBT, 1988.
- ALVES, Rubem. O enigma da religião. Campinas, Papirus, 1984.
- O que é religião. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- BELLAH, Robert N. "A Nova Consciência Religiosa e a Crise na Modernidade". Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, no 13/2, 1986.
- BERGER, Peter. O Dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo, Paulinas, 1985.
- Um rumor de anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis, Vozes, 1973.
- BLOCH, Ernest. El principio esperanza. Madrid, Aguillar, 1977. 3 volumes.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- "Les rites comme actes d' institution". Actes de la Recherche en Sciences sociales. Paris, vol 43, juin 1982.
- CASSIRER, Ernest. Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CLASTRES, Pierre. "Da tortura nas sociedades primitivas". A Sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

- CUNHA, Manuela Carneiro da. "Etnicidade: Da Cultura Residual, Mas Irredutível". *Antropologia do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- DANER, Francine. "Conversion to Krishna Consciousness. The transformation hippie to religious ascetic". in WALLIS, R. (ed.) *Sectarianism. Analyses of religious and non-religious sects*. London, Peter Owen Ltda, 1975.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1966.
- DUMONT, Louis. "Castas, racismo e estratificação", in AGUIAR, Neuma. *Hierarquias em classe*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- DURKHEIM, Emile. *Las formas elementares de la vida religiosa*. Buenos Aires, Ed. Schapire, 1968.
- ELIADE, Mircea. *Historia das crenças e das idéias religiosas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983. 3 tomos.
- . *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais: ensaios em religiões comparadas*. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- . *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- . "Paraiso y utopia: geografia mítica y escatologia". in MANUEL, F.E. (org.) *Utopias y pensamiento utópico*. Madrid, Espasa - Galpe, 1982.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GELBERG, Steven (ed.). *Hare Krishna, Hare Krishna*. New York, Grove Press, 1983.
- GUÉNON, René. *La crisis del mundo moderno*. Barcelona, Ed. Obelisco, 1982.

- HOPKINS, T. "Bhakti tradition and the task of cross-cultural transference: Krishna Consciousness comes west". in GELBERG, S. (org.) Hare Krishna, Hare Krishna. New York, Grove Press, 1983.
- HUBER, Joseph. Quem deve mudar todas as coisas: as alternativas do movimento alternativo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- JUDAH, J. Stillson. Hare Krishna and the counterculture. New York, John Willey & sons, 1974.
- JUNG, C.G. Psicologia e religião oriental. Petrópolis, Vozes, 1982.
- KNOTT, K. My Sweet Lord. The Hare Krishna Movement. Wellingborough, The Aquarian Press, 1986.
- KOLAKOWSKI, Leszek. "A Revanche do Sagrado na Cultura Profana". Religião e Sociedade. São Paulo, nº 1, maio 1977.
- LEGER, Daniele, "Apocalyptique écologique et 'retova' de la religion". Archives de sciences sociales des religions. 53/1 (jan-mars), 1982.
- LEVINE, F. The strange world of the Hare Krishnas. Greenwich, Fawcett Publications, 1974.
- LEVI-STRAUSS, Claude. "A eficácia simbólica". Antropologia estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- MANHEIM, Karl. Ideologia e utopia. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- MAUSS, Marcel. "As técnicas corporais". Sociologia e antropologia. São Paulo, EPU, 1974.
- NEEDLEMAN, Jacob. As novas religiões. Rio de Janeiro, Artenova, 1975.

- OTTO, Rudolf. Lo santo. Lo racional y lo irracional en la idea de Dios. Madrid, Alianza, 1980.
- PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta. A ciência da auto-realização. São Paulo, BBT, 1980.
- "Ensinamento da Rainha Kunti. São Paulo, BBT, 1982.
- "Krishna. A Suprema Personalidade de Deus. São Paulo, BBT, 1977, 3 volumes.
- "O Bhagavad-Gita como ele é. São Paulo, BBT, 1976.
- "O néctar da devoção. São Paulo, BBT, 1979.
- "Srimad-Bhagavatam. São Paulo, BBT, 1976 b. Livro II, canto IV.
- RENOU, Louis. Hinduismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.
- ROCHEDIEU, E. Antigos cultos. Lisboa, Verbo, 1983. (col. "Grandes Religião do Mundo").
- ROSEM, Steven. The life and times of Lord Chaitanya. New York, Folk Books, 1988.
- ROSZAK, Theodore. A contracultura. Petrópolis, Vozes, 1972.
- SATSVARUPA DASA. Introdução à filosofia védica. São Paulo, BBT, 1986.
- "Manual de reforma da vida. São Paulo, BBT, 1986 b.
- "Srila Prabhupada-lilamrita (Biografia de Prabhupada). São Paulo, BBT, 1982. 4 volumes.
- HINN, Larry. "Becoming a Hare Krishna Devotee: Who, Why an How?". in GELBERG, S. (ed.). Hare Krishna. Hare Krishna. New York, Grove Press, 1983.

- SOUZA, Beatriz Muniz de. A experiência da salvação pentecostais em São Paulo. São Paulo, Duas Cidades, 1969.
- SOUZA, Luis Alberto G. de. "Secularização em Declínio e Potencialidade Transformadora do Sagrado". *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, no 13/2, 1986.
- SZACKI, Jerzi. As utopias ou a felicidade imaginada. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VARRENE, Jean. "El hinduismo contemporáneo". in PUECH, H.C. Las religiones constituidas en Asia y sus contracorrientes. México, Siglo Veintiuno ed., 1982.
- WHITWORTH, John. "Communitarian Groups and the world". in WALLIS, R. *Sectarianism*, London, Peter Owen Ltda, 1975.

B
 177
 5
 885

DOAÇÃO	BC PIU
ENTIDADE	
VALOR	R\$ 30,00
DATA	06/06/95

Silva, Marcus Antonio Cavalcan
te

Os devotos do Divino uma comun
idade Hare Krishna em São Paul
o

39/S586d

(4807BC/95)